

Valéria Santos Brasil

O TRABALHO COM GRUPO DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO

AMBULATORIAL:

A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO, ACOLHIMENTO E

ELABORAÇÃO DA PALAVRA DO ADOLESCENTE

Belo Horizonte

Abril / 2010

Valéria Santos Brasil

O TRABALHO COM GRUPO DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO

AMBULATORIAL:

A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO, ACOLHIMENTO E

ELABORAÇÃO DA PALAVRA DO ADOLESCENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente, como requisito parcial à obtenção do título de doutor.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Assis Ferreira

Belo Horizonte

Abril / 2010

B823t Brasil, Valéria Santos.
O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial [manuscrito]: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente. / Valéria Santos Brasil. -- Belo Horizonte: 2010.
171f.
Orientador: Roberto Assis Ferreira.
Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.
Tese (doutorado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Saúde do Adolescente. 2. Psicologia do Adolescente. 3. Comportamento do Adolescente. 4. Identificação Social. 5. Percepção Social. 6. Adolescente. 7. Dissertações Acadêmicas. I. Ferreira, Roberto Assis. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. III. Título.

NLM: WS 462

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor: Prof. Clélio Campolina Diniz

Vice-Reitora: Prof^a. Rocksane de Carvalho Norton

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Ricardo Santiago Gomez

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Renato de Lima dos Santos

Faculdade de Medicina:

Diretor: Prof. Francisco José Penna

Vice-Diretor: Prof. Tarcizo Afonso Nunes

Coordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Manoel Otávio da Costa Rocha

Sub-coordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Joel Alves Lamounier

Chefe do Departamento de Pediatria: Prof^a. Maria Aparecida Martins

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente

Colegiado:

Coordenador: Prof. Joel Alves Lamounier

Sub-coordenadora: Prof^a Ana Cristina Simões e Silva

Prof. Jorge Andrade Pinto

Prof^a Ivani Novato Silva

Prof^a Lúcia Maria Horta Figueiredo Goulart

Prof^a Maria Cândida Ferrarez Bouzada Viana

Prof. Marco Antônio Duarte

Prof^a Regina Lunardi Rocha

Vivian Mara Gonçalves de Oliveira Azevedo – Representante Discente



FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

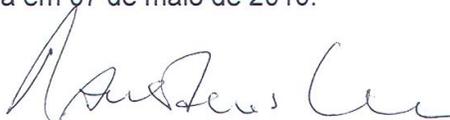
Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640
epg@medicina.ufmg.br

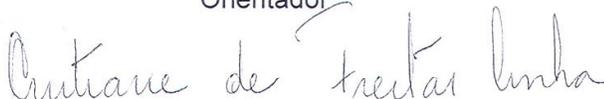


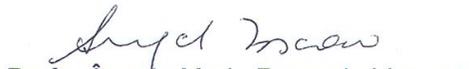
UFMG

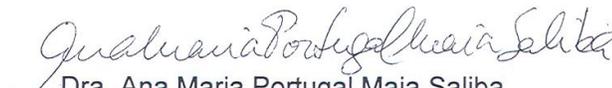
DECLARAÇÃO

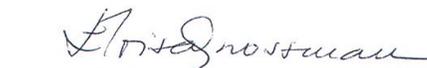
A Comissão Examinadora abaixo assinada, composta pelos Doutores: Prof. Roberto Assis Ferreira, Profa. Cristiane de Freitas Cunha, Profa. Ângela Maria Resende Vorcaro, Dra. Ana Maria Portugal Maia Saliba e Profa. Eloísa Grossman aprovou a defesa da tese intitulada: **“O TRABALHO COM GRUPO DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO AMBULATORIAL: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO, ACOLHIMENTO E ELABORAÇÃO DA PALAVRA DO ADOLESCENTE”** apresentada pela doutoranda **VALÉRIA SANTOS BRASIL**, para obtenção do título de Doutora em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em 07 de maio de 2010.


Prof. Roberto Assis Ferreira
Orientador


Profa. Cristiane de Freitas Cunha


Profa. Ângela Maria Resende Vorcaro


Dra. Ana Maria Portugal Maia Saliba


Profa. Eloísa Grossman



FACULDADE DE MEDICINA
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640
cpg@medicina.ufmg.br



UFMG

ATA DA DEFESA DA TESE DE DOUTORADO de VALÉRIA SANTOS BRASIL, nº de registro 2006218730. Às treze horas, do dia sete de maio de dois mil e dez, reuniu-se na Faculdade de Medicina da UFMG, a Comissão Examinadora de tese indicada pelo Colegiado do Programa, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: **“O TRABALHO COM GRUPO DE ADOLESCENTES NO CONTEXTO AMBULATORIAL: A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO, ACOLHIMENTO E ELABORAÇÃO DA PALAVRA DO ADOLESCENTE”**, requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Roberto Assis Ferreira, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do trabalho final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Roberto Assis Ferreira/ Orientador	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovada</u>
Profa. Cristiane de Freitas Cunha	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovada</u>
Profa. Ângela Maria Resende Vercaro	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovada</u>
Dra. Ana Maria Portugal Maia Saliba		Indicação: <u>Aprovada</u>
Profa. Eloísa Grossman	Instituição: NESSA/ UERJ	Indicação: <u>Aprovada</u>

Pelas indicações a candidata foi considerada Aprovada

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 07 de maio de 2010.

Prof. Roberto Assis Ferreira/ Orientador Roberto Assis Ferreira
 Profa. Cristiane de Freitas Cunha Cristiane de Freitas Cunha
 Profa. Ângela Maria Resende Vercaro Angela Maria Resende Vercaro
 Dra. Ana Maria Portugal Maia Saliba Ana Maria Portugal Maia Saliba
 Profa. Eloísa Grossman Eloisa Grossman
 Prof. Joel Alves Lamounier/Coordenador Joel Alves Lamounier

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente Faculdade de Medicina - UFMG

Para Mário Lúcio, Daniel e Arthur,
queridos companheiros de mais uma travessia

AGRADECIMENTOS

Ao professor *Dr. Roberto Assis Ferreira*, meu orientador, pela confiança, disponibilidade e escuta precisa.

À *Márcia Rocha*, pela amizade construída em torno desta experiência clínica e pelo apoio decidido nos vários momentos de elaboração deste estudo.

Aos *adolescentes* que participaram dessa pesquisa, por terem compartilhado, generosamente, suas experiências comigo.

Aos colegas do *Setor de Saúde do Adolescente*, em especial, à *Solange Miranda*, pelo incentivo a persistir neste caminho de pesquisa.

Aos colegas do *Departamento de Terapia Ocupacional (EEFFTO / UFMG)*, pelo apoio e reconhecimento do meu trabalho.

Aos colegas do *Aleph Escola de Psicanálise*, em especial, àqueles do *Espaço de Psicanálise com Criança e Adolescente*, pela firme interlocução sobre a teoria e a clínica psicanalítica.

À minha mãe, *Maria Helena*, por suas palavras carinhosas e sua confiança incondicional.

Ao meu marido *Mario Lúcio*, pelo amor, paciência e dedicação.

Aos meus filhos, *Daniel e Arthur*, por compreenderem minha falta de tempo e pelo incentivo constante.

À *Esmeralda Ferreira*, pela dedicação ao meu lar durante esse período, o que me permitiu tranquilidade para me empenhar nesta pesquisa.

RESUMO

Este estudo intitulado: “O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente” consistiu em um trabalho que teve o propósito de pesquisar a adolescência e essa modalidade de atendimento. Verificou-se que a adolescência tem se tornado um foco de investimento dos profissionais das áreas da saúde e da educação, uma vez que é necessário criar estratégias de suporte e de tratamento para que os jovens encontrem espaços de apoio clínico e de reconhecimento social. O grupo que se constituiu em objeto deste estudo surgiu no contexto dos atendimentos já existentes do Setor de Saúde do Adolescente, que está vinculado ao Hospital das Clínicas/UFMG. A fundamentação teórica que norteou esta pesquisa teve sua vinculação ao campo psicanalítico. O grupo foi composto por 10 adolescentes, de ambos os sexos, com idades variando entre 14 a 17 anos, independentemente de um diagnóstico clínico. Foram realizados 25 encontros no total, acontecidos com uma periodicidade semanal. As temáticas abordadas no grupo surgiram espontaneamente, com destaque para as relações familiares, os relacionamentos afetivos e sociais e o futuro profissional. A condução do grupo possibilitou um desdobramento desses temas, incentivando a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente. Foi constatada, então, a efetividade do trabalho com grupo de adolescentes, enquanto uma perspectiva de enlaçamento que não se pretendeu fechada, uma vez que impulsionou a abertura para a construção de novos laços sociais.

Palavras-chave: adolescência, trabalho com grupo de adolescentes, referencial psicanalítico.

ABSTRACT

The study entitled: "Working with a group of adolescents in an ambulatory context: constructing a space of circulation, receptiveness and elaboration of adolescent's word" constituted a work that aimed to research the adolescence and this modality of care. It was observed that adolescence has become a focal area of investment for health and education professionals, since it is necessary to develop support and treatment strategies enabling young people to find spaces of clinical support and social recognition. The group that was the object of this study was formed in the context of the ongoing visits to the *Setor de Saúde do Adolescente* of the *Hospital das Clínicas/UFMG*. The theoretical foundation that guided this research was linked to the psychoanalytic field. The group consisted of 10 adolescents of both genders, aged between 14 and 17 years old, regardless of the clinical diagnosis. A total of 25 weekly encounters were performed. The themes discussed by the group were spontaneously chosen, the most noteworthy being family relations, affective and social relationships, and professional future. The group guidance allowed these themes to be further developed, encouraging the construction of a space of circulation, receptiveness and elaboration of adolescent's word. It was thus observed the effectiveness of the work with the group of adolescents as a facilitator of new connections, catalyzing the construction of further social links.

Key words: adolescence, group work with adolescents, psychoanalytic framework.

“Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a
fazer outras maiores perguntas.”

Grande sertão: veredas

Guimarães Rosa (1963)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1 A adolescência na contemporaneidade	18
2.2 Revisão histórica da Teoria de Grupo e perspectivas atuais	26
2.3 A atenção à saúde do adolescente no contexto institucional	38
3 OBJETIVOS	45
3.1 Objetivo geral	
3.2 Objetivos específicos	
4 PERCURSO METODOLÓGICO	46
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	
5.1 A constituição do grupo	55
5.2 Os encontros do grupo	64
6 ELABORAÇÕES POSTERIORES (CATEGORIAS DE ANÁLISE)	
6.1 Relacionamentos afetivos e sexualidade	105
6.2 Relações familiares na adolescência	113
6.3 A passagem do laço familiar à vida social	122
6.4 O percurso do trabalho de grupo	133
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS	150

APÊNDICES

Apêndice A: Texto informativo sobre o estudo	159
Apêndice B: Roteiro para entrevista com adolescentes	160
Apêndice C: Termo de consentimento para os pais dos participantes do estudo.....	162
Apêndice D: Termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes do estudo	164
Apêndice E: Termo de consentimento do Setor de Saúde do Adolescente	166
Apêndice F: Termo de consentimento do Ambulatório Bias Fortes	168
Apêndice G: Questionário de avaliação parcial do Grupo de Adolescentes e análise dos resultados	170
Apêndice H: Questionário de avaliação final do Grupo de Adolescentes e análise dos resultados	177

1 INTRODUÇÃO

A adolescência não é uma fase natural ou universal do desenvolvimento do indivíduo. É uma resposta do sujeito¹ ao impacto provocado pela puberdade, quando esta se instala causando efeitos de estranheza, devido a intensas transformações que se iniciam no corpo e transbordam para as relações familiares e sociais. Essa condição situa os adolescentes num entre o mundo infantil e o do adulto, lugar que, atualmente, carece de um estatuto simbólico eficiente para minimizar os riscos de uma passagem tumultuada.

Assim, a travessia da adolescência se apresenta como um desafio para pais, educadores e a sociedade em geral, visto que, muitas vezes, os adolescentes se encontram vulneráveis, por não conseguirem responder às exigências de reconstrução do seu referencial identificador, que lhe são demandas desde seu corpo até o mundo à sua volta.

Cada vez mais, a adolescência tem se tornado um foco de investimento dos profissionais das áreas da saúde e da educação, de programas governamentais e não governamentais, tanto no sentido da promoção quanto da atenção ao adolescente, uma vez que é necessário criar estratégias de suporte e tratamento, para que os jovens encontrem espaços de apoio clínico e de reconhecimento social.

Essa preocupação sempre orientou o trabalho do Setor de Saúde do Adolescente (Hospital das Clínicas/UFMG), que iniciou suas atividades em 1993 e, atualmente, se organiza a partir de três eixos principais – assistência, ensino e pesquisa. Essas

¹ Esse sujeito é demarcado pelo campo da psicanálise como efeito da ordem simbólica que o constitui, ou seja, o conjunto de tudo aquilo que, desde o *exterior*, produz, determina e sustenta a subjetividade humana (RASSIAL, 1999, p.26).

atividades são interligadas e têm como referência o atendimento interdisciplinar do adolescente. Na medida em que o trabalho vai sendo ampliado, se criam novos modelos de atendimento e se abre maior espaço para aqueles interessados em aprimorar a formação nessa área.

Nossa inserção nesse Setor, desde o ano 2000, principalmente enquanto participante dos atendimentos a grupos de adolescentes, foi decisiva para a escolha desta pesquisa, que surgiu das frequentes indagações, tanto pessoais, quanto da equipe envolvida neste trabalho. Essa modalidade de atendimento já era uma prática instituída desde 1994, quando esses grupos foram propostos, basicamente, com uma finalidade educativa. Ao longo dessa experiência inicial, foram se constituindo num espaço de alcance terapêutico, privilegiando o compartilhamento de experiências e a construção conjunta de um saber sobre a passagem da adolescência.

Entretanto, era consenso que essa experiência carecia de maior sistematização, que viabilizasse a verificação de sua abrangência clínica e a transmissão dos conhecimentos produzidos. Dessa forma, o incentivo do Setor de Saúde do Adolescente foi fundamental para a concretização deste estudo. Inicialmente, por meio dos encaminhamentos dos participantes e, posteriormente, acompanhando sua execução, essa parceria propiciou uma constante interlocução no decorrer desta pesquisa.

Desse modo, o grupo que se constituiu em objeto deste estudo surgiu no contexto dos atendimentos em grupo do Setor de Saúde do Adolescente, embora sua proposta se distinguisse das demais, na medida em que o propósito de pesquisar a adolescência e essa modalidade de atendimento foi explicitada aos adolescentes, desde o momento das entrevistas iniciais. Certamente essa característica trouxe um diferencial ao grupo, que será trabalhado posteriormente.

Trataremos no segundo capítulo da *Fundamentação teórica* que norteou esta pesquisa, ressaltando sua vinculação ao campo psicanalítico. Primeiramente, discorreremos sobre a especificidade do trabalho psíquico demandado ao adolescente na contemporaneidade, enfocando a apropriação de um referencial identificador pautado pelos desdobramentos relativos ao acontecimento pubertário.

Num segundo momento, considerando que a experiência clínica desta pesquisa aconteceu via um trabalho com grupo de adolescentes, fazemos uma revisão histórica da teoria de grupo e de suas perspectivas atuais. Para finalizar, contextualizamos esta pesquisa no campo da atenção à saúde do adolescente, justificando sua pertinência no espaço ambulatorial do Hospital das Clínicas / UFMG.

No quarto capítulo, denominado *Percurso Metodológico*, explicitamos os referenciais teórico-clínicos desta pesquisa, com destaque especial para a metodologia clínico-qualitativa concebida por Egberto Turato, uma vez que ela se apoia numa interlocução com pressupostos psicanalíticos, desde o desenho da pesquisa até a interpretação dos resultados.

Já no quinto capítulo, relativo à *Discussão dos Resultados*, propomos uma descrição crítica do percurso do grupo de adolescentes e, simultaneamente, sua análise, considerando que esses dois processos são, por princípio, indissociáveis e atrelados à subjetividade do pesquisador. Essa premissa vai orientar a discussão dos resultados, que se inicia desde a constituição do grupo para, depois, trabalhar a evolução dos seus encontros até sua finalização.

No sexto capítulo, nomeado *Elaborações Posteriores*, elegemos as temáticas que mais se destacaram nas discussões realizadas pelos adolescentes, ao longo dos encontros do grupo e que foram, num segundo momento, ratificadas nas avaliações. Essas elaborações, alcançadas a partir de um distanciamento necessário do

impacto inicial dos resultados, refletem um retorno renovado a esses dados, que foram categorizados como: *relacionamentos afetivos e sexualidade; relações familiares na adolescência; a passagem do laço familiar à vida social, e, o percurso do trabalho de grupo.*

Nas *Considerações finais* delineamos uma conclusão *em aberto*. Esta perspectiva aponta para a efetividade do trabalho com grupo de adolescentes, enquanto uma possibilidade de enlaçamento que não se pretende fechado, impulsionando uma abertura para a construção de novos laços sociais.

Num primeiro momento, verificamos que o grupo em estudo se estruturava a partir da identificação especular de um ao outro. Os participantes buscavam esse reconhecimento com o propósito de minimizar os *vacilos* de cada um, na construção dessa imagem devotada ao seu semelhante. Num segundo momento, percebemos que os participantes já se autorizavam a sustentar uma aproximação com o desejo, por meio de falas que expunham suas diferenças e expandiam suas posições subjetivas para o campo do Outro². É importante destacar que, se isso não vigorou para todos, ficou, entretanto, evidente em alguns. No terceiro tempo do grupo, as perdas ficaram mais evidentes com as interrupções de alguns adolescentes. Apesar do mal-estar suscitado nesta experiência, tais acontecimentos fizeram o grupo dar um passo a mais, ao dar suporte ao desafio de conviver com a falta desses jovens.

² O *campo do Outro* é o que preexiste ao sujeito e que se presentifica na cultura e na estrutura de linguagem. Na concepção de Lacan designa um lugar simbólico onde o sujeito se inscreve; é o próprio inconsciente, o tesouro de significantes, que vai determinar o sujeito. É grafado com maiúsculo para não ser confundido com o *outro* - com minúsculo -, que designa o semelhante.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A adolescência na contemporaneidade

Estudos da sociologia mostram que o surgimento do termo *adolescência*, tal como o senso comum entende hoje, apareceu ao final do século XVIII, coincidindo com o ideário da revolução francesa, particularmente no livro *Emílio de Rousseau* (1762). Evidenciava-se, assim, a necessidade da sociedade daquela época em designar essa categoria etária a fim de integrá-la, para exercer sobre ela e sobre a infância um controle social distinto daquele do adulto. Desse modo, a adolescência é uma invenção própria da sociedade industrial, ligada às leis trabalhistas e ao sistema educacional. Conforme Ariès (1986), a especificidade da adolescência foi reconhecida e emergiu com a escolarização, que pressupõe a separação entre seres adultos e seres em formação e a responsabilização da sociedade por esses últimos. Ao término do século seguinte começou a se firmar o interesse pela adolescência, que se tornou tema literário e preocupação de moralistas e políticos, que insistem nos métodos educativos e coercitivos, considerando o jovem perigoso (COTTET, 1996). Gradualmente, a adolescência foi se consolidando como uma etapa da vida e tornou-se um fenômeno universal, de ampla repercussão social.

Já no início do século XX, a adolescência surgiu de uma forma totalmente nova, ao se estabelecer um funcionamento psíquico próprio para o adolescente, diferente daquele da criança e do adulto, com o objetivo de se instituir uma disciplina sobre os jovens. Posteriormente, a adolescência tornou-se um traço identificatório para os sujeitos de uma determinada faixa etária, o que justificou, a partir daí, os estudos que verificariam o surgimento desse novo traço.

A adolescência é um desdobramento do evento da puberdade, que determina a maturação corporal e genital, colocando o sujeito humano em condições de viver a genitalidade e de se reproduzir. No entanto, considerando que os fatos biológicos

inerentes à condição humana são sempre (re-)significados pela cultura, é a esse processo de (re-)significação da puberdade que chamamos de adolescência.

Dentre os diversos campos teóricos que se ocupam da adolescência destacaremos a psicanálise, por ser o referencial que nos orienta ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Freud (1905), seu fundador, investigou essa temática pela vertente do estudo da sexualidade, conceito que ele amplia para além do sentido de genitalidade, demonstrando sua presença desde o nascimento da criança, enquanto uma energia pulsional que liga o *infans* ao outro materno. Segundo Moreira (2000), a partir das formulações freudianas surgiram leituras posteriores que originaram três correntes de posicionamentos distintos. Uma corrente é nomeada *Psicanálise Culturalista*, que se define por uma valorização do ego e do conceito de identidade, cujo grande expoente é Erick Erikson; outra corrente, reconhecida como a *Teoria das Relações Objetais*, parte das proposições de Melaine Klein; e, finalmente, a *Psicanálise Estruturalista*, representada pelas elaborações de Jacques Lacan, psicanalista francês.

Erickson, psicanalista alemão naturalizado americano e um dos teóricos da *Psicologia do Desenvolvimento*, coloca maior ênfase nos processos do ego e da consciência, do que nos processos inconscientes. Ele organiza o desenvolvimento humano em estágios psicossociais, interessando-se mais pelas demandas culturais e sociais dirigidas ao ser humano do que pela organização libidinal ou os estágios psicosexuais da constituição do sujeito, tal qual proposto por Freud. De acordo com referencial ericksioniano, a adolescência se desenvolve em torno da definição de identidade. Os conflitos ou crise próprios dessa fase instalam-se entre a aquisição da *identidade versus confusão de papéis*, a partir de três elementos: a identidade sexual, a identidade profissional e a identidade ideológica.

Ainda segundo Moreira (2000), a *Teoria das Relações Objetais* coloca a ênfase de seu trabalho sobre a influência da experiência da criança com as figuras parentais, especificamente nas marcas que essas figuras produzem no inconsciente dos sujeitos. Aberastury e Knobel (1981), psicanalistas argentinos representantes desse pensamento, denominam a fase da adolescência “*Síndrome Normal da*

Adolescência”, cuja grande tarefa é a realização do luto pela perda da estrutura infantil, o que significa o luto pelo corpo, pela identidade e pelos pais da infância.

Já a teoria psicanalítica elaborada por Lacan (1953-54) operou um retorno aos escritos de Freud, enfatizando a formulação do inconsciente “*estruturado como uma linguagem*” e como fator decisivo na constituição do “*sujeito dividido*”³, que é distinto de um todo unitário identificado à consciência. A linguagem é o campo em que esse sujeito se constitui; uma linguagem que não se reduz às palavras, mas estende-se a uma rede de significantes, que preexistem ao sujeito e estão na cultura, ordenados por uma lei simbólica. Os autores que coadunam o pensamento lacaniano, segundo Cottet (1996, p.8), levam em conta o esforço de Lacan, “[...] de arrancar a criança e o adolescente de uma abordagem evolucionista ou de estágios, para introduzir critérios unicamente estruturais”. Assim, investigam a adolescência a partir do reposicionamento desse sujeito adolescente, frente à sexualidade e às possibilidades de estabelecer novos laços sociais. A seguir passamos a discorrer sobre algumas dessas elaborações.

Segundo Ruffino (1993), esse fenômeno da adolescência era restrito à civilização ocidental e, mesmo no ocidente, não era verificável antes do período dito da modernidade. Nas sociedades primitivas, os rituais de passagem tinham por função submergir o jovem num banho de símbolos, tornando possível uma atribuição de sentido ao que o esperava após a puberdade. Nessas culturas, a transição da infância à condição de jovem adulto era facilitada por práticas sociais que dispensavam o acontecimento da adolescência. Só se tornou necessário ao jovem adolecer quando a eficácia com a qual a sociedade pré-moderna dotava aos ritos tradicionais desapareceu da vida social e das práticas comunitárias. A modernidade passou a privilegiar a produção de efeitos universalizantes sobre o modo de vida, em detrimento dos laços tradicionais e comunitários que uniam cada grupo social às suas origens históricas e culturais.

³ O sujeito, em oposição à noção de indivíduo, irá se constituir enquanto sujeito dividido, pois resulta de uma operação em relação ao campo do Outro, da linguagem, que, por sua vez, também é incompleto, sendo impossível apreendê-lo todo.

Isto provocou, na civilização ocidental, a perda do vigor de dispositivos sociais que operavam de modo a amenizar o impacto pubertário e as exigências sociais que recaíam sobre o adolescente. Na ausência dos rituais acima referidos, o apelo corporal e social atinge o jovem sob a forma do não-simbolizado e ele não tem como responder a esse apelo senão pela produção do adolecimento (WEINBERG, 2001). Consequentemente, a passagem da criança ao jovem adulto tornou-se problemática, pois o sujeito púbere passou a lidar sozinho com essa questão, restando-lhe atravessar o processo de adolecer solitariamente. Aquilo que os dispositivos culturais tradicionais realizavam num período bastante curto precisará durar um tempo maior na pós-modernidade, uma vez que se torna necessário um trabalho de elaboração desse processo.

Essa evidência nos leva a pensar que, de fato, a adolescência não se restringe a um parâmetro etário, no qual se transita pela mera passagem do tempo. Para Rappaport (1993), longe de ser puramente biológica ou social, a adolescência é antes um produto do conflito pubertário e da intensificação das exigências sociais que incidem sobre o jovem que deixou a infância. O que se destaca no processo de adolecer são as mudanças subjetivas que o sujeito terá que operar para dar conta das transformações que o conduzem à maturidade genital.

Rassial (1999) entende a complexidade da adolescência como uma reprodução subjetiva provocada por algo de atordoante advindo do Campo do Outro, enquanto tentativa de simbolização desse encontro com o real ⁴ para o jovem púbere. Nessa vertente, a adolescência é definida como trabalho psíquico, e a tarefa a ser realizada é um trabalho de luto. Não, primordialmente, um luto pela infância perdida tal como definem Aberastury e Knobel (1981), mas antes se trata de um luto por certa forma de eficácia simbólica extinta. O tempo da adolescência é, pois, um tempo de realização de tarefas psíquicas que conduz o adolescente à construção de sua subjetividade. Esse processo é mediado pelos valores do grupo social de

⁴ A noção de real nos remete ao que escapa do domínio da linguagem e do simbólico, pois resiste à significação. Sendo impossível de ser representado, pode ser apenas demonstrável. Segundo Lacan, juntamente com os registros do imaginário e do simbólico compõe a realidade psíquica, dando consistência ao inconsciente freudiano.

pertencimento do jovem e pelas significações engendradas pelas categorias de gênero, classe social, raça e geração (RUFFINO, 1993).

Há uma mudança fundamental no valor do corpo em relação à infância, segundo Rassial (1997), uma vez que agora a genitalidade é privilegiada e deverá ser reconhecida nesse corpo - desejável e desejante -, pelo olhar de um semelhante, e não mais pelos pais. Essa modificação põe à prova a estruturação da imagem corporal do adolescente, provocando uma oscilação entre a afirmação de sua identidade e a necessidade de conformidade em relação ao seu grupo de pares, na tentativa de conquistar a identidade sexual adulta.

É no momento da adolescência que se conjugam o desejo e a possibilidade real do ato sexual, demarcando os limites da onipotência infantil. Freud (1905) vai indicar que esse desafio é viabilizado pela elevação da libido, que se dirige a um novo objetivo sexual e escolha de objeto, assim como, pelo afrouxamento dos laços com a família, em decorrência da construção da barreira contra o incesto. De acordo com Dias (2000, s/p.), “[...] esse encontro com o desejo, se bem-sucedido, permitirá a apropriação de um novo corpo – o corpo sexuado, afetando não só a relação com o Outro parental, como também a relação com o outro semelhante”.

Na mesma direção, Lacadée (2007) pontua que a adolescência é o momento lógico para o sujeito, em que se opera a desconexão entre seu ser como criança e seu ser como homem ou mulher, no qual surge a dimensão do ato, de modo inédito, na ligação do sujeito com o seu corpo. Esse ato, à medida que engendra o novo, procura um lugar onde ser autenticado – *operação* essencial para o adolescente. Nesse tempo de transição, o corpo é o lugar privilegiado, onde se atualizam sensações indizíveis e questões identificatórias, dando ao sujeito, mesmo que imaginariamente, alguma ideia dele mesmo.

O jovem protege e machuca esse corpo, cuida e o maltrata, ama-o e odeia-o com intensidade variável, ligada à sua história pessoal e à capacidade dos próximos em oferecer limites necessários para refrear o desregramento dessas sensações. Quando esses limites faltam, o jovem os procura na superfície do corpo. Experimentar limites físicos, colocá-los em jogo, senti-

los e domá-los para que possam abrigar o sentimento de identidade (Lacadée, 2007, s/p).

Ao entrar na puberdade, o sujeito faz vacilar a crença nos ideais familiares, abrindo espaço para outras identificações - típicas dos grupos de adolescentes -, como a adoção de costumes que se contrapõem aos da família, e o surgimento de uma tendência à transgressão. Em busca da reconstrução da identidade, o adolescente vai estabelecer relações com substitutos reais ou imaginários dos pais, que possibilitarão ao jovem guiar-se nesse deslocamento da família para novos laços sociais.

O adolescente é confrontado com a necessidade de estabelecer definições e fazer escolhas, que brotam dele mesmo, da família e do grupo social. Ao tentar reconstruir suas identificações, deixa-se influenciar e, ao mesmo tempo, influencia ativamente as ideias e os movimentos da sociedade. Procura desenvolver um projeto de vida para si próprio e, para tanto, precisa definir-se como homem ou mulher, escolher uma profissão, posicionar-se socialmente. De fato, busca o exercício da genitalidade, não mais apenas no nível imaginário das mudanças na relação com o Outro (RAPPAPORT, 1993).

Em *Os complexos familiares* (1938), Lacan situa na adolescência a emergência dos ideais, que ele chama, nessa época, de viril no rapaz e de virgindade nas moças, ideais que, quando aproximados se mostram totalmente descontraídos, perturbadores do suposto e desejável “[...] encontro harmonioso com o parceiro sexual”, segundo Cottet (1996, p.18). Este ponto vai ser referendado em vários textos lacanianos posteriores, entre eles, *O aturdido* (1973, p.454), quando Lacan vai afirmar que “[...] não há relação sexual”, pois a diferença entre os sexos é real, irreduzível e não guarda proporção nenhuma, tornando esse encontro sempre faltoso.

A adolescência afeta a família e seu estilo de vida, pois desestabiliza e provoca novos ajustes em sua dinâmica, mais do que em qualquer outro tempo de sua existência. O adolescente, tentando descobrir outras direções e formas de vida, desafia e questiona a ordem familiar, até então estabelecida. Assim, as relações oscilantes de dependência/independência vivenciadas por ele criam tensões e instabilidades familiares, o que frequentemente leva a conflitos de menor ou de maior intensidade (CRUZ, 2007).

Essa situação complica-se pela própria atitude dos pais, pois, enquanto participantes ativos no processo, são solicitados pelas mudanças dos filhos e pelas suas próprias mudanças. Reconhecer o acesso à genitalidade dos filhos é (re-)situar-se em relação à própria sexualidade, à maternidade ou paternidade e à morte (RAPPAPORT, 1993). Freud, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), já afirmava que uma das mais dolorosas realizações psíquicas do período puberal é “[...] o desligamento da autoridade dos pais, um processo que, sozinho, torna possível a oposição, tão importante para o progresso da civilização, entre a nova geração e a velha (FREUD, 1905, p. 234).

Ao trabalhar as intrincadas relações familiares, Lacadée (2006) comenta que, antigamente, quando a família se apoiava na autoridade paterna, o sujeito sabia de seu pertencimento e se referia a ele. Hoje, no entanto, é reconhecido que essa autoridade familiar se enfraqueceu, o que leva esse autor recorrer ao texto de Lacan, *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938) para tecer um importante comentário.

No seio da família moderna dita conjugal, a questão da autoridade não é mais suportada pela simples “imagem paterna”, que, em declínio social, leva o sujeito em direção a uma “subversão criadora”. Ele (Lacan) afirma, então, que não está “entre os que se afligem com um pretensão afrouxamento dos laços de família” e abre a via da prudência clínica e ética em relação a todos os mestres cegos que querem, em nome da Lei, restabelecer a autoridade do pai ou da família, desconhecendo, assim, o alcance subjetivo dessa *subversão criadora* (LACADÉE, 2006, p.7).

Essa perspectiva traz uma alternativa para o impasse vivido pela família contemporânea e nos indica uma abertura para se escutar com mais cuidado o

empenho do adolescente em conceber seu lugar no social. Um lugar no qual o jovem pudesse localizar-se e endereçar seu sofrimento, advindo do mal-estar que o afeta, e que, em princípio, é resultado de um encontro traumático que escapa ao sentido.

Acreditamos que essa elaboração é particularmente significativa quando lançada sobre o desafio maior da adolescência enfatizado por Freud, e que se traduz na efetivação da passagem pelo jovem adolescente, do desligamento da autoridade familiar para o laço social. Conforme nos lembra Lacan, para além do declínio da imago paterna que modificou a relação familiar, também se abriu espaço para outras versões do pai, versões que, à maneira do sintoma, podem escrever a dimensão de uma subversão criadora. O termo subversão sugere o deslocamento de questões que encontram outras soluções e novos sentidos, indicando a possibilidade de um exercício criativo com a palavra e com a subjetividade.

2. 2 Revisão histórica da Teoria de Grupo e perspectivas atuais

Do ponto de vista histórico, é consenso entre os autores que a utilização de técnicas de grupo na área da saúde iniciou-se na primeira década do século XX, com o médico americano Joseph Pratt, no Hospital John Hopkins, em Massachusetts. Pratt e seus seguidores empregaram um método reconhecido posteriormente como *Psicoterapia pelo grupo* com doentes crônicos hospitalizados. Foi possível constatar que esses doentes reagiam melhor aos cuidados médicos, quando participavam de reuniões grupais com outros pacientes, por meio da utilização de recursos pedagógicos. De estrutura paternal, esses grupos fomentavam a idealização do terapeuta que atuava *pelo grupo*, ao manipular e controlar as emoções coletivas do mesmo, via mecanismos de sugestão. Um desmembramento posterior dessa corrente irá ter uma estrutura fraternal ao estimular a homogeneização dos integrantes para obter efeitos terapêuticos, a exemplo dos grupos de *Alcoólicos Anônimos* (GRINBERG, LANGER e RODRIGUÉ, 1976).

Desde então, inúmeros profissionais, de diferentes orientações teóricas, desenvolveram conceituações próprias a partir de diversas experiências clínicas com grupos, buscando uma sistematização das técnicas de atendimento. Além disso, a prática da psicoterapia de grupo tem estado sob a influência de muitas disciplinas, tais como: a psiquiatria, a psicologia, a sociologia e a educação entre outras. Conseqüentemente, observamos que esse é um campo de difícil delimitação conceitual (BENTO, 2006). Entretanto, de modo geral, podemos demarcar três grandes correntes: a primeira de base gestáltica, cujo representante maior foi Kurt Lewin, fundador da teoria dos pequenos grupos. A segunda, de base psicanalítica, com destaque para psiquiatras ingleses: Foulkes, Bion e Rickmann. A terceira, desenvolvida por Pichon-Rivière e denominada *Teoria de Grupos Operativos*, que teve como mérito a articulação das teorias anteriores.

A partir da década de 30, as contribuições de Lewin marcaram consideravelmente todos os estudos que vieram a seguir. Reconhecido como fundador da teoria dos pequenos grupos e da pesquisa-ação em psicologia social, analisava o grupo como um campo de forças, cuja dinâmica resultava da interação dos seus componentes

em um espaço psicossocial. Dessa forma, a noção de grupo não se restringiria à somatória dos sujeitos, ampliando-se para um conjunto de relações em constante movimento, com estrutura e dinâmica próprias. A estrutura diz respeito à forma de organização, a partir da identificação entre seus membros, enquanto a dinâmica se relaciona às forças de coesão e dispersão do grupo. Esse grupo se envolve em um processo de comunicação subjetivo, inserido em um dado contexto histórico-social, o que implica a possibilidade de compartilhar valores e práticas sociais (LEWIN, 1988).

Quanto à segunda corrente, apesar de partir de pressupostos advindos da psicanálise, sua leitura se diversificou tanto quanto as próprias escolas psicanalíticas. Entretanto, podemos afirmar que não existe nenhuma tendência que não tenha incorporado elementos teóricos ou técnicos de outras (BAREMBLITT, 1986). Na tentativa de compreender e aplicar os principais conceitos da psicanálise às formações grupais, alguns autores psicanalíticos contemporâneos foram se agrupando em escolas, como a francesa, cujos expoentes são D. Anzieu e R. Kaës. De modo geral, esta é nomeada *Psicanálise das Configurações Vinculares* ou *Psicanálise Vincular*, por trabalhar no âmbito das famílias, dos casais, dos grupos e das instituições.

Na Inglaterra surgiram os trabalhos de S. Foulkes e H. Ezriel, que deram origem à chamada *Psicoterapia Grupo Analítica* ou *Grupoanálise*, que visa tornar conscientes elementos que foram recalcados na rede e no processo grupal (AFONSO, 2002). Os conceitos de grupo como matriz psíquica e ressonância fantasmática provêm dessa corrente. Outra escola expressiva teve origem na Argentina, com destaque para Berenstein, Bleger, Grinberg, Langer, Rodrigué e Pichon-Rivière. Segundo Bento (2006), essas escolas se propunham o desafio de desenvolver uma técnica de *psicoterapia de grupo*, considerando ser esta uma técnica equivalente a um trabalho de análise individual.

Temos ainda que ressaltar a teoria de *Grupos Operativos*, elaborada por Pichon-Rivière na década de 40, que articulou premissas psicanalíticas com a Teoria de Campo de Kurt Lewin. Essa proposição dá grande importância aos vínculos sociais, considerando-os a base para os processos de comunicação e de aprendizagem.

Para Pichon-Rivière (2005), o grupo funciona como um conjunto de pessoas que se propõe implícita e explicitamente à realização de uma tarefa e, para tanto, estabelece vínculos entre si. A tarefa externa é delimitada pelos objetivos que o grupo assumiu, enquanto a interna vai focar os processos vividos pelo grupo no plano inconsciente. Isto significa colocar-se em trabalho numa dimensão racional e afetiva, o que faz o grupo rever sua organização e seus conflitos numa constante reestruturação do processo grupal. Tarefa e afeto compõem, assim, a esfera grupal e são interdependentes. O grupo operativo se propõe a trabalhar esses dois elementos principais para que o objetivo formulado pelo grupo possa ser alcançado.

Os grupos operativos servem de base para as práticas de intervenção psicossocial, seja em contexto pedagógico, clínico, comunitário ou de política social. Especificamente nos campos da saúde e da educação ou, até mesmo, na interseção dessas duas áreas, as intervenções em grupo recebem, muitas vezes, a nomeação de oficinas, conforme explicita Afonso (2002, p.34).

Como método de intervenção psicossocial, a oficina busca suas bases na teoria dos grupos dentro de um contexto sócio-cultural. Ela não é um grupo de psicoterapia e nem um grupo de ensino. Na esteira do “grupo operativo e do “círculo da cultura”, a oficina pretende realizar um trabalho de elaboração sobre a interrelação entre cultura e subjetividade.

No entanto, a partir de agora, numa tentativa de circunscrever o campo conceitual psicanalítico que foi destacado nesta pesquisa, retomaremos algumas formulações freudianas.

No texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), Freud inicia com uma reconhecida passagem que propõe equacionar a separação entre o indivíduo e o coletivo, afirmando que a psicologia individual é, antes de tudo, uma psicologia social.

Apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (FREUD, 1921, p. 91).

Desde o princípio, Freud percebeu que a experiência subjetiva nunca prescinde de uma referência do sujeito ao Outro e à linguagem que o determina simbolicamente. Pode-se dizer que o sujeito encerra em si mesmo uma alteridade. A definição de sujeito para a psicanálise leva em conta essa complexidade que, segundo Barros (2009), contém a ideia de um dentro que está fora e um fora que está dentro. Ele é, ao mesmo tempo, uma espécie de afirmação e de negação. A negação do sujeito é aquilo que funciona como alteridade. O sujeito não pode ser definido essencialmente, pois é mais uma operação do que uma essência.

Acompanhando essa lógica, podemos afirmar que a estrutura psíquica do sujeito vai constituir-se nas primeiras experiências de satisfação e de dor que o bebê experimenta com a sua mãe, caracterizando, assim, a semente do laço social. É nesse sentido que Sigmund Freud sustenta que a psicologia do indivíduo é a mesma do social, uma vez que o sujeito é determinado por aquele que cuida dele. Ele chega a essa afirmação partindo da ideia de que o sujeito não se confunde com o indivíduo, no sentido de que o sujeito não é um corpo.

Somado a isso, é nesse mesmo texto que Freud chega à questão da identificação e do ideal do eu, ao tentar desvendar como se dá a ligação de cada indivíduo do grupo ao líder e aos demais membros. No sétimo capítulo desse texto, ele distingue três classes de identificação. Das três, somente a identificação primária ao pai, já introduzida em *Totem e tabu* (1913), não se localiza no campo da psicopatologia e se constitui num processo próprio a todo sujeito. As duas restantes correspondem a formas sintomáticas: a identificação regressiva que sucede à eleição de objeto e a identificação via sintoma.

No capítulo seguinte, Freud agrega a identificação do eu ao eu, entre os membros do grupo, pela ligação ao seu líder. Freud questiona-se sobre o tipo de laço que permite aos indivíduos de um grupo, de uma multidão ou de organizações estáveis, como a Igreja e o Exército, manterem-se unidos e, para dar conta dessa questão, abre um diálogo com alguns sociólogos. Nesse momento, lança mão do conceito de identificação como a expressão primária de uma ligação afetiva com o outro.

Em *La psychologie des foules* (1855), citado por Freud no texto *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), Le Bon define a massa como altamente volúvel, pouco inteligente e afeita a reações emocionais extremas, compondo um todo único, regido por princípios psicológicos também únicos. De acordo com Le Bon, o fenômeno de massa pode justificar-se por meio de fenômenos psíquicos tais como o contágio e a sugestão. Isso significa afirmar que todo sentimento seria contagioso dentro de uma multidão e que um indivíduo, convivendo ali durante certo tempo, entraria em um “[...] estado especial, que se assemelha muito ao estado de fascinação em que o indivíduo hipnotizado se encontra nas mãos do hipnotizador” (FREUD, 1921, p.99).

Freud recusa a perspectiva de pensar em termos de um *instinto gregário*, no qual o comportamento dos indivíduos, quando em grupo, seria absolutamente diferente do que quando isolados, ou fora do grupo. Ele constrói a hipótese de que a natureza das massas não pode ser tomada como distinta daquela do indivíduo. A ideia que ele irá defender ao longo de todo o seu trabalho é a de que, entre o indivíduo e o social, não há uma diferença de natureza e, sim, de escala. O entendimento é de que o grupo só faz acentuar as forças que, habitualmente, guiam o indivíduo. Portanto, a *neurose de massa* seria uma ampliação da neurose individual inerente à própria condição humana e, de modo algum, ela apareceria como um fenômeno de essência diferente.

Ao preferir tomar outro caminho para esclarecer a psicologia das massas, Freud o faz via conceito de libido, que seria a expressão utilizada para falar quantitativamente daquelas pulsões ligadas a tudo o que chamamos comumente de amor.

Nossa hipótese encontra apoio em duas reflexões de rotina. Primeiro a de que um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo? Segundo, a de que, se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles, de preferência a estar em oposição a eles, de maneira que, afinal de contas o faça ‘pelo amor deles’ (FREUD, 1921, p.117).

Freud põe em relevo o elemento pulsional ao pensar a sugestão, considerando que os indivíduos não se agregam aleatoriamente, mas impulsionados por determinações inconscientes, enunciando a hipótese de que as ligações amorosas constituem a essência das massas.

Assim, ao utilizar o Exército e a Igreja como exemplos para discutir a questão dos grupos artificiais, conclui que os grupos se mantêm por essa tensão entre o amor vertical ao chefe e o amor horizontal aos irmãos, mesmo que essa tensão não seja percebida. É essa articulação entre o vertical e o horizontal que faz com que o grupo tenha uma relação tensa, ainda que possa permanecer e durar desse modo. Essa concepção freudiana dos grupos exige uma forte consistência da função de um líder ou mestre, mesmo que essa não seja necessariamente exercida por uma pessoa – que seja, por exemplo, um princípio. De qualquer forma, é necessário, para que esse grupo possa existir que haja algo ou alguém que o sustente de modo inequívoco.

Freud nos parece, nesse momento, mais interessado em investigar a função que o grupo exercia na psique das pessoas, do que em avaliar os fenômenos de grupo propriamente ditos, evidenciando que há uma forma de existência em grupo que induz à identificação coletiva. Nesse sentido, sua formação é, antes de tudo, imaginária, pois o grupo funda-se, em sua origem, sob uma ilusão de completude marcada pela busca de um ideal. Ele adverte, ainda, que a massa produz um apagamento do sujeito sob uma insígnia que exalta o poder do líder, pela via do processo de identificação. A massa reencarna o olhar absoluto do líder, que produz a ilusão de ser e fazer Um com o Outro ideal. Essa tendência imaginária constitui uma forma alienada de situar o sujeito, anulando sua diferença particular sob uma insígnia universalizante.

Outros textos freudianos também são referências importantes para investigar as relações do homem com seus semelhantes e com a sociedade, a saber: *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), *Totem e tabu* (1913); *O futuro de uma ilusão* (1927); *O mal-estar na civilização* (1930); *Moisés e o monoteísmo* (1939). É

manifesto, porém, que a proposta de Freud, nesses e em outros textos que abordam as vicissitudes do homem na sua relação com a cultura, sempre privilegiou o estudo dos fenômenos psíquicos no campo social, em detrimento de uma abordagem terapêutica que indicasse um atendimento psicanalítico em grupo.

Discorreremos a seguir sobre as contribuições de Wilfred Bion, médico psiquiatra e psicanalista inglês que, durante a década de 1940, produziu importantes subsídios para o trabalho com pequenos grupos, na obra *Experiências com grupos* (1975). A partir de seu trabalho com soldados no Hospital Northfield, Inglaterra, durante a Segunda Grande Guerra Mundial, traçou elaborações significativas sobre a formação de grupos e os processos de identificação entre seus membros (BENTO, 2006). Bion criou um corpo conceitual até hoje estudado, elaborando um modelo teórico que permite articular duas modalidades de funcionamento psíquico nos pequenos grupos. A primeira define o grupo de trabalho, no qual prevalecem os processos da lógica secundária. Já na segunda modalidade predominam os processos da lógica primária, articulada pelos pressupostos básicos e suas tensões com o grupo de trabalho. Esses pressupostos são constituídos por emoções intensas, inconscientes e submetidas ao processo primário. Os três pressupostos básicos são: dependência, acasalamento e luta e fuga, cada um equivalendo a um momento lógico do grupo. Correspondem a reações defensivas e regressivas impostas ao sujeito pelas angústias despertadas pela situação de grupo (AFONSO, 2002).

Lacan, psicanalista francês, foi a Londres em setembro de 1945 para estudar as transformações da psiquiatria inglesa, ficando entusiasmado com o trabalho de Bion e Rickmann. Posteriormente, escreveu o texto *A psiquiatria inglesa e a guerra*, em 1947, no qual enfatiza o impacto da psicanálise e de seus métodos num momento histórico de profundo mal-estar na civilização. Ressalta que, no decorrer da Segunda Grande Guerra Mundial, os psiquiatras ingleses fizeram um bom uso das ciências psicológicas em escalas coletivas, devido à difusão entre eles dos “[...] conceitos e dos modos operatórios da psicanálise”. Lacan acrescenta ainda que ambos se

valeram de uma elaboração precisa de Kurt Lewin, a respeito de uma disciplina recente na época, denominada “psicologia dita de grupo”, de filiação psicanalítica.

Lacan (1947) destaca que Bion foi “[...] pioneiro dessa revolução que transporta todos os nossos problemas para a escala coletiva”, reconhecendo seu mérito por haver transformado uma dificuldade em virtude, por meio de uma “inovação metodológica”. É contundente seu elogio a Bion.

Nele reencontro a impressão de milagre dos primeiros avanços freudianos: encontrar no próprio impasse de uma situação a força viva da intervenção. Assim é Bion, às voltas com as cerca de 400 “aves raras” de um serviço dito de reeducação (LACAN, 1947, p.113).

Esse reconhecimento demonstra que Bion, ao formular seu trabalho com grupos, foi capaz de manter a dignidade do social numa situação totalmente adversa; no momento em que a função de liderança estava francamente debilitada em razão dos efeitos da guerra. Assim, era preciso pensar a lei e fazê-la funcionar sem que ela estivesse necessariamente encarnada em um chefe (BARROS, 2009).

Diferentemente do processo de identificação vertical com o líder, exposto por Freud no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921), a hipótese colocada por Bion é a de “pequenos grupos sem chefe”, cujos integrantes estão num mesmo nível a respeito de certa tarefa a cumprir, trabalhando na perspectiva de uma identificação horizontal. Essa perspectiva valoriza uma homogeneidade que aponta para os participantes do grupo e produz uma força identificatória, desde o ponto de vista de suas tensões internas. Nesse processo de identificação horizontal, os grupos buscam uma homogeneidade pragmática relativa a uma tarefa precisa, que não aponta para o universal. Dessa forma, esse pequeno grupo não se sustentaria sobre a semelhança imaginária que deriva da identificação com o Ideal, mas, sim, de um laço social reduzido ao trabalho, em relação a um objetivo comum (LAURENT, 2005).

Segundo Bion (1975), desde o momento em que os grupos foram inscritos por um dos membros e passaram a existir tiveram impedimentos para trabalhar, devido a queixas e comportamentos de fuga. As hipóteses encontradas para justificar essas dificuldades são as mesmas supostas para os neuróticos, ou seja, consistem em receios de enfrentar as autoridades espelhadas nas figuras parentais, enquanto que as atitudes de luta e fuga ou de dependência estariam ligadas ao complexo de castração. A tarefa passa, então, a ser entendida como um objeto que divide o grupo. Nessa concepção, todo grupo, quando se propõe a uma tarefa, em função de suas características, seus objetivos e sua forma de organização, estaria sujeito ao aparecimento de fantasias que tomam a imagem do próprio grupo como objeto. A possível análise dessas fantasias busca esclarecer a função que o grupo exerce no psiquismo de cada um de seus membros.

De acordo Lacan (1947), Bion fazia parte do grupo enquanto um *líder facilitador* e, nessa função, mantinha o grupo ao alcance de sua palavra, sem ocupar, no entanto, o lugar de um chefe, ou seja, sem dirigi-lo. A partir daí trabalhava com seus participantes para que estes se conscientizassem de suas dificuldades de existência enquanto grupo, para, em seguida, tornar essa percepção, cada vez mais transparente. O objetivo de Bion era explicitar essas dificuldades e torná-las legíveis para o grupo por meio da interpretação, pois, desse modo, cada um dos membros poderia avaliar os avanços do grupo. Segundo Lacan, diante dos impasses ao longo do trabalho dos grupos, Bion sempre adotava a postura de “[...] devolver a bola aos interessados” (LACAN, 1947, p.115), evitando assim arranjos de soluções apressadas. É interessante observar que essa noção de um grupo sem chefe contestava a própria base da organização e hierarquia do exército, do qual seus pacientes faziam parte.

A partir da experiência de Bion, a dimensão do pequeno grupo parece indicar para Lacan outro gênero de identificação possível, que não se fundamentaria sobre o Ideal do Um, permitindo existir o particular do sujeito e promovendo a heterogeneidade no grupo. Ao contrário do que se esperaria da *massa*, a lógica interna desses grupos não seria do absolutismo do Um, mas da diferença e do *não-*

*todo*⁵. Barros (2009) se pergunta pela possibilidade de um manejo de grupos no qual não se tenha que abrir mão do que, propriamente, caracteriza o sujeito: a sua singularidade, sugerindo que essa indagação tenha ocorrido a Bion e também a Lacan. O desafio, segundo esse autor, seria sustentar uma clínica de grupos que não se pautasse pelo universal, ou seja, pela perspectiva imaginária de se fazer um todo. Lacan reconhece no manejo dos pequenos grupos concebidos por Bion a possibilidade de se ter um mecanismo coletivo que seria contrário a essa tendência espontânea dos conjuntos humanos de se juntar num todo fechado.

Essa concepção de trabalho vai servir de base para o que mais tarde será o fundamento do *Cartel*⁶. Este foi elaborado para se constituir num dispositivo essencial para o funcionamento de uma escola de psicanálise que, segundo Lacan, teria a função de produzir e transmitir um saber, levando em conta a tensão entre o que faz laço social e o que não é coletivizável em cada um.

Um grupo que se sustentaria em um laço reduzido ao trabalho e que se constitui por objetivo comum, embora exija que cada um se faça conhecer via seu produto. Uma estratégia na qual o produto de cada um é o índice de uma ação, de um efeito do grupo sobre o sujeito, capaz de minimizar os efeitos imaginários presentes nas formações grupais, colocando-os a trabalho. Ao sugerir ainda a presença do *Mais-um* na constituição do cartel, Lacan procura evitar o peso de um mestre, delegando ao *Mais-um* a função de transformar as demandas de saber em transferências de trabalho.

⁵ O *não-todo* é uma expressão da lógica psicanalítica lacaniana e supõe um conjunto aberto, cuja totalidade nunca se dá ou se completa, pois se sustenta pela diferença e pela diversidade.

⁶ Pequeno grupo de trabalho que “[...] se comporá de no mínimo três e no máximo cinco ...Mais um...”, que Lacan coloca na base de sua Escola de Psicanálise, enquanto um dispositivo que tem a função de transmissão da psicanálise. Ver LACAN, *Ato de fundação* (1964), in: *Outros escritos* (2003, p.235).

Segundo Holk (2007), encontramos raras referências ao atendimento em grupo na obra lacaniana e, por outro lado, uma ampla investigação sobre os efeitos imaginários produzidos no grupo, além de alguns textos sobre a lógica do coletivo, que trabalharemos mais adiante. A utilização do termo *grupo* é frequentemente destacada por Lacan para indicar um efeito de *obscenidade imaginária* que pode acrescentar-se a um coletivo.

Assim ele propõe no texto *O aturdido* (1973).

Direi que meço o efeito do grupo pelo que ele acrescenta de obscenidade imaginária ao efeito de discurso. Menos surpreso se há de ficar com este dizer, espero, por ser historicamente verdadeiro, que foi a entrada em jogo do discurso analítico que abriu caminho para as práticas ditas de grupo, e que essas práticas desvelam apenas um efeito purificado, se me atrevo a dizê-lo, do próprio discurso que permitiu sua experiência. Não há nisso nenhuma objeção à prática dita de grupo, desde que ela seja bem indicada (o que é pouco) (LACAN, 2003, p. 475-76).

Contudo, mesmo levando em consideração essa importante premissa ética exposta por Lacan, acreditamos na possibilidade de sustentar um trabalho em grupo, enquanto um laço social no qual a *obscenidade imaginária* não prevaleceria. Essa empreitada equivale ao dizer de Lacan a respeito do desafio enfrentado por Bion: “[...] encontrar no próprio impasse de uma situação, a força viva da intervenção” (LACAN, 1947, p.113).

Uma experiência mais recente que merece ser citada é o trabalho desenvolvido por Recalcati (2003), psicanalista italiano, que pesquisa a clínica com patologias graves, tais como anorexia e toxicomania, realizando trabalhos com pequenos grupos monossintomáticos. No seu livro, *Clínica del vacío: anorexias, dependências, psicosis*, analisa as Associações, tão comuns em nossa época - de deprimidos, ex-alcoólatras, ex-drogadictos, que agrupam esses sujeitos por meio de um traço sintomático que os torna idêntico. Esse modo de associar-se se vale de uma identificação que não institui o particular do sujeito, mas o anula pela associação em um vínculo entre semelhantes que se reconhecem como homogêneos e que, portanto, parece querer excluir a diferença (RECALCATI, 2003, p. 306).

Já a experiência com pequenos grupos monossintomáticos, segundo relata Recalcati (2003), é uma aposta não no idêntico, mas no equívoco, no mal-entendido, na perspectiva de reabilitar, no sujeito, a função do inconsciente. Esse trabalho grupal deve pôr em marcha um tratamento preliminar da identificação, que torne possível a ruptura do idêntico, via perspectiva de se escutar no grupo o mal-entendido.

Não se trata somente de uma transformação quantitativa, senão de dispositivos que respondem a lógicas de funcionamento distintas: a da Associação unifica e identifica, a do pequeno grupo separa e desidentifica (RECALCATI, 2003, p. 310).

2.3 A atenção à saúde do adolescente no contexto institucional

O interesse e a preocupação com a saúde do adolescente têm aumentado significativamente na atualidade, em parte, devido ao fato de esse grupo representar uma parcela expressiva da nossa população. Para além do aspecto demográfico, somam-se, porém, as mudanças de ordem econômica e cultural que, aliadas a um aumento da violência nos espaços de convivência social, têm colocado nossos jovens numa posição de grande vulnerabilidade. O avanço de indicadores tais como gravidez na adolescência, participação no tráfico e uso de drogas e, ainda, mortes violentas, são sintomas de um mal-estar social que incide fortemente sobre os jovens que se preparam para a entrada na vida adulta.

A pesquisa contida no recente *Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2007*, coordenado por Waiselfisz, a partir de dados do IBGE, Ministério da Saúde e MEC, elabora um panorama da situação da juventude no Brasil, em quesitos como educação, saúde e renda. Estudos históricos realizados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro permitem afirmar que a mortalidade na faixa etária dos 15 aos 24 anos alterou a sua configuração a partir do que se pode denominar de *novos padrões de mortalidade juvenil*. Esses estudos mostram que as doenças infecciosas e as epidemias, que eram as principais causas de morte entre os jovens há cinco ou seis décadas atrás, foram substituídas progressivamente pelas denominadas *causas externas* de mortalidade, fundamentalmente, os acidentes de trânsito e os homicídios.

Hoje, enquanto as causas naturais (doenças) são responsáveis por 27,2% das mortes de jovens, no grupo não-jovem representam acima de 90,2% da mortalidade. Já as causas externas (acidentes, homicídios, suicídios etc.), que na população não jovem respondem por 9,8% dos óbitos, entre os jovens são responsáveis por 72,8% da mortalidade. Essas causas externas englobam, principalmente, as consideradas causas violentas neste estudo (acidentes de transporte, homicídios e suicídios) (WAISELFISZ, 2007, p.93).

Há na sociedade contemporânea, com diferentes matizes em vários lugares do mundo, uma perplexidade relacionada à dificuldade de compreensão das condutas

adolescentes marcadas por um padrão de ruptura mais radical, tanto com relação aos valores das gerações anteriores, quanto aos valores da tradição cultural. A esse contexto agrega-se mais um aspecto que se faz presente no âmbito mundial: a associação crescente da adolescência com práticas de violência.

Lacadée (2007), ao se perguntar por que os adolescentes se colocam em perigo, adverte que as razões são múltiplas e estas só podem ganhar sentido quando resgatadas numa história pessoal. Acrescenta ainda que as condutas de risco têm, por vezes, origem no abandono, na indiferença familiar, nos sentimentos de desconfiança e solidão, mas também, na superproteção, na falta de orientação, de limites jamais transmitidos ou insuficientemente estabelecidos. Segundo esse autor,

[...] as condutas de risco são tentativas desajeitadas e dolorosas de se colocar no mundo, de ritualizar a passagem à idade adulta, de marcar o momento em que o agir leva vantagem sobre a dimensão do sentido. ... São maneiras de se assegurar do valor da existência, afastar o medo da inconsistência e da insignificância – tentativas de existir, mais que de morrer (LACADÉE, 2007, p. 1).

A adolescência, por si só, pode ser considerada como um momento de vulnerabilidade devido à vivência de intensas transformações físicas, psíquicas e afetivas, que demandam ao jovem fazer ajustamentos de ordem pessoal e social. Contudo, essa percepção de vulnerabilidade ultrapassa o impacto do processo de adolecer, ao constatarmos que, na atualidade, os adolescentes também sofrem devido à complexidade do contexto familiar e social, ressentindo-se com a precariedade de referenciais consistentes. Desse modo, o processo de elaboração da adolescência vai exigir um tempo e um trabalho, que envolve tanto uma disponibilidade do jovem, quanto de sua família e do seu entorno sociocultural. Uma maior sensibilização desses atores poderia conjugar estratégias para tentar minimizar as situações de risco, as quais os adolescentes estão sujeitos.

Portanto, cabe-nos interrogar sobre as formas que a sociedade tem encontrado para lidar com o desafio de promover e tratar da saúde da população juvenil e, como cada um de nós, profissionais da área da saúde, poderia contribuir para a efetivação de práticas aplicáveis ao nosso contexto social. Nessa direção reconhecemos ser de

fundamental importância a criação de novos dispositivos de trabalho, não só para os jovens receberem informações sobre prevenção e cuidados de saúde, mas, sobretudo, para que possam expressar-se mais abertamente sobre suas experiências e dúvidas, e serem escutados em sua singularidade.

Esse desafio foi o que motivou o desenvolvimento desta pesquisa, que foi sendo construída a partir da nossa participação no *Setor de Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas / UFMG* desde o ano 2000, quando passamos a integrar a equipe de trabalho interdisciplinar, na qualidade de docente do Departamento de Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Este setor está vinculado institucionalmente ao Hospital das Clínicas e foi implantado em 1993 por iniciativa do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina/UFMG, quando se criou o *Grupo de Medicina do Adolescente*, constituído por profissionais do Hospital, do referido departamento e do então Departamento de Neurologia e Psiquiatria dessa mesma Faculdade. Atualmente, o grupo de profissionais do *Setor de Saúde do Adolescente* é composto por docentes e funcionários das áreas de serviço social, enfermagem, medicina, psicologia e terapia ocupacional. Também participam da equipe estudantes bolsistas e voluntários de cursos de graduação e pós-graduação, assim como diversos profissionais da área da saúde, prestando trabalho voluntário.

Ainda que, no início de sua implantação, as atividades desse Setor se restringissem aos atendimentos médicos individuais, já existia desde a época de sua criação a proposta de uma prática interdisciplinar e de um atendimento mais abrangente à saúde do adolescente. Dentre os objetivos propostos estavam incluídos um maior investimento em ensino, por meio da implantação de uma disciplina para a graduação da Faculdade de Medicina e atividades para a residência médica, além da formação continuada de diferentes profissionais da área da saúde interessados na adolescência. Havia, também, desde o princípio, uma aspiração de criar novos modelos de atendimento à saúde do adolescente e de constituir um centro de produção e socialização de conhecimentos sobre a adolescência.

A atuação desse Setor tem sido reconhecida como referência nessa área de saúde, especialmente por investir na articulação da assistência, com o ensino e a pesquisa, e também pela sustentação de um trabalho interdisciplinar nesse campo. A formação de alunos, residentes e especializandos, por meio da disciplina optativa Medicina do Adolescente, do estágio para os residentes de 1º e de 3º anos, além do Curso de Especialização em Medicina do Adolescente, tem possibilitado uma sustentação fundamental às atividades do Setor. Além desse investimento em formação, a equipe iniciou, a partir de 1995, a discussão de projetos de estudos e pesquisas, ora individualmente, ora em parceria com outros serviços. Essa atividade atualmente configura-se por várias pesquisas já concluídas, muitas das quais se constituíram em dissertações de mestrado ou teses de doutorado, enquanto outras ainda se encontram em andamento.

Vale ressaltar que as diretrizes da proposta clínica do *Setor de Saúde do Adolescente* estão em consonância com Manual de Saúde Integral de Adolescentes e Jovens – Orientação para Organização de Serviços de Saúde do Ministério da Saúde, que certifica a necessidade de atendimento de qualidade para alcançar melhores condições de vida e de saúde para os jovens brasileiros e, além disso, reafirma a importância de considerar as dimensões econômica, social e cultural que permeiam o cotidiano dessa população. Com tal finalidade, trabalhamos também a partir de princípios éticos determinados pela Organização Mundial de Saúde e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ⁷.

Levando-se em consideração as limitações da consulta individual para responder as variadas demandas do trabalho com o adolescente e, ainda, a importância de uma prática aberta a outros modelos de atendimento, diversas atividades foram criadas, objetivando a ampliação à atenção à saúde. Embora muitas dessas ações tenham

⁷ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi instituído pela Lei n. 8.069, de 13/07/1990. Ele é um conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro que tem como objetivo a proteção integral da criança e do adolescente, inspirado pelas diretrizes fornecidas pela Constituição Federal de 1988.

sido idealizadas pelos profissionais da equipe, o envolvimento dos jovens, com suas sugestões e demandas, sempre foi relevante na construção das propostas do Setor. Ainda hoje, o acolhimento de novas propostas e a valorização da participação dos adolescentes constitui uma prática constante do trabalho da equipe. Atualmente, as atividades assistenciais desse Setor acontecem nos ambulatórios Bias Fortes e São Vicente, anexos do Hospital das Clínicas, por meio de atendimento médico (clínico, neurológico, psiquiátrico, ginecológico, nutricional), psicológico, de serviço social e de terapia ocupacional, aos adolescentes e seus familiares. Desde setembro de 2006, foi implantado o atendimento aos adolescentes internados na enfermaria pediátrica, no CTI e no pronto-atendimento do Hospital.

Além dos atendimentos individuais, desde 1994, foi instituído o atendimento a grupos de adolescentes que, a partir de 2004, passou a integrar Projeto de Extensão: *Núcleo de Assistência à Saúde do Adolescente*, sob nossa coordenação. Esse trabalho com grupos tem sido um dos pilares da assistência, partindo-se da percepção de que os jovens têm mais facilidade para expressar suas questões entre seus pares, viabilizando desse modo a construção conjunta de um saber sobre a adolescência.

Ao mesmo tempo em que o adolescente almeja um distanciamento dos pais, percebemos que ele ainda não se sente preparado para enfrentar, sozinho, as vicissitudes do seu cotidiano. Nesse momento de travessia, a possibilidade de estar em um grupo de pares representa um apoio importante para o seu desligamento da família, na medida em que o grupo funciona como uma ponte intermediária para a construção de outros enlaçamentos sociais. É importante destacar que o processo identificatório, que até a infância ficou submetido à ordem parental, é colocado em suspensão no momento da adolescência, fazendo o jovem buscar sua (re-)significação em seus pares ou mesmo em outros adultos. A perspectiva de conviver com outros adolescentes que vivenciam um processo semelhante e de compartilhar suas angústias e conflitos, pode se tornar de grande valia para os jovens, quando mediado por profissionais que propiciarão o acolhimento dessas experiências e de suas tentativas de elaboração.

Partindo do princípio de que, no momento da adolescência, muitas vezes, o jovem busca um saber a partir do modo de ser do seu grupo de pares, fizemos a opção de acolhê-los em grupo, oferecendo uma escuta diferenciada ao discurso proposto por eles. Dessa maneira, procuramos colocar cada adolescente como protagonista de um discurso que lhe é próprio, oferecendo a intermediação necessária para situá-lo no grupo, a partir de seus próprios conceitos e reflexões, para a posteriori, possibilitar efeitos subjetivos. O atendimento de adolescentes em grupo tornou-se assim uma estratégia de trabalho determinada por uma escolha clínica e não uma alternativa de atendimento para resolver questões de otimização de espaço e de tempo.

Esses grupos constituem-se em um espaço, fundamentalmente, de endereçamento de demandas, relativas a questões do processo de adolescer e dos desdobramentos decorrentes do mesmo, que ganham conotações singulares para cada jovem. Interessa-nos então, ressaltar o que de singular dessa experiência poderá vir a ser compartilhado no grupo.

Trata-se de investir na promoção da saúde, conceituação complexa, mais ainda, diante do momento da adolescência, tão fortemente associado a um *tempo de crise* e que nos remete aos apelos de normatização, tanto da família quanto da sociedade. Portanto, é importante delimitar como essa concepção permeia nossa prática clínica. Se partilharmos da premissa de que a clínica não está voltada exclusivamente para a remissão de sintomas e para a adequação desses indivíduos, mas para a promoção de processos de vida e de criação, poderá, portanto, comportar uma *outra saúde*. Assim, aproximamo-nos da idéia do filósofo francês Gilles Deleuze, no livro "Crítica e clínica" (1997), ao trabalhar um conceito de saúde que, comparado à literatura, não visa concebê-la como um estado em perfeito funcionamento, mas como um empreendimento marcado por um *inacabamento essencial*, e que, por isso mesmo, pode se abrir para o mundo (DELEUZE, 1997, p.13).

Os jovens que procuram os atendimentos em grupo são encaminhados pelos membros da equipe interdisciplinar desse setor, de outros serviços do Hospital das Clínicas, de demais instituições das áreas de saúde e de educação, além da possibilidade de acolher demandas espontâneas. As restrições são estudadas caso a caso e, geralmente, se referem aos adolescentes portadores de transtorno psiquiátrico e deficiência mental grave que limitam a participação em grupo. A cada início de semestre são abertas novas vagas, quando são realizadas entrevistas iniciais, para verificar a demanda de atendimento e esclarecer nossa proposta de trabalho.

Os grupos são organizados em duas faixas etárias - a primeira de 12 a 14 anos e a segunda de 15 a 19 anos -, e também de acordo com a disponibilidade de horário, tendo como referência o turno escolar. Os grupos são mistos e heterogêneos (considerando, por exemplo, a presença de diagnósticos clínicos) e funcionam com dupla coordenação. Os encontros são semanais e ocorrem durante um semestre. Os adolescentes que optarem por dar continuidade ao atendimento em grupo podem se inscrever novamente. A metodologia é fundamentada na teoria de grupos operativos, levando-se também em consideração pressupostos psicanalíticos. Objetivamos construir, juntamente com os adolescentes, uma dinâmica de trabalho que privilegia a circulação da palavra, utilizando-se de atividades criativas que possibilitem trabalhar as questões endereçadas ao grupo de forma mais atraente, promovendo a interação entre os membros do grupo e favorecendo a subjetividade.

O grupo, objeto desta pesquisa, tem sua filiação nessa trajetória de investimento do Setor de Saúde do Adolescente nos atendimentos em grupo, apostando na perspectiva de uma maior sistematização, que viabilize a verificação de sua abrangência clínica e a transmissão dos conhecimentos adquiridos a partir dessa experiência.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Investigar a potencialidade do atendimento de grupo com adolescentes, ao oferecer um espaço coletivo para a constituição de dispositivos simbólicos que auxiliem na construção do processo identificatório da adolescência.

3.2 Objetivos específicos

Pesquisar as possibilidades e os limites de um atendimento de grupo com adolescentes, no espaço clínico ambulatorial.

Examinar, a partir da experiência do grupo, as circunstâncias que podem facilitar a tarefa do adolescente no decorrer da travessia da infância para a vida adulta.

Averiguar as contribuições desse dispositivo de trabalho para a construção de novos modelos de atendimento, que atuem na promoção e recuperação da saúde do adolescente.

Verificar se a produção de conhecimentos sobre a adolescência advinda desta pesquisa pode ser cotejada com outros estudos e ser suscetível de generalizações parciais.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A constituição de um grupo de adolescentes no espaço ambulatorial do Hospital das Clínicas/UFMG, enquanto objeto desta pesquisa teve inspiração teórica, por um lado, nas metodologias qualitativas e na pesquisa-ação, oriundas das ciências sociais e, por outro, numa abordagem clínica sustentada pelos pressupostos da psicanálise. Outro referencial importante que norteou a condução deste estudo foi a metodologia clínico-qualitativa concebida por Turato (2003), uma vez que ela lança mão de conceitos buscados na prática psicanalítica, desde o desenho da pesquisa até a interpretação dos resultados.

A pesquisa qualitativa pressupõe um método compreensivo e/ou interpretativo. Para tanto, os seus sustentadores são a realidade fenomenológica, a prática clínica e o referencial teórico. Assim, o objetivo maior se constitui no estudo e revisão dos pressupostos, a fim de aprofundar conclusões e não em estudar fenômenos com o intuito de generalizar. Segundo Minayo (2004, p.22), as metodologias qualitativas devem ser dimensionadas enquanto aquelas,

[...] capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Uma das características dos métodos qualitativos é dar ao pesquisador a prerrogativa de trabalhar na produção de sua teoria compondo-a de fragmentos encontrados em campo, sem estar rigidamente atrelado ao projeto inicial. De acordo com Turato (2003), esta posição pode ser traduzida como de um *bricoleur*, termo ressignificado por Lévi-Strauss e entendido como aquele que produz um objeto novo a partir de fragmentos de outros objetos, reunindo tudo o que encontra para compor o objeto atual.

Outro conceito que dialoga com a ideia anterior foi criado pelo sociólogo Bourdieu, citado por Girardi (2007), ao estabelecer que toda técnica de pesquisa representa uma *teoria em atos*, ou seja, um complexo arranjo textual, que se manifesta numa linguagem capaz de conceber esse movimento. A forma como os dados são buscados, selecionados, correlacionados e analisados em cada pesquisa se constrói a partir dos pressupostos teóricos que orientam a investigação.

O referencial da pesquisa-ação nos auxiliou na medida em que, segundo Thiollent (2000), se define por incorporar a ação em sua dimensão constitutiva desde o início, na qual pesquisador e participantes estão envolvidos de modo participativo e cooperativo, articulando a relação entre teoria e prática no processo mesmo de construção do conhecimento. Particularmente quando aplicada à investigação e trabalho com grupos, a pesquisa-ação pode proporcionar, tanto ao pesquisador quanto aos participantes, os meios para responder a complexidade da situação que vivenciam. Nesse sentido, as intervenções são orientadas em função da problematização de questões efetivamente detectadas pelo grupo envolvido. Para tanto, a participação das pessoas implicadas no grupo é absolutamente necessária, de modo que, desde as interpretações da realidade compartilhada até as possíveis ações, são objetos de discussão de todos.

Entretanto, Thiollent, citado por Turato (2003, p.295), lança uma observação sobre a pesquisa-ação, que para nós se constituiu numa ressalva: “[...] ao contrário de determinadas tendências das pesquisas psicossociais, aqui os aspectos sociopolíticos lhe parecem ser mais pertinentes que o enfoque psicológico das relações interpessoais.” Ao trabalhar as questões da adolescência eleitas pelo grupo, nossa pesquisa não se limitou a uma forma de ação, pois pretendeu compartilhar a construção desse saber entre o coordenador e as pessoas envolvidas. Dessa forma, a atitude do pesquisador foi sempre de *escuta* e de elucidação dos vários aspectos da situação grupal, sem imposição de suas ideias. Portanto, essa metodologia nos serviu de orientação somente num primeiro momento relativo à operacionalização do grupo. Procuramos, assim, manter uma atenção voltada às palavras, sem deixar, no entanto, de perceber e analisar os fatos.

No contexto da metodologia qualitativa aplicada à saúde, empregamos a concepção trazida das Ciências Humanas, segundo a qual não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender a *significação* que tal fenômeno ganha para aqueles que o vivenciam. Salientamos ainda o termo *processo*, caracterizando o método qualitativo enquanto aquele que anseia compreender de que modo um objeto de estudo se manifesta e, não, como aquele que almeja um produto, isto é, os resultados finais matematicamente trabalhados.

Segundo Turato (2005), o método clínico-qualitativo se define por ser uma particularização e um refinamento dos métodos qualitativos genéricos das Ciências Humanas, voltado especificamente para os *settings* das vivências em saúde.

Aquele que busca interpretar os significados – de natureza psicológica e complementarmente sociocultural – trazidos por indivíduos (pacientes ou outras pessoas preocupadas ou que se ocupam com problemas da saúde, tais como familiares, profissionais de saúde e sujeitos da comunidade), acerca dos múltiplos fenômenos pertinentes ao campo dos problemas da saúde-doença (TURATO, 2005, p.510).

A partir de paradigmas humanísticos e usando referenciais psicanalíticos e socioculturais, Turato (2005) entende que a pesquisa no campo da saúde deve investir na perspectiva da interdisciplinaridade. O autor supracitado destaca três conceitos capitais da psicanálise: o inconsciente, o desejo e a transferência, reconhecendo-os como ferramentas, particularmente importantes, na construção dos instrumentos de pesquisa e na discussão dos resultados, tendo em vista que estes se presentificam na relação que se estabelece entre o pesquisador e o objeto da pesquisa.

Levando em consideração essas premissas, a ênfase da pesquisa incide na interpretação dos sentidos e significações dos fenômenos da saúde-doença, em contraposição à enunciação dos fatos. Assim sendo, o processo de investigação torna-se mais valorizado que o produto final, norteando o interesse do pesquisador, que se constitui, ele próprio, num instrumento de pesquisa, usando de sua percepção para apreender os objetos em estudo.

Diante desse aporte metodológico, avaliamos que há pontos de interseção entre os campos da pesquisa clínico-qualitativa e da pesquisa em psicanálise, que irão permitir ao primeiro se beneficiar dos fundamentos extraídos da prática psicanalítica. A interlocução entre o campo da psicanálise e outros campos, em especial o da saúde, promove um descentramento ao abrir novas possibilidades aos dois, sem que estes percam seus próprios contornos, uma vez que se trata de saberes distintos.

A especificidade da pesquisa em psicanálise reside justamente no fato de que, ao se lançar a campo, o pesquisador possa relativizar pressupostos e esperar como resultado, mais do que a confirmação de hipóteses, a construção de novos direcionamentos teórico-clínicos. Lembramos que o corpo teórico da Psicanálise se caracteriza por ser um método de investigação, ao mesmo tempo em que implica uma prática clínica. Freud no texto *Dois verbetes para enciclopédia*, ao mencionar a relação entre a psicanálise e a ciência, define a primeira como uma ciência empírica, uma vez que a psicanálise,

[...] se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias (FREUD, 1922, p. 307).

Resguardadas as diferenças, podemos inferir que a investigação clínico-qualitativa poderá empregar alguns conceitos advindos da teoria e da prática psicanalíticas, para melhor conduzir um posicionamento ético frente aos sujeitos - objetos da pesquisa-, e para trabalhar com mais acuidade a significação do material clínico.

Segundo Minayo (2004), numa investigação qualitativa preocupa-se menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão do grupo social antes em estudo. Portanto, a amostra ideal será aquela capaz de refletir o contexto do seu grupo social nas suas múltiplas dimensões subjetivas, pois o que interessa ao pesquisador é conhecer de modo aprofundado as particularidades do seu objeto de pesquisa.

Os adolescentes que participaram dessa pesquisa foram encaminhados por profissionais do Hospital das Clínicas, do Ambulatório Bias Fortes e do Setor de Saúde do Adolescente. A coordenação desse Setor e a gerência dessa Unidade Funcional (ABF/HC) foram esclarecidas a respeito deste estudo e se colocaram favoráveis à realização da pesquisa assinando os *Termos de consentimento* (APÊNDICES E e F). Primeiramente essa pesquisa foi apresentada aos membros desse serviço, com o objetivo de proporcionar esclarecimentos sobre esse estudo e viabilizar os encaminhamentos. Na mesma oportunidade, foi distribuído um texto informativo para orientar os profissionais quanto à operacionalização do grupo de adolescentes (APÊNDICE A).

Os motivos mais frequentes que determinaram esses encaminhamentos foram queixas características do período da adolescência, a maioria relativa a conflitos familiares recorrentes; alterações de comportamento, com prevalência de aspectos agressivos; instabilidade de humor, com traços depressivos; desajustes escolares e sociais, com destaque para a inibição. Estas demandas eram trazidas, preferencialmente, pelos familiares ou mesmo pelos adolescentes e, ainda, percebidas pelo profissional de saúde que já acompanhava esse jovem, ou que o estava atendendo pela primeira vez. Essas queixas eram compreendidas como *dificuldades psicoemocionais* que obstaculizavam o curso do processo da adolescência. Diante de tais dificuldades, os adolescentes se tornavam mais fragilizados e, conseqüentemente, mais vulneráveis a situações de risco, em função das mudanças exigidas pelas demandas pubertárias, familiares e sociais. As restrições para a inclusão no grupo se limitavam aos portadores de deficiência mental moderada, de hiperatividade grave, ou de outros transtornos psiquiátricos, que pudessem dificultar a participação dos adolescentes no processo de grupo.

No momento de elaboração do projeto de pesquisa, o grupo estava previsto para se constituir com o mínimo de oito e o máximo de doze participantes. Posteriormente, no decorrer do processo de formação do grupo, de um total de vinte adolescentes encaminhados para a entrevista inicial, dezesseis compareceram. Destes, onze se colocaram disponíveis e interessados e, diante disso, foram encaminhados para

compor o grupo. Quando este teve início foi constituído por dez adolescentes, três homens e sete mulheres, com idades variando entre quatorze e dezessete anos.

Os encontros do grupo tinham uma periodicidade semanal, com duração média de uma hora e trinta minutos e sempre aconteciam num mesmo local, sala nº 617, do sexto andar do Ambulatório Bias Fortes (HC/UFMG). Inicialmente estava prevista a realização de vinte e quatro encontros, por um período máximo de doze meses. O grupo começou a se encontrar a partir do dia vinte e dois de agosto de 2007, realizando dezessete encontros até doze de dezembro. Nossas atividades reiniciaram dia treze de fevereiro do ano seguinte e concluíram no dia dezesseis de abril, computando mais oito encontros que aconteceram nos mesmos horários, local e periodicidade, perfazendo vinte e cinco encontros no total.

A *entrevista* foi o instrumento de pesquisa que nos permitiu um primeiro registro de dados, tanto objetivos - fatos da história pessoal e familiar -, quanto subjetivos - opiniões, valores e crenças -, obtidos de modo semidirigido, por meio de um roteiro que se pautava por questões abertas (APÊNDICE B), sobre aspectos que variavam desde o motivo do encaminhamento, a história familiar, a situação de saúde, a vida escolar, os relacionamentos sociais e as atividades de lazer. Entretanto, para além da coleta de dados, essa entrevista visava o estabelecimento de uma interação inicial entre pesquisador e participante, no sentido de disponibilizar uma escuta das demandas e acolher os efeitos que essa proposta de trabalho ocasionava. Os familiares, que compareceram ao momento da entrevista acompanhando seus filhos, foram escutados e orientados sobre a proposta de trabalho com o grupo de adolescentes. Segundo Turato (2003, p. 309),

[...] a dinâmica da entrevista utiliza, inequivocamente, conceitos psicanalíticos básicos, tais como estabelecimento do *setting*, valorização da transferência e da contratransferência, bem como a permissão da livre associação de idéias.

Ao iniciar os encontros do grupo, os adolescentes e seus pais foram novamente esclarecidos sobre os objetivos do estudo e os procedimentos do trabalho em grupo, e, posteriormente, ambos assinaram os *Termos de consentimento* (APÊNDICES C e D). O *Diário de campo* se constituiu em um dispositivo privilegiado, no qual foram

registradas tanto as informações quanto as impressões procedentes do trabalho e da reflexão, colhidas em cada encontro do grupo. Esse foi, sem dúvida, o principal instrumento da pesquisa, pois historicizava o processo de evolução do grupo norteado pelo referencial psicanalítico, privilegiando a escuta, as observações e as intervenções dos coordenadores e dos participantes. Essas anotações eram produzidas num momento posterior ao trabalho com o grupo, por meio da interlocução entre ambos os coordenadores, ressaltando os pontos de convergência e as diferentes percepções quanto ao percurso do grupo, que se somavam num único texto, que se assemelhava a um quebra-cabeça em construção. Considerando-se os aspectos transferenciais, observamos que esses fragmentos, reconstruídos a partir de recortes da memória, geravam uma produção de saber que ganhavam uma significação *a posteriori*.

A função da coordenação foi, fundamentalmente, de acolhimento e incentivo para que o grupo viesse, a princípio, se constituir enquanto tal, buscando a legitimação desse espaço, via reconhecimento de traços comuns. O coordenador sustentou um lugar ativo na condução do grupo, mantendo-se atento ao movimento dos participantes por meio de uma atenção flutuante, sem, entretanto, adotar uma postura de imposição e principalmente, não decidindo as questões que emergiam no grupo. O grupo contou ainda com a presença de um *co-coordenador*, que teve a função de auxiliar o coordenador na condução e no apontamento dos encontros.

A constituição do grupo foi resultado de um processo, no qual os participantes se colocaram enquanto sujeitos e objetos de um mesmo conjunto, que se delineou a partir de um código compartilhado. Esse processo foi viabilizado, tendo como ponto de partida o trabalho com temas correlatos à adolescência, eleitos pelos jovens e mobilizados pelas suas experiências e fantasias, despertando o desejo de participação no grupo. Esses temas facilitaram o trilhamento do processo, na medida em que tinham afinidade com questões presentes no cotidiano dos jovens do grupo: convivência familiar, relacionamento afetivo sexual, imagem corporal, futuro profissional, apelos de consumo, violência e atos transgressores entre outros.

Em consonância com os pressupostos da metodologia clínico-qualitativa, percebemos que a descrição dos dados e sua interpretação aconteceram de forma concomitante, pois o fato de egermos este ou aquele material já implicava um tratamento interpretativo. Um trabalho posterior de releitura dessa primeira análise dos dados foi então iniciado, privilegiando a perspectiva dos participantes e buscando uma articulação teórica-clínica própria. Tentou-se evitar, na medida do possível, uma discussão limitada à visão do pesquisador ou a partir da literatura, que se restringiria a confirmar posições teóricas preexistentes.

Durante e após a finalização dos encontros do grupo foram estabelecidas categorias de análise, renovadas pela interlocução produzida no grupo e pelos coordenadores, embora se mantivessem articuladas e concernentes ao processo da adolescência. Em seguida, dialogamos com categorias gerais estabelecidas teoricamente, via referencial psicanalítico que norteou esta pesquisa. Merecem destaque as seguintes: relações familiares; sexualidade e relacionamentos afetivos; laços sociais, formação de grupos e futuro profissional.

Durante o percurso do grupo propusemos a realização de um questionário semi-estruturado com perguntas fechadas e abertas, denominado, *Avaliação Parcial* (APÊNDICE G). Este foi aplicado ao final do décimo sétimo encontro, coincidindo com a interrupção relativa ao término do ano e às férias escolares. Esse instrumento foi pensado na perspectiva de colher indicações sobre o posicionamento de cada participante frente ao dispositivo de grupo e se este estava propiciando a reflexão de questões subjetivas, a partir dos temas que se destacaram nas discussões em pauta no grupo. Apesar de reconhecer as limitações de um instrumento que apresenta a maioria das questões de forma dirigida, privilegamos na análise dos resultados, contida no APÊNDICE G, os comentários espontâneos realizados a partir das perguntas.

Após a conclusão dos encontros, convidamos os adolescentes para uma *Entrevista Final* realizada individualmente, de forma não diretiva, quando buscamos identificar

a trajetória percorrida por cada participante no grupo e, ainda, refletir sobre os possíveis avanços alcançados. Esse convite foi extensivo aos familiares que se dispusessem a comparecer, para também escutá-los sobre os efeitos, no âmbito familiar, da participação de seu/sua filho/a no grupo. Ao término dessa entrevista, propusemos aos participantes a realização de outro questionário, agora denominado *Avaliação Final* (APÊNDICE H), que continha a mesma estrutura da *Avaliação Parcial* realizada anteriormente, porém com algumas adaptações, considerando o momento de conclusão do estudo. Esse instrumento, embora também se baseasse em perguntas fechadas, que sabidamente limitava um posicionamento mais livre, gerou comentários bastante elucidativos, conforme a análise dos resultados descrita no APÊNDICE H.

A entrevista, no entanto, possibilitou outra forma de aproximação com os participantes do grupo, agora por meio de um espaço aberto a elaborações subjetivas, depois de um pequeno intervalo após o término dos encontros, quando eles se mostraram com maior disponibilidade para fazer seus comentários. Verificamos, assim, em que medida o trabalho com o grupo de adolescentes provocou uma abertura para a dimensão terapêutica, à medida que incentivou o acolhimento e a elaboração de questões subjetivas e, além disso, permitiu compartilhar um saber, a partir das experiências de cada um.

Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), tendo sido aprovado em 28 de fevereiro de 2007, registrado e arquivado sob o Parecer n. ETIC 518/06. Posteriormente, em 10 de abril, a Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão do Hospital das Clínicas (DEPE - HC / UFMG) aprovou seu desenvolvimento no âmbito institucional.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 A constituição do grupo

Inicialmente, este projeto de pesquisa foi apresentado numa reunião de equipe do Setor de Saúde do Adolescente, com o objetivo de prestar esclarecimentos sobre este estudo e viabilizar os encaminhamentos. Nessa mesma oportunidade, foi lançado um texto informativo (APÊNDICE A), com orientações sobre os encaminhamentos de adolescentes à pesquisadora e coordenadora desse grupo. Esse texto foi ainda distribuído, a partir de março de 2007, entre os alunos da disciplina optativa, *Medicina do Adolescente*, que também prestavam atendimentos sob supervisão da equipe desse Setor.

Nesse breve texto mencionamos que, “serão incluídos no grupo, adolescentes que estejam vivenciando dificuldades psicoemocionais que trazem obstáculos ao percurso da adolescência, independentemente de um diagnóstico clínico”. Foram explicitados também os critérios de exclusão: “portadores de deficiência mental moderada, de hiperatividade grave, ou de transtornos psiquiátricos, que dificultem a participação dos mesmos em grupo”. Citamos ainda os parâmetros de constituição do grupo: “no mínimo oito e no máximo doze adolescentes, de ambos os sexos, com idades variando, preferencialmente, entre quatorze e dezoito anos”, além da periodicidade, horário e local de funcionamento.

Nessa mesma época, foi escolhida como co-coordenadora do grupo de pesquisa, a psicóloga Márcia Heloiza Rocha, profissional de grande experiência clínica com adolescentes e com grupos, que estava cursando a disciplina citada anteriormente e demonstrou especial interesse e disponibilidade para acompanhar este estudo.

Durante os meses de abril a julho foram encaminhados vinte adolescentes, dos quais dezesseis foram recebidos para entrevista, sendo sete do sexo masculino, entre 14 e 18 anos; e nove do sexo feminino, entre 14 e 16 anos. Os demais não chegaram a fazer um contato para agendamento desse primeiro encontro.

A grande maioria chegou via demanda da família, especificamente de suas mães, que estavam preocupadas com o atravessamento da adolescência de seus filhos e buscavam alguma forma de orientação e ajuda com profissionais da área da saúde. Onze adolescentes foram encaminhados por membros da equipe do Setor de Saúde do Adolescente e apenas cinco chegaram por meio de encaminhamentos de outros profissionais do Hospital das Clínicas, que não participavam desse Setor. Somente dois desses jovens encaminhados para entrevista vieram por outra via, por indicação de uma funcionária administrativa do Ambulatório Bias Fortes, pois trabalhavam neste local, sob um contrato com a Cruz Vermelha.

Do total de dezesseis jovens, nove foram encaminhados por médicos e cinco vieram por indicação de outros profissionais da área da saúde: assistente social, dentista, enfermeira, psicóloga. Cinco adolescentes faziam tratamento clínico, três deles no Ambulatório Bias Fortes: uma portava diagnóstico de *Diabetes tipo 1* e dois de *bronquite crônica*. A quarta adolescente fazia acompanhamento médico em outra instituição, pois tinha dores nas articulações e fibromialgia, diagnóstico que ainda estava por esclarecer. Esta última também apresentava histórico de sintomatologia depressiva, assim como outra jovem que já havia realizado tratamento psiquiátrico e psicológico anteriormente, em uma clínica particular.

Desde o momento dos encaminhamentos até a composição do grupo, começaram surgir dificuldades, que apontavam para os desafios de viabilizar essa modalidade de atendimento. As demandas, de modo geral, buscavam respostas rápidas para problemas complexos, cuja resolução imediata é quase impossível. Muitas vezes, a expectativa, por parte de familiares e até de profissionais que tratam de adolescentes, era de que nossas intervenções recolocassem esses jovens em seus

devidos lugares de normalidade. Uma demanda que denotava urgência para acalmar a angústia frente aos efeitos do *não-saber* lidar com a adolescência.

As entrevistas foram realizadas no Ambulatório Bias Fortes, entre abril e julho de 2007, pela pesquisadora e também pela assistente social do Setor de Saúde do Adolescente. Onze adolescentes compareceram à entrevista inicial acompanhados de suas mães e cinco vieram desacompanhados (Guilherme, Davi, Maria, Tiago e Rafael). A presença de familiares não era obrigatória, mas foi considerada bem-vinda, sendo uma oportunidade de se vislumbrar um pouco da dinâmica familiar, por meio da interlocução entre mãe e filho/a.

Num primeiro momento recebíamos o adolescente juntamente com sua mãe, quando eram colhidos os dados gerais de identificação relativos ao adolescente, à família e à escolaridade, e realizados esclarecimentos sobre a proposta de participação no grupo de pesquisa. Num segundo tempo da entrevista, dava-se ao jovem a oportunidade de ficar a sós com o entrevistador, para expor alguma dúvida e/ou aprofundar alguma questão do seu interesse, sem a presença da mãe. De acordo com um *Roteiro de Entrevista* (APÊNDICE B) semidirigido e de questões abertas, discorria-se sobre o encaminhamento, a motivação e o interesse em participar do grupo de pesquisa, a situação de saúde pregressa e atual, a história e a dinâmica familiar, a situação escolar, os relacionamentos sociais e as atividades de lazer. Para além de ser um instrumento de coleta de dados, esse roteiro propunha ser um eixo norteador de uma primeira interação entre o pesquisador e os participantes, no sentido de oferecer um espaço de escuta e acolhimento da demanda dos adolescentes com relação à proposta do grupo.

Posteriormente foi realizado um contato com os pais daqueles jovens que vieram sozinhos e demonstraram, ao final da entrevista, uma disponibilidade e um interesse em participar do grupo (Maria, Tiago e Rafael). Seus familiares receberam esclarecimentos sobre a dinâmica de funcionamento do grupo de pesquisa e concordaram com a participação de seus filhos. Aproveitamos essa oportunidade

para explicar o procedimento dos *Termos de consentimento da pesquisa* (APÊNDICES C e D). Foram ainda convidados a comparecer pessoalmente, caso necessitassem elucidar outras dúvidas que pudessem surgir.

A queixa prevalente no discurso das mães presentes à entrevista estava relacionada aos conflitos familiares. Todas relataram preocupações com a presença de atritos domésticos, principalmente na convivência dos filhos com os pais. As discussões mais frequentes estavam ligadas à maior liberdade para sair, falta de limites e de responsabilidades com tarefas domésticas e escolares. Outras reclamações se referiam ao comportamento impulsivo, autoritário e agressivo de alguns adolescentes (Philippe, Miriam e Paula), o que ocasionava brigas e dificultava o diálogo familiar. Houve, além disso, queixas relativas a brigas entre irmãos, motivadas por situações de ciúmes e competição (Jessica, Paula, Aline e Miriam). Segundo depoimento de uma das mães,

“sua filha está muito impulsiva, autoritária, respondendo muito seu pai. Não estamos conseguindo conversar, o pai tem batido nela de vez em quando. Ela e a irmã mais nova também estão brigando mais, já não têm muita coisa em comum”.

Quando perguntado sobre o que poderia estar dificultando a convivência familiar, algumas mães reconheceram que seus relacionamentos conjugais estavam bastante complicados no momento e que tal situação estava impedindo, ainda mais, um relacionamento saudável com os filhos. Tal circunstância foi constatada no relato a seguir.

“Não vejo uma solução: não tenho gosto pelo cuidado da casa, procuro dividir as tarefas com minhas filhas, mas elas reclamam muito. Sempre que meu marido bebe se torna agressivo comigo e com elas. Isso me deixa ainda mais aflita”.

Em segundo lugar, apareceram as preocupações com o estudo dos filhos, fossem elas relacionadas ao desempenho irregular ou fraco, ao comportamento inadequado ou desinteressado e à convivência com professores e/ou colegas. Segundo as mães, oito adolescentes apresentavam alguma dificuldade que comprometia o aprendizado na escola. Quatro deles (Tamer, Philippe, Jessica e Paula) já

apresentavam problemas anteriores à adolescência, especialmente um jovem (Tamer) que concluiu com dificuldade a 7ª série e estava determinado a interromper os estudos na 8ª série. Mais recentemente, outros quatro (Aline, Pedro, Junia e Miriam) apresentavam-se desinteressados e dispersos na escola, ocasionando uma diminuição do rendimento escolar. Segundo uma das mães: “ultimamente, a filha não está muito ligada nos estudos, os professores falam que é falta de interesse”.

Em terceiro lugar, outra questão enfatizada no discurso das mães, relacionava-se ao comportamento inibido dos filhos no âmbito social. De acordo com relatos de oito das onze mães presentes, esses jovens apresentavam uma timidez que comprometia sua convivência social, definida por uma delas como “pobre de amigos e de atividades”. Entre esses adolescentes estavam os cinco que não tiveram disponibilidade e interesse de participar do grupo de pesquisa.

Por último, as mães trouxeram queixas relacionadas a *problemas emocionais* dos adolescentes, relatados por seis das onze mães como momentos de crise, com forte ansiedade, frequentes variações de humor e do estado de ânimo, dúvidas e desmotivação. Quatro reconhecem que suas filhas são muito ansiosas, enquanto outras duas percebem que elas apresentam sinais de depressão. Estes são alguns dos relatos escutados:

“Ela é ansiosa demais, medrosa e perfeccionista... em momentos de briga familiar ameaça morrer”; “[...] seu humor varia muito, é desconfiada, briga por qualquer motivo”; “[...] não sabe o que quer, é desmotivada”; “[...] às vezes chora muito, fica trancada no seu quarto, não conversa e não come”.

Com relação à demanda dos adolescentes, a maioria dos entrevistados ficou motivada a participar do grupo, fundamentalmente, com intuito de fazer novos amigos, relacionar-se e buscar um espaço para compartilhar histórias, queixas e dúvidas. Eles procuravam, por meio da participação no grupo, se localizar e posicionar-se diante do Outro, a partir do reconhecimento das semelhanças e diferenças entre si. Tais interesses ficaram explícitos em seus depoimentos, conforme destacado a seguir:

“Gostaria de participar de um grupo com pessoas da mesma idade para fazer novos amigos, pois tenho poucas oportunidades perto de casa”;

“[...] será bom para interagir com outras pessoas, comparar minha vida com outras pessoas”;

“[...] para conhecer pessoas novas, para me abrir e conversar sobre assuntos da adolescência”;

“[...] porque sou tímida e tenho dificuldades de me expressar diante das pessoas”;

“[...] pelo interesse em conhecer pessoas diferentes”.

Grande parte dos adolescentes (12 em 16) ressaltou que o relacionamento familiar é difícil, principalmente a convivência com os pais. Cinco deles vivem em famílias de pais separados. As discussões mais frequentes estavam relacionadas à maior liberdade para sair com amigos, ficantes e namorados. As reclamações mais recorrentes se referiam ao controle, à exigência e desconfiança dos pais, exemplificada pela fala de uma delas: “eles pegam muito no meu pé”. Outra jovem enfatizou que essas dificuldades têm prejudicado a definição de suas “próprias escolhas, [pois] parece que eles (os pais) não acreditam em mim, na minha capacidade e responsabilidade”. Neste sentido, o interesse em participar do grupo estaria norteado pela busca de um espaço para ser escutada e reconhecida.

Alguns (Maria, Aline e Paula) também se queixaram da convivência com os irmãos, relatando sobre brigas frequentes entre eles. De acordo com uma delas, “o relacionamento em casa é difícil, compete e briga muito com as irmãs, não gosta de determinadas brincadeiras, fica agressiva”. Somente quatro entrevistados relataram ter uma convivência familiar tranquila. De acordo com suas declarações, há alguns desentendimentos entre pais, filhos e irmãos, mas estes foram considerados “sem importância e comuns de acontecer em qualquer família” (Miriam, Clarice, Rafael e Tiago).

Em consonância com as preocupações relatadas pelas mães, nove dos dezesseis adolescentes explicitaram ter dificuldades de timidez, reconhecendo, ainda, que, de

forma parcial, essa inibição comprometia sua convivência social e também sua expectativa de ter relacionamentos afetivos. Contaram histórias, nas quais essa dificuldade abrangia, ora o desempenho escolar, ora os contatos sociais e afetivos. Entre esses, estavam cinco adolescentes que não se dispuseram a participar do grupo de pesquisa, a exemplo de Tamer, que explicitou ter problemas para relacionar-se até com familiares próximos e de Guilherme, que se queixou de timidez acentuada, reconhecendo que isso o tem prejudicado nas relações afetivas, de amizade e de trabalho. O primeiro apresentou grande resistência em participar do grupo, assim como não se colocou disponível para qualquer outra ajuda profissional. Mesmo assim, sua mãe foi orientada a agendar uma consulta clínica no Setor de Saúde do Adolescente. O segundo optou por uma abordagem individual e recebeu encaminhamento para o Setor de Psicologia do Ambulatório. Os outros três apresentaram incompatibilidade de horário, devido a compromissos escolares já agendados anteriormente e não puderam fazer parte do grupo de pesquisa.

Quatro adolescentes que participaram do grupo de pesquisa (Paula, Junia, Maria e Rafael) também se referiram a problemas de timidez exemplificados nos relatos a seguir: “tenho poucos amigos”; “não gosto de sair de casa, prefiro os jogos de computador e as conversas virtuais”; “não tenho muitos amigos na escola, pois acho que os colegas estão mais a fim de fazer zoação”.

Seis adolescentes reconheceram que têm enfrentado problemas na escola. Entretanto, essas dificuldades não foram determinantes para motivar a participação no grupo. Um deles (Tamer) não quer continuar os estudos e sequer se dispõe a trabalhar essa situação. Outra jovem (Paula) enfatizou que sempre teve dificuldades de aprendizagem, mas não tem se esforçado para mudar essa condição: “não faço exercícios, fico desmotivada e durmo nas aulas”. Quatro deles ressaltaram que, mais recentemente, têm estado desinteressados e dispersos na escola, apresentando um desempenho irregular (Aline, Maria, Pedro e Tiago), conforme expresso em suas falas: “só vou às aulas para encontrar as amigas – que não são muitas”; “deixo acumular o estudo prá hora da prova e aí me dou mal”.

Dois outros adolescentes tinham uma queixa específica de sobrepeso. Ambos são de famílias de pais separados, e os conflitos familiares foram mencionados como um fator de ansiedade que desencadeava excessos na alimentação. De acordo com eles: “a ficha caiu há pouco tempo, como sem controle e muita porcaria”; e “sou muito ansiosa e desconto tudo na comida”.

O fato mais relevante, que marcou presença em todas as entrevistas realizadas com os adolescentes e suas mães, foi a dissonância entre as demandas que as mobilizavam e aquela que era escutada no discurso dos adolescentes, embora eles não contradissem as queixas das mães. A expectativa dos jovens em relação à participação no grupo demonstrava um interesse orientado para a construção de um saber, que lhes permitiria fazer novos laços sociais e se orientar diante do momento da adolescência. O que poderia parecer um conflito à primeira vista, na verdade, apontava para um horizonte de trabalho, na medida em que essas posições poderiam se articular para possibilitar *a passagem adolescente: da família ao laço social*⁸.

Após essa primeira etapa, o grupo foi composto por onze dos dezesseis adolescentes entrevistados, uma vez que estes manifestaram tanto o interesse quanto a disponibilidade em participar. Conforme ficou tratado, todos foram avisados através de contatos telefônicos sobre o local, a data e o horário do grupo, que teve seu início na segunda quinzena de agosto.

Os encontros ocorreriam semanalmente, às quartas feiras, de 14 as 15h e 30min, na sala 617, do sexto andar do Ambulatório Bias Fortes/HC/UFMG. Uma listagem com os nomes dos adolescentes e as indicações de horário e local da realização do grupo ficaria disponível na portaria dessa Instituição para facilitar o acesso dos

⁸ Essa frase nomeia o livro do psicanalista francês Jean-Jacques Rassial, publicado em 1997, referência importante neste estudo.

participantes e de seus familiares. Somente uma das adolescentes entrevistadas, que inicialmente se dispôs a participar, não compareceu aos encontros do grupo.

5.2 Os encontros do grupo

São muitos os verbos e as ações que exprimem o trabalho do jovem na adolescência: crescer, percorrer, atravessar, dar passagem, elaborar ...

Pode-se dizer que esse trabalho se desdobra em inúmeras tarefas que o adolescente tem pela frente, mas, certamente, pode ser sintetizado no projeto de desligar-se dos pais para situar-se em relação ao Outro e à sua sexualidade, o que implica localizar-se numa dimensão espaço-temporal, que insere esse jovem no contexto social.

A adolescência é uma resposta do sujeito provocada pela emergência da puberdade, quando esta se apresenta reduzida àquilo que Lacan chamaria de uma irrupção de um real - algo que insiste como estranheza, sem se deixar simbolizar e nem imaginarizar. Nesse sentido, a adolescência se coloca como uma escolha do sujeito e implica pagar o preço do desligamento dos pais e assumir que o Outro social não lhe dá garantias.

Segundo Alberti (2002), na tentativa de elaborar esses desafios, os adolescentes recorrem a estratégias que vão desde os rituais iniciáticos até as inscrições culturais em seu corpo (*pearcing*) e em seu mundo social (*grafite*), procurando dar alguma forma à angústia que lhe é intrínseca nesse momento. O jovem tem ainda os recursos da paixão e das novas formas de amar - o ficar -, para tamponar a incompletude da relação sexual e, principalmente, o incremento das identificações ao outro, por meio da filiação em grupos que permitem, às vezes mais, às vezes menos, velar a questão da inconsistência do Outro.

A proposta de trabalhar com um grupo de adolescentes é uma aposta na constituição de um espaço de circulação e acolhimento da palavra do adolescente, que favoreça seu posicionamento diante de si próprio e do Outro.

Para discutir e analisar o percurso do grupo, desde seu início até sua conclusão, recorreremos à construção da lógica coletiva expressa por Lacan (1945) no escrito *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*. Contrapondo as formas da lógica clássica e sua ambição universalizante, Lacan elucida outra saída lógica, a partir do *Sofisma dos prisioneiros* apresentado nesse texto.

Pode ser resumido assim o problema apresentado no sofisma dos prisioneiros: um entre três prisioneiros poderá ser libertado; o diretor da prisão propõe que isto se decida numa prova, que é a seguinte: há cinco discos, três brancos e dois pretos. Cada prisioneiro receberá um disco nas costas e, sem meios de vê-lo – mas estando livre para examinar os companheiros e seus respectivos discos –, deverá deduzir a própria cor. O primeiro a fazê-lo, baseando a sua conclusão em motivos de lógica e, não, de probabilidade, seria beneficiado com a medida liberatória. Os prisioneiros aceitam a prova, e cada prisioneiro recebe um disco branco (LACAN, 1945, p.197). Cabe a cada sujeito obter sua resposta a partir dos outros prisioneiros, calculando seu passo pelo movimento dos outros, pelas regras do jogo e pela tensão temporal que daí deriva.

Há um embaraço produzido nesse sofisma, que advém da consideração de que cada sujeito só pode assentir algo como verdade, a despeito de sua falta de saber. Esse foi o desafio colocado para cada um dos prisioneiros: ter êxito em concluir apesar disso, pois cada um deveria deduzir sua própria cor, embora os outros dois já soubessem. Portanto, eles não podem se basear numa solução previamente existente, alcançada por meio de um raciocínio rigoroso, como qualquer problema que a lógica tradicional poderia exigir.

Os três tempos lógicos são modulados a partir do movimento instaurado no sofisma: o *Instante do olhar*, o *Tempo para compreender* e o *Momento de concluir*. No entanto, não é a cronologia que rege a ordem, mas uma descontinuidade tonal, ainda que o posterior sempre revele o anterior, tal como Lacan os articula: "[...] tempo para compreender o instante do olhar. E, passado o tempo para compreender

o momento de concluir, é o momento de concluir o tempo para compreender” (LACAN, 1998, p. 84).

Então, esses três modos temporais, embora incidam em uma sucessão real, não se instauram necessariamente, não se sucedem inexoravelmente. O limite de cada um dos tempos não é previsível, não é cronológico, mas de proposições, obedecendo a uma lógica de circunstâncias. O trabalho de compreensão só se instaura se o sujeito de algum modo se submete à condição paradoxal de que ele nessa situação *não pode ver* – ou seja, não pode saber o que constitui a sua verdade. E o momento de concluir só se abre ao sujeito se ele se deu ao trabalho de compreender o que era preciso, chegando logicamente à *impossibilidade de concluir pela compreensão* – o que dá suporte à própria conclusão.

Portanto, a conclusão não é um novo instante de ver, nem a contemplação de uma verdade, é o momento de fazer ato, na medida em que a certeza da conclusão se antecipa à realização. Consequentemente, o momento de concluir não está em continuidade com o saber que se articula no *tempo para compreender*, assim como este também não está necessariamente implicado no *instante de ver*. Cada passagem constituinte desse progresso lógico entre essas instâncias temporais se faz, portanto, na dependência e, também, na ruptura com a anterior.

Outra consequência que pode ser deduzida nesse percurso lógico é que, para um sujeito chegar a sua verdade, só se pode atingi-la sozinho; entretanto, ninguém a atinge, a não ser por meio do Outro. Esta assertiva é corroborada pela própria noção da constituição do sujeito que se funda pela alteridade, em função do desejo, já presente desde os textos freudianos. Nesse sentido, podemos nos aproximar novamente do sofisma do tempo lógico de Lacan, lembrando que nele os prisioneiros só se posicionam por referência à localização temporal dos outros. Isto diz respeito ao tempo que organiza a relação desses vários personagens e que, deste modo, implica o Outro. É possível então deduzir que, a partir da relação de

alteridade, o sujeito adquire uma certeza antecipada sobre sua identidade em função de uma operação lógica de afirmação conclusiva (GONÇALVES, s/d, p.131).

Assim também ocorre quando nos transportarmos para uma situação de um pequeno grupo. Ao falar para alguém, o sujeito tem a chance de perceber que ele está dizendo algo que, ao mesmo tempo, ele não tem um domínio completo, pois na recepção de sua fala pode acontecer algo diferente, que irrompe como um *vacilo* na certeza da fala. É na direção dessa lógica grupal e social que Lacan se propõe a rediscutir a questão das relações entre indivíduo e grupo. Poderíamos então vislumbrar que se trata mais de uma situação de tensão do que de reciprocidade, mesmo que seja necessária essa suposição ilusória inicial, para fazer acontecer o grupo.

Aceitando o desafio do tempo lógico proposto por Lacan, como um tempo necessário para produzir uma conclusão a partir do que não é sabido, e construindo uma analogia com o tempo necessário para adolecer, pensamos que é possível trabalhar o percurso de um grupo de adolescentes à luz dos *três tempos lógicos*. Partiremos do pressuposto de que a adolescência atual se vê pressionada entre o *Instante de olhar* e o *Momento de concluir*, com o *Tempo de compreender* cada vez mais reduzido.

O adolescente corre o risco de se perder nos imperativos do consumo, da competitividade e do gozo⁹, fracassando como sujeito desejante, para atender o que é exigido pelas demandas sociais de sua época. Muitas vezes isso acontece ao preço da exclusão de sua subjetividade, lugar de onde poderia se produzir novas significações. Dessa forma, estaria apto a arriscar uma *conclusão antecipada*, para assim advir no exercício do seu desejo, que o colocaria como autor de sua história.

⁹ O gozo é um conceito lacaniano que abrange o prazer e o desprazer, apontando como estes estão em continuidade. O gozo se inscreve no corpo, na ordem do excesso e se contrapondo ao desejo. Expressa uma satisfação paradoxal que não se deixa apreender totalmente.

Diante da proposição de que o trabalho da adolescência é produzir um saber ¹⁰ que não está constituído a priori, nossa estratégia será de propiciar um espaço de subjetivação aos participantes do grupo de adolescentes, dando-lhes condições para vivenciar o *Tempo de compreender*.

¹⁰ O saber, para a psicanálise, difere da noção de conhecimento para a ciência, pois não se trata de um saber prévio, totalizante e universal. Se há um saber sobre o sujeito na psicanálise, esse saber não é o mesmo para todos, é caso a caso, singular a cada um.

Traçamos, a seguir, a trajetória do grupo de pesquisa, investigando cada encontro na perspectiva de construir um saber sobre o trabalho com grupo de adolescentes.

O instante de ver (Os primeiros seis encontros):

“O grupo sob os efeitos do olhar do outro – o momento de reconhecer-se e ser reconhecido”

O primeiro encontro aconteceu no dia vinte e dois de agosto de 2007, com a presença de seis dos onze adolescentes inscritos

Duas jovens chegaram mais cedo acompanhadas pelas mães, dois outros foram pontuais e demais se atrasaram. Entretanto, todos se mostraram curiosos para conhecer a proposta do grupo. A apresentação de cada um foi bem sucinta; disseram basicamente o primeiro nome, onde moravam e estudavam. A presença de dois jovens que trabalhavam como bolsistas da Cruz Vermelha no Ambulatório Bias Fortes (Hospital das Clínicas/UFMG) despertou o interesse dos demais. Em seguida, fizemos nossa apresentação e especificamos a proposta do nosso trabalho, explicitando ser este um projeto de pesquisa. Informamos ainda que outros cinco adolescentes interessados em participar do grupo poderão estar presentes nos próximos encontros. Todos receberam com entusiasmo a possibilidade de contribuir para uma pesquisa que tem por finalidade estudar o momento de vida que estão vivendo: a adolescência.

Após essa conversa inicial, surgiu um silêncio que foi quebrado pela sugestão dos coordenadores de realizar uma atividade de escrita pontual, sobre o que eles consideravam *bom* e do que consideravam *ruim* na adolescência, sem necessidade de identificação. Essa proposta teve o objetivo de recolher alguns temas para nortear nossa discussão. Após um tempo de hesitação todos se debruçaram na atividade. Ao término da escrita, foi sugerida sua leitura. Aos poucos, os autores

foram se identificando espontaneamente, sem constrangimentos. Uma conversa animada aconteceu depois, sem interferência das coordenadoras.

Entre o que foi considerado *bom* na adolescência, destacaram-se os seguintes escritos: “não ser mais tratada como criança; começar a ser independente; aprender a discutir sobre sua posição; ter dúvidas; tempo livre para as amizades”. Já entre o que foi considerado *ruim*, sobressaíram os registros abaixo: “descobrir que não somos mais crianças e já temos responsabilidades; insegurança; adultos pegando no ‘pé’; preocupação demais ou de menos com os pais; viver pensando no futuro; fase de conturbações sentimentais”.

Ao final do grupo, estabelecemos em conjunto algumas regras de convivência e destacamos que a presença no grupo é sempre uma escolha, mas as faltas, sempre que seja possível, deveriam ser justificadas. Foram entregues os *Termos de Compromisso*, mencionados durante as entrevistas, para os participantes e seus respectivos familiares responsáveis, sendo esclarecida sua função.

A maioria das considerações enfocadas pelos adolescentes, independentemente da qualificação de *bom ou ruim* foram entrelaçadas à temática do relacionamento familiar, evidenciando ser a família o cenário privilegiado do questionamento dos adolescentes, em função do trabalho de separação dos pais exigido pela adolescência. Foi relevante perceber certa tensão em “descobrir-se não sendo mais criança” como um ponto de angústia, relacionada a esse *entre-lugar* que hesita da criança ao adulto e que não se define sem perdas, principalmente relacionado à garantia do espaço que se ocupava para os pais. Ao mesmo tempo, aparece certo contentamento em “não ser mais tratada como criança”. Despede-se da infância enquanto um tempo e uma posição já conhecida, para outro momento de *não-saber*, marcado segundo eles próprios por: “[...] dúvidas, insegurança, preocupação [...], conturbações sentimentais”.

De acordo com Rassial (1999, p.58),

[...] a adolescência é um período de indecisão subjetiva e de incerteza social, durante o qual a família e as instituições exigem, segundo as circunstâncias, que o sujeito se reconheça como criança ou como adulto.

Para concluir nosso primeiro encontro, elegemos uma frase escrita por uma participante: “a adolescência é viver num mundo cheio de setas, onde é difícil saber aonde ir”. Sua eleição se deve ao fato de ela servir de bússola, orientando a direção do trabalho que tínhamos pela frente. Esse dizer nos indicava que o grupo teria o desafio de construir caminhos que apontassem as possíveis saídas para a adolescência, considerando ser o momento atual marcado por um excesso de ofertas que embaralha e dificulta as escolhas.

O 2º encontro aconteceu uma semana depois, no dia vinte e nove de agosto, e contou com dez participantes

Os adolescentes que vieram pela primeira vez retornaram e os outros inscritos para o grupo compareceram, com exceção de uma adolescente. A conversa fluiu mais solta, e a presença de um novo integrante, Pedro, trouxe mais humor ao grupo, pois seu jeito brincalhão marcou presença. Passaram a comentar sobre a escola, os amigos, o que fazem atualmente e o que gostariam de fazer no futuro. Alguns ainda não colocavam suas histórias, porém escutavam atentamente, sinalizando uma concordância.

Os relatos sobre a convivência familiar foram os que mais impuseram sua presença, seja pelas queixas relativas ao controle das saídas, à demanda de maior responsabilidade com cuidados da casa, ou via elogios e idealizações. As mães, novamente, foram o alvo dos comentários, talvez pela maior proximidade com cotidiano dos adolescentes.

Foi possível perceber que a proposta de constituição de um *grupo* é algo que estava a princípio por fazer-se e, no entanto, se encontrava antecipada desde a nomeação feita pelos coordenadores, que trabalhavam na direção de produzir uma ratificação dos participantes, a partir da entrada de cada um. Tratava-se, antes de tudo, de uma aposta: que os enlaces pudessem acontecer, ao mesmo tempo em que cada um, portador de sua palavra e de seu lugar, pudesse se reconhecer e reconhecer o outro, nas semelhanças e nas diferenças.

O fio condutor desse grupo começava a ser traçado a partir de histórias cotidianas do presente - família, escola e amigos -, em direção ao futuro. Ao colocar essa perspectiva para o trabalho do grupo, lembramo-nos da frase Freud no texto *Escritores criativos e seus devaneios* (1908): “As fantasias flutuam em três tempos: passado, presente e futuro, que são entrelaçados pelo fio de desejo que os une”.

O 3º encontro ocorreu no dia cinco de setembro, com nove participantes

A conversa privilegiou os relacionamentos sociais e afetivos que ocorriam em torno de seus programas preferidos: ficar na rua com a turma, ir para a casa dos amigos, ao shopping, a shows de música e outros passeios, tanto em Belo Horizonte como nas cidades do interior, nas quais vivem duas adolescentes. Relataram ainda como a família se envolvia e controlava essas saídas e como eles driblavam e omitiam os fatos para conseguir seus objetivos.

A maioria dos adolescentes se colocou mais à vontade para expressar suas dúvidas e medos relativos às suas próprias expectativas, assim como às de seus familiares e do seu círculo social. Clarice e Miriam, entretanto, procuravam passar ao grupo uma imagem idealizada de si e dos seus relacionamentos familiares, evitando expor situações de angústia e conflitos, despertando com essa atitude certa admiração dos demais participantes. Em sua narrativa, Pedro destacou sua liberdade para sair e conseguir o que queria, buscando impressionar o grupo e, a partir daí, tornou-se

porta-voz dos outros dois meninos que ficaram um tanto inibidos, evitando relatos mais pessoais.

Os *Termos de Compromisso* foram todos devolvidos, assinados pelos participantes e suas mães. Maria justificou sua ausência devido a problemas de saúde. Fizemos contato telefônico com uma adolescente que ainda não havia comparecido ao grupo. Ela nos relatou que tinha outros compromissos no mesmo horário do grupo, o que foi confirmado por sua mãe. Concluímos que não havia, no momento, uma disponibilidade e um interesse em comparecer.

Novamente o que estava em jogo e ia retornando no discurso de cada um é o processo de reconstrução da identidade, como um difícil, porém necessário desafio, que vai se expandindo do espaço familiar para o campo social. Segundo Lacadée (2007, p.1),

[...] esses limites simbólicos lhe permitem se situar enquanto parceiro ativo no seio do laço social, sabendo o que pode esperar dos outros e o que os outros podem esperar dele. Ser reconhecido, ter o seu lugar na sociedade, experimentar o sentimento de necessidade pessoal, do valor e do sentido de sua vida é o que ele (adolescente) espera no momento em que, de modo paradoxal, se separa daqueles que o puseram no mundo.

Nesse processo, os adolescentes recorrem a várias estratégias para lidar com o mal-estar que a irrupção do real da puberdade provoca: desde o não querer saber nada disso até a onipotência de tudo querer e poder.

O 4º encontro aconteceu no dia doze de setembro com oito participantes, do total de dez adolescentes que passou a fazer parte do grupo

A conversa ficou mais centrada nas futuras escolhas de profissão e de trabalho e na maneira como a escola poderia contribuir nesse processo. Houve uma concordância geral quanto à necessidade e importância do estudo, mas todos ressaltaram “a

chatice e a perda de tempo em aprender alguns conteúdos, que não fazem sentido na vida prática”.

Cada um dos participantes foi convidado a se posicionar, pois apostávamos que, por mais que houvesse concordância, cada um poderia se apresentar com suas singularidades. Luiza relatou sobre sua dificuldade em fazer escolhas e reconhecer suas habilidades e potencialidades, pois está muito atrelada à demanda da família. Maria falou com mais desenvoltura, sempre ressaltando sua trama familiar marcada por disputas. Nesse momento estava muito ligada nos conflitos familiares para se desprender e pensar em seu futuro. Paula contou que não está bem na escola e não se envolveu muito nessa discussão, seu discurso parece descompromissado com suas responsabilidades, relativas à família e à escola. Estava mais interessada nas conversas sobre festas e paqueras. Junia, apesar de adotar uma postura inibida, ficou envolvida nas conversas. Sua história sobre a convivência diária com sua doença crônica (diabetes) a fez bem acolhida no grupo. Tiago relatou seus planos de futuro, mas foi interrompido em função do trabalho no ambulatório. Isto tem ocorrido com frequência e incomodado bastante o grupo. Rafael sempre fazia comentários pertinentes sobre os relatos dos colegas, mas contou muito pouco de si, dando a impressão de querer ser reconhecido pelo que pensa e não por sua história pessoal e familiar.

Clarice não compareceu. Aline justificou sua falta devido a compromissos escolares.

Nossos encontros iam se configurando em torno de um trabalho que priorizava problematizar as questões trazidas pelos adolescentes, para construir e compartilhar o saber produzido. A partir dos posicionamentos pessoais foi sendo delineada certa heterogeneidade no grupo, que foi estimulada pela coordenação e respeitada pelos participantes que escutavam com atenção.

Percebemos que os temas eleitos, até então, nem sempre seguiam uma trajetória linear. Por vezes, iniciava-se com questões familiares e se ampliava para os

relacionamentos sociais e afetivos até as escolhas profissionais, configurando nesse percurso um trabalho de reconstrução da identidade desses jovens, que agora aspiravam um lugar de pertinência social. A constatação de que escola não tem motivado os adolescentes é preocupante, pois deveria ser um lugar privilegiado de interlocução e mediação com a práxis social. Na maioria das vezes esse potencial é negligenciado pela própria instituição que não investe em espaços de convivência social.

O 5º encontro foi no dia dezanove de setembro, com a presença de nove participantes

A conversa se iniciou espontânea e animada, de um assunto seguia-se a outro, sem dificuldades. A questão de saber conviver e respeitar as diferenças foi o mote do grupo, dando a impressão de que os participantes se arriscavam mais em falar daquilo que os diferenciavam, entre si e entre colegas e amigos, do que das semelhanças. Por esse caminho chegamos ao tema da imagem corporal, revelando-se a importância que o corpo adquire na adolescência. A maioria falou das expectativas quanto ao *corpo perfeito*, na medida em que se supõe que ele desperta o olhar e o desejo do outro. Uma jovem disse que faria “vários consertos no seu corpo se tivesse condições financeiras”, o que foi referendado por outra.

Alguns, entretanto, indicaram que nos cuidados com o corpo, “deve-se levar em conta a saúde e não somente a beleza”. Enfatizamos essa fala e aproveitamos para lembrar os riscos de manter, a qualquer preço, esse ideal de corpo perfeito. Ressaltamos ainda os limites impostos pela história familiar (genética) de cada um, mas a maioria acreditava que eles podiam ser contornados. Nesse momento o grupo respeitou o silêncio de Maria que parecia sentir-se desconfortável com esse tema, em função de seu sobrepeso.

Também falaram descontraidamente sobre o que não gostavam em seu corpo e se surpreenderam com o efeito que tais comentários causaram nos demais, uma vez que a autocrítica que cada um tinha sobre si contradizia com a opinião do outro. Duas jovens gostariam de ter “um corpo maior, menos infantil e mais mulher”. Buscavam esse reconhecimento de modo sexualizado, tanto na postura quanto na maneira de se vestirem. Um dos rapazes comentou que mudaria no seu corpo “a altura e a musculatura, para ficar mais alto e mais forte”. Parecia inibido e desconfortável com sua imagem e, talvez, isto afetasse sua iniciativa de lançar-se em relacionamentos afetivos. Comentamos que sempre desejamos o que não temos e convidamos o grupo a pensar sobre isso.

Ao final, fomos procuradas pela mãe de Paula, que sempre a acompanhava, pois elas vinham do interior do estado. Ela se queixou do descompromisso da filha com a escola e com as tarefas domésticas. Novamente, Clarice não compareceu.

É interessante notar que as grandes questões da adolescência foram surgindo espontaneamente no grupo, mesmo que de forma pontual, e escutadas num primeiro momento pelos coordenadores, para serem ampliadas em seguida, na tentativa de ganhar maior abrangência no grupo. Acreditamos que essa estratégia deve ser buscada, independentemente de se alcançar o efeito desejado.

A temática da imagem corporal demonstrava que o corpo é um ponto nodal e um cenário privilegiado, que condensa as questões fundamentais da passagem pela adolescência. O que se evidencia a respeito desse novo corpo do adolescente é que não se trata só do olhar do adolescente, nem só do olhar do Outro, mas do cruzamento desses dois campos, como numa via de mão dupla. Ou seja, faz-se uma articulação entre o traço do olhar e da voz do Outro que o adolescente recolhe e que, simultaneamente, se articula com o seu próprio olhar.

O 6º encontro ocorreu no dia vinte e seis de setembro, com sete participantes

O grupo foi se constituindo de fato como *um grupo*, ao mesmo tempo em que os participantes se interessavam em saber da data de aniversário de cada um, para nomeá-los no espaço e no tempo do grupo. Diante da percepção de que três de seus membros fariam aniversário em outubro, propuseram uma comemoração conjunta. Os que estavam presentes lembraram-se das pessoas ausentes e demandaram um chamamento dos mesmos pelas coordenadoras, que colocaram a questão da liberdade de vir ao grupo e os convidaram a refletir sobre os possíveis ganhos de estar participando dele.

Nas falas subsequentes, todos reconheceram a importância de se ter: “um espaço para trocar idéias” e, pela primeira vez, o grupo colocou em discussão assuntos relacionados à sexualidade. A abordagem se iniciou com relatos de histórias familiares *um tanto fantasiosas*: suspeitas de terem outros irmãos fora da família, gravidez indesejada e homossexualismo. Em seguida, duas adolescentes contaram sobre seus namoros, enquanto a maioria comentou sobre suas experiências com ficantes ocasionais. Foi também lembrado o posicionamento das famílias diante dessas circunstâncias e marcado que nem sempre suas escolhas são bem recebidas pelos familiares.

Os coordenadores enfatizaram o respeito pela fala de cada um e a importância do sigilo entre os participantes. Não houve comentários nem interferências indelicadas sobre os conteúdos relatados, gerando um clima de liberdade na exposição. Luiza finaliza dizendo que pensou em não vir hoje ao grupo, mas “[...] animou-se quando pensou nas conversas que poderiam rolar...”

Três adolescentes faltaram: Clarice, Maria e Paula. Posteriormente, conversamos com Clarice e sua mãe por telefone. Ambas justificaram as faltas devido a consultas médicas periódicas, agendadas no mesmo horário do grupo. Percebemos que a

adolescente estava resistente em continuar, tivemos a impressão que o grupo lhe causou algum desconforto, e ela não estava disposta a enfrentá-lo. Acatamos sua decisão de desligar-se do grupo.

À medida que o grupo foi se constituindo, os adolescentes se aliavam em torno de histórias, queixas e sintomas semelhantes. Parecia se confirmar que, ao trabalhar com adolescentes, estávamos diante de situações nas quais prevalecia uma tendência quase natural ao coletivo, ao grupo. Dessa forma, a partir da circulação da fala passaram a compartilhar um discurso aparentemente comum, em torno de temas que tratavam das relações familiares, dos relacionamentos afetivos, da circulação social e do lazer. Esses temas funcionavam como significantes singulares do grupo e, em lugar de se instituírem um *a priori* como uma porta de entrada imaginária para a experiência grupal -, estes se tornavam *a posteriori* em temas privilegiados e propiciavam certa estabilização ao grupo.

Começamos, então, a nos perguntar de que maneira esse tempo de identificação inicial, de reconhecimento imaginário entre os participantes, tal como acontece em outros grupos, poderia ser utilizado como elemento facilitador da circulação da fala, diminuindo a angústia ou mesmo ajudando a construir uma demanda de trabalho. Foi possível aprender que, em determinadas situações, partíamos da homogeneidade e, não, da heterogeneidade, embora sempre estivesse assegurada a possibilidade de manifestação de cada sujeito no coletivo do grupo.

De acordo com Recalcati (2002), essa estratégia se apresenta como uma possibilidade inicial de constituição de um imaginário grupal, para que se definisse a seguir uma perspectiva de separação para cada um da cola grupal. Acreditamos que essa postura permitia que falas singulares, que relatavam experiências pessoais dos integrantes do grupo, poderiam ter a possibilidade de causar efeitos nos outros integrantes do grupo. Essas falas, às vezes,

contrastavam com os significantes privilegiados pelo coletivo, possibilitando furar a homogeneidade imaginária e tornando viável um avanço no trabalho do grupo.

O Tempo de Compreender (do sétimo ao décimo sétimo encontro):

“O acolhimento e a elaboração das vicissitudes de cada um”

O 7º encontro aconteceu no dia três de outubro, com a presença de oito dos nove participantes

Comunicamos ao grupo a decisão de Clarice de não mais comparecer, em função de um tratamento de saúde em outra instituição, no mesmo horário dos nossos encontros. A conversa retornou aos relacionamentos afetivos, mas dessa vez ficou mais centrada nas vivências dos adolescentes. Os participantes trouxeram questões relativas às diferenças do comportamento masculino e feminino quanto aos modos de aproximação e de conquista e também relacionadas ao ciúme e à traição presentes nos relacionamentos. Maria retoma essas questões em sua história familiar, bastante conflitante e um tanto fantasmática; parece aprisionada nesse embate, aparentemente sem saída. Em seguida, alguns adolescentes passaram a relatar histórias de morte de pessoas próximas e queridas. Aos poucos, cada um foi lembrando-se de experiências semelhantes, ocorridas num passado recente.

Comentaram também sobre o medo recorrente de perder um dos pais, associando esse pensamento à culpa que advém após os momentos de brigas familiares. Logo depois, o grupo retornou ao tema das experiências afetivas de cada um, mas agora articulando-o com as perdas a que também estamos sujeitos nesses relacionamentos. Para concluir, as coordenadoras comentaram que todos têm histórias de perdas para contar, pois esses fatos fazem parte da vida; a diferença está em como lidamos com essas experiências e o que podemos aprender com elas.

A mãe de Paula solicitou nossa ajuda após o término do grupo, pois está preocupada com o rendimento escolar, o baixo peso e o sono excessivo da filha. Miriam faltou e sua mãe compareceu ao final do grupo, incomodada com os relacionamentos afetivos da filha e com seu comportamento arredio em casa.

A saída de Clarice foi uma primeira perda experimentada no grupo e, de certo modo, trouxe a perspectiva de vivenciar a incompletude e a desidealização do grupo. Pode-se pensar que essa circunstância, provavelmente, provocou a sequência de histórias que apareceu em seguida: os relatos de morte e o medo da perda de pessoas queridas. Ao contar para o grupo, tanto os fatos quanto as fantasias relativas à morte, já se produzia algum trabalho de elaboração ou mesmo de luto, diante de situações das quais não temos controle. A própria temática da sexualidade também se articula à perda, na medida em que ela nos força a uma escolha, que implica necessariamente deixar outras.

Com relação à história de Maria, esta vem confirmar o quão necessário é para o adolescente trabalhar um distanciamento da família, para lançar-se às suas próprias experiências afetivas. Podemos pensar que suas fantasias revelam algo de verdade, pois algumas perdas sempre se operam nessa passagem da criança para a vida adulta. Segundo Corso (2002, p. 30), a adolescência vem confirmar que,

[...] através de um tortuoso processo de separação entre pais e filhos se faz o parto de um sujeito sexuado e desejante. Só que, para isso, ele precisou descobrir, paradoxalmente, o quanto depende de que alguém o deseje. Assim, no processo de se tornar independente da família, cada um se descobre escravo para sempre do amor que o constituiu.

O 8º encontro foi no dia dez de outubro e contou com sete participantes

A temática da perda e da morte regressou ao grupo com o relato espontâneo de Maria, que explicitou, pela primeira vez, as circunstâncias do acidente e da morte de seu pai, ocorrido há aproximadamente um ano atrás. Sua narração foi marcada por acusações e disputas entre os familiares paternos, tanto relacionadas aos bens

materiais, quanto à guarda dos filhos (ela e mais dois irmãos). O grupo escutou atentamente, buscando minimizar a agressividade que transparecia no seu relato, dizendo que “toda família tem brigas, mas o amor sempre prevalece”. Entretanto, sua vivência demonstrava o quanto ela ficou contaminada por esse ambiente de intrigas familiares.

Quando algumas ponderações foram escutadas, o grupo decidiu trabalhar para viabilizar a comemoração dos aniversários, que estava previsto para a semana seguinte. Alguns prontamente se ofereceram para colaborar, enquanto outros hesitaram um pouco em se envolver com os preparativos, mas todos concordaram em contribuir com a divisão dos custos. Por fim, pediram à coordenação para comunicar aos ausentes esse compromisso. Miriam não compareceu, e Pedro justificou sua ausência.

O retorno da temática da perda e da morte veio enfatizar a importância dessas elaborações no percurso da travessia da adolescência, uma vez que elas remetem à separação dos pais e às escolhas que desafiam o adolescente. Aberastury e Knobel (1981) consideram que a grande tarefa da adolescência é a realização do luto pela perda da estrutura infantil, o que significa realizar um trabalho de elaboração, articulando a perda do corpo infantil à sua identidade, à sua bissexualidade perdida e aos pais da infância. É importante registrar esse momento em que Maria pode assumir a perda do pai diante do grupo, pois até então se referia a ele como se estivesse vivo. Ao mesmo tempo, dava mostras que admitia o trabalho de luto que teria pela frente. Os participantes acolheram sua história com afeto e, embora assustados com o tom agressivo do seu relato, tentaram ajudá-la a reencontrar seu lugar diante de sua família.

À coordenação coube registrar os efeitos de surpresa que se fizeram presentes nesse momento em que surgiu para o grupo a dimensão contingente do mal-estar. Mesmo considerando a distância que nos separava da situação analítica, observamos nas falas de alguns participantes efeitos fulgurantes, que nos

permitiram nomeá-los de *efeitos de interpretação* e, a partir deles, verificamos a possibilidade de efeitos de reformulação subjetiva.

O 9º encontro ocorreu no dia dezessete de outubro, com seis participantes

Conforme ficou combinado, comemoramos os aniversários de Junia, Aline e Tiago referentes ao mês de outubro. Junia mostrou-se mais participativa e contente por trazer os salgados produzidos por seus familiares. Relatou que sua mãe fez comentários sobre sua desinibição, a partir de sua frequência no grupo. Enquanto conversávamos descontraidamente fomos lanchando. Tiago atrasou-se devido aos compromissos de trabalho e pareceu tolhido com a comemoração. Ao cantarmos *Parabéns prá você*, os outros participantes lembraram aos aniversariantes de pedir seus desejos, “em segredo”, acrescentaram. Ao final todos contribuíram com a divisão dos custos e o grupo despediu-se afetuosamente, tanto entre si, quanto das coordenadoras.

Este foi um momento marcado pela descontração e pela afetividade, com destaque para a menção explícita à importância do desejo, que foi presentificado na comemoração dos aniversários, momento em que o sujeito pode se lançar do presente ao futuro. Convidamos Miriam para esse encontro, mas ela se esquivou, dando a impressão de não queria mostrar-se frágil perante o grupo. De fato ela não compareceu. Maria justificou sua ausência devido ao constrangimento de não ter dinheiro para dividir as despesas, conforme combinado. Oferecemos ajuda, mas ela preferiu faltar a expor essa situação para o grupo. A mãe de Paula telefonou para justificar a ausência da filha.

O 10º encontro aconteceu no dia vinte e quatro de outubro, com a presença de oito participantes

Ao iniciarmos o grupo, foi comunicado que Miriam decidiu não mais participar dos nossos encontros, conforme a mesma nos relatou por telefone, após mais um convite, realizado a pedido de sua mãe. Concluimos que não devemos insistir mais nesse momento e decidimos encaminhá-la para um atendimento individual no Setor de Saúde do Adolescente. Num primeiro momento, o grupo ficou abatido e frustrado com essa notícia. A conversa ficou em torno do tema da separação, encontros e desencontros entre pessoas queridas: familiares, amigos e namorados.

A temática da separação retornava uma vez mais, agora precipitada pela desistência de Miriam, uma vez que ela ocupava o lugar idealizado de uma jovem bonita, bem resolvida e desejada, imagem que ela procurava sustentar tanto para si quanto para o grupo. A coordenação percebeu por meio dos seus relatos e dos de sua mãe, que sua dificuldade em permanecer no grupo se dava pela impossibilidade de sustentar-se nessa posição, diante de conflitos familiares e afetivos que emergiam de forma contundente naquele momento.

Apesar da reação inicial do grupo, conseguimos trabalhar essa perda, pois o grupo percebeu que essa adolescente estava passando por uma situação de fragilidade, ao contrário do que se imaginava até então. Foi lembrado que estamos sempre sujeitos a esses acontecimentos de perda que, na maioria das vezes, não se espera, mas que também não se tem controle sobre ele. Essa foi uma segunda perda vivenciada no próprio grupo e fez com que ele consolidasse seus laços afetivos, incorporando o afastamento de Miriam à sua história.

O 11º encontro foi no dia trinta e um de outubro, com sete dos oito participantes

O grupo discutiu as dificuldades vivenciadas na convivência social, pelo medo da violência urbana, cada vez mais próxima do cotidiano. Todos tinham alguma história para contar, principalmente os meninos que moravam próximos às áreas de risco. Reconheceram a influência do tráfico de drogas, que se faz presente até mesmo no

ambiente escolar, mantendo e estimulando a violência, inclusive nas cidades do interior. Paula relatou, de forma banalizada e inconsequente, sua experiência com o mundo das drogas, vivenciada por meio de seus contatos com primos envolvidos com o tráfico.

A maioria, entretanto, demonstrou que tinha uma postura mais responsável, buscando ficar distante e não se envolver com o universo das drogas. Relataram que seus pais sempre os alertavam sobre os riscos desse envolvimento, e que eles concordavam com essa conduta. Ao final do grupo a mãe de Paula nos procurou, queixando-se da agressividade da filha e, pela primeira vez, também reconheceu suas dificuldades de relacionamento familiar. Maria não compareceu.

A temática da violência social já tinha surgido em momentos anteriores, mas agora apareceu de forma incisiva, envolvendo o grupo numa discussão que tomou conta desse encontro, via relatos nos quais, parentes, amigos ou vizinhos estavam envolvidos, seja como atores, seja como vítimas. O consumo de drogas também foi lembrado, evidenciando que sua presença estava muito próxima do cotidiano dos adolescentes, em espaços públicos de convivência social.

Os coordenadores levantaram um questionamento sobre a importância de se *estranhar* essa situação e os riscos de nos acostumarmos a essa realidade. O grupo ressaltou o poder e o dinheiro que se ganha com o tráfico de drogas. Convidamos o grupo a refletir sobre o que realmente se ganha e o que se perde nessas situações. Lembramos a influência da cultura de consumo que leva as pessoas a mensurarem seu bem-estar e felicidade pelos bens que possuem. Segundo Calligaris (2000), de acordo com essa lógica, a violência se justificaria enquanto um meio pelo qual se atinge esse objetivo. Percebemos assim, que na modernidade, os caminhos valorizados para o acesso ao mundo adulto referem-se ao ter - ter dinheiro, ter sucesso, ter o corpo bonito -, para se obter o reconhecimento social.

O 12º encontro aconteceu no dia sete de novembro e contou com sete participantes

A conversa do grupo retomou as questões da convivência familiar. Foi possível, porém, avançar para além das queixas, e cada um começou a se implicar mais nesses relacionamentos e a pensar nas suas responsabilidades com os acontecimentos. A partir da percepção ressaltada pela maioria de que “toda família tem problemas”, lançamos a seguinte questão: “Então, se é assim, como cada um pode lidar com o seu problema?” Maria relatou que estava tentando aproximar-se dos irmãos e da mãe, mas admitiu que esta não será uma tarefa fácil.

A mãe de Paula pediu para conversarmos novamente ao final do grupo, pois a situação familiar parece ter saído do controle; discussões e agressividades estavam cada vez mais frequentes e o pai não tem se envolvido. Junia justificou sua ausência devido a problemas de saúde.

Os participantes do grupo iam, aos poucos, conquistando espaço para questionar o que o outro trazia de *sintomático* em sua fala. Os coordenadores, por sua vez, sustentavam essa disposição, pois entendiam que os participantes do grupo não deveriam se somar para fazer um coletivo unificado em torno de uma única posição, mas deveriam fazer valer e sustentar o lugar de cada um no grupo. Nesse sentido, nosso trabalho se distinguia dos grupos nos quais se operava na direção de uma espécie de *mente grupal*, em analogia à perspectiva da construção egoica. Nessa concepção, o grupo é entendido como uma totalidade, como unidade de análise e de transformação, cuja compreensão e intervenções dirigem-se ao conjunto, como um todo indissociável. Conforme explicita Sigal, (1989), essa tentativa busca ajustar e transpor a teoria da psique individual para o grupo, supondo que este será composto por uma estrutura psíquica coletiva.

O 13º encontro ocorreu no dia quatorze de novembro, com seis participantes

Logo de início, os adolescentes perguntaram sobre o tempo de duração do grupo e foram convidados a fazer uma avaliação espontânea dos progressos alcançados. Todos concordaram que a experiência de participar do grupo tem sido importante para, segundo eles: “ajudar a pensar sobre a vida deles nesse momento”. O comprometimento de Luiza surpreendeu os demais participantes, quando a mesma relatou que esteve presente à totalidade dos encontros.

A conversa continuou pelo envolvimento deles na vida escolar, mas o grupo se dispersou e começou a brincar, justificando que “é difícil levar a escola a sério”. Nesse momento, o que mais lhes interessava eram as perspectivas futuras de escolha profissional. Alguns já tinham uma posição definida, ainda que muito idealizada, mas o caminho para viabilizar essas escolhas estava um tanto obscuro. Outros não localizavam suas opções, pois se perdiam entre as próprias escolhas e as da família, não dimensionando com clareza suas potencialidades. Pedro e Paula não compareceram.

A importância de situar o grupo como um lugar de reflexão para os adolescentes foi referendada pela percepção dos participantes, quando eles disseram que o mesmo tem a função de: “ajudar a pensar sobre a vida deles nesse momento”. Privilegiando esse *Tempo de compreender*, no percurso do processo de desligamento da família em direção ao espaço social, o adolescente poderia localizar no espaço da escola uma potencialidade para mediar essa passagem. Daí a relevância de interrogarmos a frase: “é difícil levar a escola a sério”, pois pela segunda vez nas discussões do grupo sua função era negligenciada.

Acreditamos que, enquanto um espaço de formação acadêmica e cultural, a escola poderia contribuir mais incisivamente na discussão da escolha profissional. Segundo Bohoslavsky (1987, p.64),

[...] apesar de ser apenas um aspecto da identidade total, pode-se facilmente notar que a importância da identidade profissional é enorme na sociedade capitalista moderna, chegando mesmo a ser (con) fundida com a identidade pessoal como um todo. Perguntas do tipo “O que você vai ser

quando crescer?”, são feitas continuamente às crianças e mostram bem como essa fusão vai se processando desde cedo na vida...

O 14º encontro foi no dia vinte e um de novembro, com a presença de sete participantes

A mudança *no visual* devido ao corte de cabelo de dois adolescentes, Rafael e Junia, foi observada assim que eles chegaram ao grupo, pelos demais participantes. Esse fato provocou uma conversa entusiasmada sobre os cuidados com a aparência, tanto para a satisfação pessoal, quanto para nos apresentarmos socialmente. A partir daí, novas questões relacionadas à sexualidade vieram à tona. Surgiram algumas dúvidas relacionadas ao ato sexual e à contracepção, que foram comentadas em tom de brincadeira, provocando relatos fantasiosos de sedução e de gravidez, o que causou certa inibição em alguns participantes. As dúvidas provocaram uma discussão sobre o que é possível saber sobre a sexualidade, assim como os limites desse saber.

A coordenação foi convocada a falar, mas evitou respostas imediatas e instigou o grupo a buscá-las. Outras saídas apresentadas por alguns do grupo foram: não querer saber nada sobre isso e não se responsabilizar por cuidados com a saúde. Antes de finalizarmos, marcamos nosso último encontro do semestre para o dia 12 de dezembro. Um dos participantes sugeriu celebrarmos o final de ano com um *Amigo oculto*. Todos aceitaram com entusiasmo, por concluírem que tínhamos bons motivos para comemorar.

O tema desse encontro centrou-se em torno das várias formas de conquista daquilo que desejamos: de um lado foi exaltado o valor da aparência e, de outro, foi enfatizado o cuidado com a saúde. O estar bem consigo e com o outro se articulava à lógica de desejar e ser desejado e, ainda, à busca do olhar e da aprovação do outro. Nessa sequência surgiu, novamente em cena, assuntos sobre sexualidade, abordados pelo viés da brincadeira e da fantasia, enquanto modos possíveis de

tratar esse tema, tão delicado, de lidar pela palavra. O pano de fundo dessa discussão ampliou-se para uma reflexão sobre as escolhas de cada um, no campo afetivo e sexual.

O 15º encontro ocorreu no dia vinte e oito de novembro e contou com seis participantes

Após o último encontro do grupo, telefonamos para Pedro devido às suas duas ausências consecutivas. Ele relatou sobre a doença e a morte de uma tia que morava em sua casa, acontecimentos que ocorreram nas últimas duas semanas. Nesse encontro ele retorna ao grupo e conta detalhadamente esses fatos de ocorrência inesperada e trágica. Segundo seu relato tudo aconteceu muito rapidamente, desde o diagnóstico até a internação e o falecimento de sua tia.

Tal situação causou perplexidade e susto no grupo e, diante dessa reação, Pedro logo retomou seu jeito brincalhão, evitando demonstrar uma fragilidade afetiva. Os participantes também se dispersaram e passaram a brincar com seus celulares, tirando fotos e *baixando* músicas, para trocar entre eles. Entendendo que essas brincadeiras foram utilizadas como um recurso para lidar com a realidade traumática da morte, foi permitido por um tempo essa conduta, até que surgiu a questão do final do ano escolar e de seus desafios. Cada um passou a comentar seu desempenho e suas expectativas de aprovação. Luiza destacou novamente as exigências dos pais, mas surpreendeu o grupo ao enfatizar que tomou a decisão de mudar de escola.

Ao final concluímos o planejamento do *Amigo-chocolate oculto*, graças à iniciativa de Luiza e Rafael, que organizaram o sorteio dos nomes e a lista dos chocolates preferidos de cada um. Rafael se lembrou das integrantes ausentes com um afeto que nos surpreendeu ao dizer: “ou elas vêm ou... vêm; estamos sentindo a falta delas”. Em seguida autorizou-nos a transmitir esse recado. Aline telefonou antes do

início do grupo, justificando sua falta devido às provas finais na escola. Maria não compareceu.

As contingências do real atravessaram outra vez o grupo, por meio do relato da morte inesperada de um familiar bastante próximo de um participante do grupo. Tratava-se de mais uma história que trazia a vivência de uma perda, e que confrontava o grupo com a necessidade de uma elaboração, ou seja, um trabalho de luto.

No texto *Luto e melancolia* (1917), Freud destaca no luto a presença de um trabalho intrapsíquico, que se caracteriza pela perda de interesse no mundo exterior e um superinvestimento das lembranças ligadas ao objeto perdido. Aos poucos, há um desligamento progressivo dessas lembranças, e a realidade vai se colocando de forma fragmentaria até se concluir o trabalho, após o qual o eu estaria livre para investir novamente. Essa temática do luto é também uma questão central para o adolescente: um processo inconsciente, não obstante doloroso, que tem como desafio a tarefa de substituir sua escolha de objeto original, os pais da infância, para ascender à própria sexualidade.

Outra situação que sobressaiu nesse encontro foi o posicionamento de Rafael, que vinha se destacando pela presença afetuosa, de bom ouvinte, e agora demarcava seu lugar de *líder* referendado pelo grupo, que emergia por meio de palavras firmes, porém acolhedoras. Retomando a experiência de grupos de Bion, citado por Grinberg, Langer e Rodrigué (1976, p. 91),

[...] a emergência do líder não é determinada pela tarefa consciente do grupo, mas pelo clima emocional subjacente... aquele que melhor interpretava a estrutura emocional de um grupo, em um dado momento ... ou seja, o líder era determinado pela função do grupo.

Essa nomeação está relacionada ao exercício de uma função, pois não se tratava de um lugar natural ou imposto, nem mesmo fixado à priori. Enquanto função esse espaço pode e deve ser permutável, assim como deve ser reduzido ao mínimo, ao invés de inflado, de acordo com as circunstâncias vividas pelo grupo.

No 16º encontro, ocorrido no dia cinco de dezembro, estavam presentes quatro participantes

O grupo começou falando, espontaneamente, sobre o final do ano, a rapidez dos acontecimentos, a passagem do tempo em nossos encontros, lembrando as conversas que tivemos. Aline estava muito ligada em questões relacionadas à conquista amorosa e relatou ao grupo seus encontros às *escondidas* com um rapaz com quem ela estava bastante envolvida. Parecia gostar da história dramática e impossível que esse relacionamento suscitava. Referindo-se as outras mulheres que seu *paquera* admirava, levantou no grupo a seguinte questão: “o que será que elas têm que eu não tenho?” A complicada escolha afetiva de Aline e os conflitos familiares decorrentes dessa posição mobilizaram os demais participantes, que trouxeram outras alternativas para que ela pudesse optar; diferentes do componente trágico que ela enfatizava intempestivamente, ao dizer que fugiria de casa se os pais proibissem suas saídas.

Em seguida, Rafael comentou seus projetos de futuro profissional e suas dúvidas quanto à melhor forma de investir suas economias, fruto de seu trabalho. Estava dividido entre a continuidade dos estudos ou a compra de uma moto. Tal situação também mobilizou o grupo, que se propôs a refletir com ele outras perspectivas de investimento. Junia, Maria, Paula e Tiago não compareceram.

A questão de *ter ou não ter* algo com o qual o sujeito se apresenta ao Outro foi desdobrada e relançada para a questão do *ser* enquanto um sujeito desejante,

possibilitando reflexões importantes, que suspenderam algumas certezas iniciais. Foi interessante perceber que as ponderações do grupo foram escutadas e ampliaram as possibilidades de respostas, diante dos impasses vivenciados por Aline e Rafael.

Um comentário de Soller (2005) a respeito dos avanços formulados por Lacan nos permite entender que a relação entre os sexos, que em Freud se atinha ao “ter ou não ter” o falo foi, significativamente, ampliada.

Primeiro porque o pênis, reconhecido em seu valor de significante, mudou de função. O falo, significante da falta, efetivamente se presta para representar, além da diferença sexual, a falta-a-ser gerada pela linguagem, para todo e qualquer sujeito, e com isso é restabelecida a paridade da falta (SOLLER, 2005, p. 28).

O 17º encontro aconteceu no dia doze de dezembro, com a presença de cinco participantes

O grupo fez uma despedida alegre e bem humorada. Alguns já estavam aliviados por haver concluído as provas na escola, enquanto outros ainda estavam terminando os exames finais, mas privilegiaram nosso encontro. Discutimos por algum tempo como faríamos a chamada do *Amigo-chocolate oculto*, até que a proposta de Maria, de nomear esse amigo pelo *avesso* de suas características foi aceita, após alguma hesitação. Essa iniciativa deu um tom mais crítico à comemoração. Entretanto, embora tenha trazido alguns embaraços, foi encarada como um desafio, na perspectiva de se ter liberdade para revelar, pelo *avesso*, algo da *verdade* de cada um. O grupo mostrou-se coeso e afetivo, e os ausentes foram lembrados num clima de descontração. Pedro não pôde comparecer, mas enviou seu chocolate pelo Tiago. Aline avisou antecipadamente que não viria, pois teria a última prova final. Paula justificou sua ausência em função das provas de recuperação, pois estava *quase bombada* na escola.

Após o término da comemoração, distribuímos os questionários para uma *Avaliação Parcial* do grupo (APÊNDICE G), conforme já havíamos proposto anteriormente. Foi feita a leitura das perguntas seguida de alguns esclarecimentos demandados pelos participantes. Todos os adolescentes presentes se dispuseram a responder individualmente, sem se identificarem. Ao final, os participantes despediram-se calorosamente e reafirmaram o desejo de se reencontrarem no próximo ano.

OBSERVAÇÃO: Ainda no mês de dezembro, Miriam, adolescente que deixou de frequentar o grupo após o décimo encontro, nos procurou demandando atendimento individual, que foi agendado para janeiro. Nos três encontros individuais que se seguiram, tratamos de questões referentes às suas dificuldades no relacionamento familiar e afetivo e comentamos sua participação no grupo. Ela se dispôs a responder o questionário relativo à avaliação parcial do grupo e justificou sua saída com o seguinte comentário (registrado por escrito).

“O principal motivo foi o meu desânimo, a falta de perspectiva, apesar de ter sido ótimo os dias que frequentei e ter feito novos amigos. Em exato, não sei o motivo que me fez deixar de participar do grupo”.

Uma vez mais, encaminhamos essa adolescente para atendimento individual no Setor de Saúde do Adolescente, mas soubemos, posteriormente, que ela não procurou esse serviço.

O Momento de Concluir (os oito encontros do 1º semestre de 2008):

“Tempo de decisão e posicionamento social”

O primeiro encontro de 2008 (18º do grupo) aconteceu no dia treze de fevereiro, com cinco dos oito participantes

Conforme combinado anteriormente, as coordenadoras telefonaram aos participantes para confirmar o retorno ao grupo, após dois meses de interrupção, que coincidiram com as férias escolares. Iniciamos esse encontro conversando

sobre o final de ano, as férias e as possíveis mudanças ocorridas nesse tempo. Os participantes perguntaram pelos ausentes e os coordenadores deram notícias das pessoas contatadas por telefone.

Junia relatou que começou a trabalhar num restaurante de parentes, após o horário da escola, seguindo sua história familiar de trabalho com culinária. Portanto, não teria mais disponibilidade de comparecer aos encontros do grupo, uma vez que não mora em Belo Horizonte. Paula contou que foi reprovada novamente na 8ª série e, por isso, mudou de escola e de turno de estudo, inviabilizando seu deslocamento do interior, o que a impediu de continuar frequentando o grupo. Rafael, segundo seu pai, estava viajando e retornaria no próximo encontro.

Os componentes do grupo ficaram decepcionados com as interrupções de Junia e Paula, mas reconheceram que também com eles aconteceram várias mudanças. Luiza e Aline passaram para o 3º ano do 2º grau e mudaram para uma nova escola por estarem insatisfeitas com a anterior. Pedro trocou de residência e também de escola, passando para o turno da noite. Contou ainda que seus pais reataram o relacionamento e o pai voltou a morar com a família, participando mais de perto da sua vida. Maria também comentou que seu irmão mais velho passou a morar com a família. Ambos disseram que a convivência em casa estava mais tranquila. Tiago relatou que foi demitido do trabalho que realizava no Ambulatório Bias Fortes. Este fato o surpreendeu e o deixou bastante chateado, mas, ao mesmo tempo, se mostrou decidido a procurar um novo trabalho. O discurso de Aline continuava sexualizado e com muitas fantasias. Um dos presentes comentou que ela era “capaz de pular na lagoa, sem saber nadar, só porque os outros pulavam”. Passava a impressão de querer ter tudo ao mesmo tempo, com dificuldades para fazer suas escolhas. O grupo argumentou que ela “deveria pensar e refletir, antes de agir”, levando Aline a concluir que iria tentar. Ao término desse primeiro reencontro, desejamos um ano de muitas realizações e conquistas para todos!

Os encontros do grupo foram retomados logo após o término das férias escolares do final de ano. Foi um intervalo de dois meses, tempo significativo para a ocorrência de mudanças, algumas planejadas e desejadas pelos adolescentes e outras contingenciais. Quatro dos oito adolescentes do grupo mudaram de escola, situação que é comum ao término de um ano escolar. Duas participantes deixaram de frequentar o grupo. Uma delas, Paula, foi reprovada pela segunda vez consecutiva na escola e isto motivou sua saída do grupo. Tal situação já era previsível diante do seu fraco desempenho nas atividades escolares, o que era motivo dos constantes conflitos familiares. Essa questão também estava presente nas falas da adolescente, que, no entanto, não se implicava nas suas queixas nem se responsabilizava por seus estudos. O grupo, em vários momentos, fez colocações pertinentes quanto ao seu posicionamento descompromissado, mas não era escutado. Com relação à saída de Junia, entendemos que esse acontecimento caminhava numa direção oposta. Ao assumir uma escolha pelo trabalho, a adolescente apostava num enlaçamento social propiciado por sua participação no grupo, pois, segundo a mesma, “estava mais confiante e interagindo mais”.

O 19º encontro foi no dia vinte de fevereiro e contou com quatro dos seis participantes

Os assuntos relacionados à escolha profissional e a inserção no mercado de trabalho foram os que mais se destacaram nesse momento do grupo. Rafael retornou e contou sobre o término do trabalho no ambulatório em janeiro, coincidindo com seu aniversário de 18 anos. Houve uma comemoração junto aos colegas de serviço que o deixou muito feliz. Relatou que ainda não se definiu com relação à continuidade dos estudos, mas mostrou-se decidido quanto a procurar outro trabalho.

Pedro nos contou sobre sua escolha de praticar jiu-jítsu numa academia próxima à sua casa. Essa atividade tem dado um novo direcionamento à sua rotina de horários, alimentação e vida escolar, pois segundo ele “trabalha-se com o corpo e

com a concentração mental”. Os demais participantes do grupo comentaram sua significativa perda de peso, reconhecendo, ainda, que ele estava mais amadurecido em suas posições diante do grupo. Luiza e Aline ficaram admiradas com o posicionamento decidido dos meninos. Maria e Tiago não compareceram.

As questões relacionadas ao futuro profissional, ao trabalho e à independência financeira, já anunciadas em encontros anteriores, retornavam agora com um sentido de urgência para alguns adolescentes do grupo. Mais uma vez, foi enfatizada a importância das escolhas e das perspectivas de trabalho que cada um poderia almejar, enquanto estratégias de posicionamento social. O grupo se surpreendeu com a coragem de alguns participantes e essa impressão serviu de estímulo para o grupo avançar.

O 20º encontro aconteceu no dia vinte e sete de fevereiro com a presença de três participantes

Tiago compareceu e justificou sua ausência no encontro anterior em função de estar buscando o seguro desemprego e procurando um novo trabalho. Mostrou-se inibido ao trazer essas questões ao grupo, mas foi bem acolhido, principalmente por Pedro. Sua presença fez o grupo refletir ainda mais sobre as escolhas de cada um, tanto aquelas relacionadas aos estudos, quanto ao trabalho e ao lazer. Essa temática mobilizou, sobretudo, Luiza, devido às suas dificuldades de se posicionar, em função de sua submissão ao “controle e pressão familiar”.

Aline, Maria e Rafael não compareceram.

Foi dada continuidade à discussão anterior, trazendo consigo as vicissitudes desse percurso, expressas pelo esforço de Tiago ao correr atrás de suas aspirações e pela angústia de Luiza frente às demandas do Outro, diante das quais ela hesitava se posicionar.

O 21º encontro ocorreu no dia cinco de março, com dois participantes

Estavam presentes nesse dia somente Pedro e Luiza. Eles comentaram, principalmente, o momento que estavam atravessando na família e na escola. Foi possível perceber, em ambos, maior disponibilidade para mudar algumas posições nos relacionamentos familiares. Pedro relatou estar feliz com a presença do pai, mesmo que em algumas situações seu posicionamento exigente o incomode. Percebemos que sua mãe saiu um pouco de cena, deixando espaço para seu pai. Luiza contou que tem feito um esforço para aproximar-se da mãe, mas diz que não tem sido fácil, pois sempre teve mais intimidade e maior liberdade com a irmã mais velha. Relatou suas primeiras experiências na cozinha, numa tentativa de produzir algo útil e reconhecido pela família.

Em seguida, os coordenadores deram notícias dos integrantes do grupo que não compareceram ao encontro anterior e que foram contatados por telefone. Rafael relatou ter conseguido um novo trabalho em horário integral, não podendo mais comparecer aos encontros. Esse fato provocou no grupo um duplo sentimento de alegria, pela conquista e, de tristeza, por sua ausência. Já Maria nos informou que iniciou tratamento médico e psicológico, via seu convênio de saúde, a partir do final de fevereiro. Segundo ela, o uso da medicação a tem deixado “desanimada para vir ao grupo”. Aline e Tiago não compareceram.

Aos participantes restava elaborar mais uma saída do grupo, dessa vez, de Rafael. Seu afastamento já era esperado, uma vez que ele já tinha explicitado seu desejo de procurar um novo trabalho. Mesmo assim, sua ausência foi sentida de modo especial, uma vez que ele tinha comparecido a todos os encontros até então e tinha uma escuta cuidadosa, comprometida com o avanço do trabalho do grupo.

Com relação às ausências de Maria, essas refletiam sua dificuldade em enfrentar suas questões diante do grupo, sendo mais indicado nesse momento uma atenção

individualizada, que ela já tinha iniciado. Durante os encontros do grupo, Maria não explicitava abertamente seu desejo de tratar sua obesidade, apesar de ter falado sobre isso no momento da entrevista inicial. Desde aquela ocasião era evidente seu incômodo com o ganho de peso, que ela relacionava aos conflitos familiares, decorrentes da morte de seu pai. É provável que sua participação no grupo tenha contribuído para tornar mais evidente sua demanda de trabalhar essas questões, que foram direcionadas ao atendimento individual. Talvez essa seja uma função importante de um trabalho com grupo de adolescentes: sensibilizar esses jovens para investir na sua saúde, tanto física quanto psíquica. Em nossa abordagem, entendemos que o grupo é tomado como um dispositivo facilitador de um trabalho que não se esgota no próprio grupo.

O 22º encontro foi no dia doze de março, com a presença de dois dos cinco participantes

Novamente compareceram Pedro e Luiza. Eles ficaram ressentidos com a ausência dos outros participantes e procuraram entender suas faltas. Os coordenadores evitaram direcionar a discussão e eles concluíram que os impedimentos se deviam à incompatibilidade de horário. Sugeriram algumas alternativas, como marcarmos nosso encontro aos sábados, mas foi lembrado que o Ambulatório não ficava aberto nesse dia. Concordaram que, para a maioria, os impedimentos eram reais, enquanto para os demais as respostas ficavam em aberto.

Aproveitamos para dar notícias de Tiago que justificou suas ausências, por ter conseguido um emprego de office-boy, na mesma empresa em que sua mãe trabalhava. Relatamos que ele estava bastante animado, pois batalhou muito por isso. O grupo se surpreendeu positivamente com seu empenho, mas lamentou sua saída. A coordenação lembrou o aniversário de Luiza, que em breve completaria dezesseis anos e lhe desejamos felicidades. Ela agradeceu um tanto inibida, mas ficou sensibilizada com a lembrança. Aline e Maria não compareceram.

O trabalho de construção do caminho de cada um, colocado em movimento no grupo, abre passagem para mais uma saída, dessa vez de Tiago, que por meio de uma postura determinada, conseguiu o que queria: um novo trabalho.

Dia dezenove de março, véspera do feriado da Semana Santa

O encontro do grupo foi cancelado pela coordenação, que telefonou para os participantes, comunicando essa decisão. Luiza ligou antes, pois resolveu que não viria nesse dia. Não explicitou o motivo, mas assumiu que iria faltar. Sua decisão era bastante significativa, considerando que ela sempre dizia que “não sabia” ou “não podia escolher”. Conversamos também por telefone com Aline que justificou suas ausências em função de ter ganhado uma bolsa de estudos num curso de informática, que acontece no mesmo dia e horário do grupo. Maria relatou que mudou de escola e passou para o turno da noite, porque teve problemas com a escolha de sua turma, em função da preparação para o vestibular. Pedro concordou com a suspensão do grupo e ficou de retornar no encontro seguinte.

Percebemos que os adolescentes estavam divididos entre a participação no grupo e o engajamento em outras demandas relacionadas ao trabalho e ao estudo, espaços importantes de afirmação da identidade no coletivo. Essa situação evidenciava que o grupo já não seria mais necessário, uma vez que a discussão dessas demandas foi estimulada e, mesmo, sustentada no grupo, com o intuito de abrir e ampliar as perspectivas de convivência social dos adolescentes. Essa constatação nos remete à recomendação feita por Lacan (1975) em R.S.I.

O que desejo é a identificação com o grupo, porque é certo que os seres humanos se identificam a um grupo; quando não se identificam estão fracassados, estão isolados. Mas não digo com isso a que ponto devem identificar-se (LACAN, 1975, p. 64).

A iniciativa de Aline de frequentar um curso de informática sinalizava uma escolha rumo à perspectiva de conseguir um trabalho, que tanto mobilizava esse grupo. Seu

investimento em um curso profissionalizante a colocava com *os pés no chão* para caminhar, em contraposição a uma posição que já havia sido advertida pelo grupo, de que ela “*voava muito alto*”.

Merece também ser destacada a decisão de Luiza, de optar por não comparecer e comunicar isto ao grupo, pois, até então, ela esteve presente em todos os encontros. Entendemos que essa escolha representava um passo para diferenciar-se da demanda do Outro, da qual ela tanto se queixava, por estar demasiadamente atrelada.

O 23º encontro aconteceu no dia vinte e seis de março e contou com dois dos quatro participantes

Luiza chegou mais cedo e espontaneamente foi relatando o quanto esse grupo “mexeu” com ela, em coisas que, entretanto, ela “não conseguiria nomear”. Disse que alguns de seus conceitos não mudaram, mas “o fato de ouvir outras maneiras de pensar, fez com que estivesse mais aberta para mudar”. A fala de Luiza expressava uma ponderação, que era fruto de seu percurso no grupo e que poderia ser traduzida pela proximidade do momento de concluir. Pedro chegou logo depois e contou sobre sua apresentação de jiu-jítsu em uma escola pública, ressaltando seu envolvimento com a filosofia e com os treinos preparatórios dessa luta. Ficou evidente seu investimento e entusiasmo com essa escolha. Relatou sobre uma luta com o *Mestre*, na qual recebeu importantes elogios deste. Conta ainda que, ao relatar esse episódio para seu pai, conquistou seu reconhecimento e sua disposição de buscar patrocínio para financiar o filho.

À medida que os participantes foram se escutando, eles iam demarcando as diferenças entre eles e em relação ao lugar que ocupavam na família. Essa construção foi expressa da seguinte maneira: “Pedro é o mais velho e é mais

folgado”; enquanto “Luiza é a caçula e não sabe se virar – ou melhor, ainda não consegue”.

Os dois adolescentes mais frequentes ao grupo até esse momento foram percebendo a importância de abrir espaço para tomar uma distância daquilo que se conjecturava ser a demanda do Outro. Assim, foram chegando a importantes conclusões que tornavam mais evidente o posicionamento deles frente à família, viabilizando uma abertura para mudanças. Como efeito foi notado uma maior responsabilização pelas escolhas, o que tornava possível a nomeação das diferenças. A coordenação já vislumbrava a finalização do grupo, uma vez que não se tratava de aguardar uma situação ideal, mas de verificar que estava em curso um movimento de prescindir desse espaço para se lançar em outros empreendimentos.

O 24º encontro ocorreu no dia dois de abril, com três participantes

Aline regressou ao grupo, relatando que concluiu o curso de informática, o que tornava mais viável sua busca por trabalho. Recordou então, o que o grupo já lhe dissera em outro momento, comentando que, de fato, “voava muito alto nos sonhos e andava devagar com os pés no chão”. Luiza contou que estava tomada pelo desafio da escolha do vestibular, enquanto Pedro dizia que estava mais centrado na escola. Elas também comentaram que perceberam uma mudança no comportamento de Pedro no grupo - “ele está mais sério” disseram.

A coordenação lançou a proposta de término dos encontros do grupo, apostando que era o momento de concluir. Num primeiro instante, os participantes resistiram à ideia de finalização do grupo, afirmando que gostavam muito de estar juntos. A coordenação argumentou que outros grupos e outros encontros provavelmente aconteceriam dali por diante. Após algum tempo de conversa, foi marcado o término do grupo ainda no mês de abril.

Os participantes sugeriram chamar todos aqueles que não estavam mais comparecendo. A coordenação ponderou que, apesar de não estarem mais frequentes, os demais componentes ainda eram considerados como integrantes do grupo. Luiza indagou se poderíamos fazer “alguma coisa diferente para a despedida”, e perguntamos se alguém tinha alguma proposta. Luiza e Aline sugeriram um *Lanche de despedida* e Pedro concordou com essa sugestão. A coordenação indicou ainda a possibilidade de assistir a um filme que abordasse questões da adolescência. Os participantes gostaram muito dessa proposta, mas como não surgiram lembranças de nomes de filmes, foi autorizado à coordenação fazer essa escolha posteriormente. Os coordenadores ficaram responsáveis por fazer os convites e confirmar uma data mais viável.

“Uma despedida diferente!” Com essa nomeação Luiza distinguia não só o momento de concluir, mas o lugar singular que essa experiência de grupo significou para seus participantes. Se retomarmos a frase emblemática do primeiro encontro: “A adolescência é viver num mundo cheio de setas, onde é difícil saber aonde ir”, podemos agora relançá-la e avaliar que o percurso do grupo abriu caminhos de subjetivação e possibilitou novos enlaçamentos de convivência social. As relações de trabalho buscadas por alguns deles nos dão mostras desse avanço.

Esse momento de concluir nos remetia, uma vez mais, às situações de separação, que foram vivenciadas no grupo e também fora dele, pelas contingências que atravessaram nosso caminho. Esse movimento de separação se impôs enquanto real, nas mais variadas experiências de perda e ensinou que, diante dele, restava-nos trabalhar para elaborá-lo. Esse trabalho durou um tempo necessário, até que se produziu um saber que, embora não fosse conclusivo, era um saber possível.

É importante ressaltar que esse tempo de concluir vivido na experiência do grupo não está referido à conclusão da adolescência, uma vez que, assim como o seu início, igualmente o seu final não se pauta pelo referencial cronológico. Jeferson Pinto (2006, p.29) retoma o significante *despertar*, que se coloca desde o princípio,

para enlaçá-lo também ao seu término, desde que “[...] o sujeito conclua seu tempo de adolescência ao acordar o desejo com sua causa”.

Cabe ainda esclarecer que, o momento de concluir não supõe que este aconteça para todos juntos e da mesma maneira e, sim, para um de cada vez, segundo um tempo que é absolutamente particular para cada sujeito.

O 25º encontro aconteceu no dia dezesseis de abril, com a presença de sete participantes

Nosso último encontro aconteceu num outro local, para viabilizar a exibição do filme *JUNO* (Jason Reitman, EUA, 2007). Os adolescentes que não estavam mais frequentando o grupo aceitaram prontamente o convite e compareceram, proporcionando um agradável reencontro. Todos se apresentaram cuidadosamente arrumados; algumas mudanças foram percebidas e comentários elogiosos foram feitos, particularmente para Paula e Maria. Apesar de ter confirmado sua presença, Pedro, infelizmente, não pode estar presente.

O filme abordava a temática da gravidez inesperada e seus desdobramentos, situação com que todos têm familiaridade, independentemente do seu contexto social. Enquanto assistiam, os adolescentes lanchavam e faziam alguns comentários pertinentes à história. Ao final discutimos as impressões do filme e o que mais chamou a atenção foi a opção de Juno, protagonista do filme, de doar legalmente o bebê antes do seu nascimento, com o consentimento de sua família. A maioria lembrou que os pais dos adolescentes envolvidos com a gravidez poderiam assumir a responsabilidade do cuidado dessa criança, uma situação bastante recorrente em nossa cultura. Relataram experiências semelhantes vividas na própria família, com amigos e vizinhos. A possibilidade de se optar pelo aborto também foi mencionada, mas os aspectos religiosos dificultaram o avanço dessa discussão.

Outra questão que surgiu foi como se cuidar para evitar a gravidez indesejada. Os métodos contraceptivos mais conhecidos foram mencionados, embora de forma tímida. Os coordenadores comentaram a importância de prevenção da gravidez nos relacionamentos de namoro ou mesmo ao *ficar* com alguém, tanto para as moças quanto para os rapazes. Os adolescentes reconheceram que é difícil estar preparado para cuidar de um filho e ainda querer fazer outras coisas, tão desejadas no momento da adolescência. Concluímos dizendo que a finalidade de assistir a esse filme foi provocar uma discussão sobre as responsabilidades e a *curtição* de ser adolescente.

Em seguida, os coordenadores sugeriram aos presentes que registrassem suas impressões sobre o grupo, escrevendo num pequeno cartão alguma mensagem para compartilhar com seus colegas. Nem todos se dispuseram a escrever, em parte devido ao horário avançado.

Quatro participantes entregaram seus cartões à coordenação e, dentre eles, dois mereceram destaque. O cartão de Tiago foi endereçado “Para todo o grupo” e seu escrito nos surpreendeu por seu tom afetivo.

“Gostei muito de conhecer todos vocês, espero que possamos nos encontrar outras vezes, tipo cinema, shopping, enfim só não quero perder o contato com nenhum de vocês. Um abração e um grande beijo!!!!”

O cartão de Aline também foi dirigido ao grupo.

“Eu achei muito legal participar do grupo. Foi uma experiência nova... pois nós ouvimos várias histórias, nas quais podemos tirar conhecimento e conhecer pessoas completamente diferentes, mas que têm algumas coisas em comum com outras. Foi muito bom compartilhar a vida de cada um”.

Ao final, agradecemos a valiosa contribuição de cada um nesse projeto de pesquisa e dissemos que o mesmo vai se transformar num estudo, que poderá auxiliar em futuros trabalhos sobre a adolescência. Disseram que gostariam de “ler o livro da pesquisa” e respondemos que serão convidados para conhecer os resultados,

quando esse trabalho estiver concluído. Fizemos ainda um convite para uma entrevista individual, com o intuito de dar espaço para algumas reflexões pessoais. Despedimo-nos calorosamente, desejando boa sorte a todos!

A partir do término dos encontros do grupo, foram agendadas entrevistas individuais com os adolescentes, da terceira semana de abril em diante. As entrevistas foram realizadas por um dos coordenadores do grupo, de forma aberta, priorizando escutar as contribuições e os efeitos que a participação no grupo pôde trazer aos adolescentes.

Entre os vários comentários colhidos, destacamos a fala de um jovem que situava o grupo numa função de *limite*, de *corte* entre o antes e o depois dessa experiência: “Antes eu ficava à toa em casa, ficava na preguiça; hoje tenho objetivo. Passei a vir aqui e a diversificar, depois comecei a ir á academia...” O discurso de sua mãe também legitimou esta posição: “Ele amadureceu muito e está levando mais a sério seus compromissos na escola e em casa.”

Ao final dessas entrevistas, eles se dispuseram a responder ao questionário da *Avaliação Final* (APÊNDICE H), que continha a mesma estrutura da *Avaliação Parcial* realizada anteriormente, com algumas adequações, considerando sua aplicação após o término do grupo. Seis dos oito participantes do grupo responderam a esse questionário.

6. ELABORAÇÕES POSTERIORES (CATEGORIAS DE ANÁLISE)

6.1 Relacionamentos afetivos e sexualidade

Para Freud (1905), a sexualidade humana se organiza em dois tempos separados pelo período de latência, tempo de escansão, de corte necessário. Na latência se ganha tempo para que a criança construa, entre outras restrições à sexualidade, a barreira contra o incesto e, assim, possa incorporar os preceitos morais que expressamente excluem de sua escolha de objeto as pessoas que amou na infância.

Com a descoberta da sexualidade infantil, podemos pensar que a puberdade vem a ser um período de conclusão do desenvolvimento sexual, tempo este de um intenso trabalho orgânico e psíquico proporcionando uma amarração daquilo que ficou dissociado na infância. Ao preferir a utilização do termo puberdade em detrimento à adolescência, Freud descreve esse momento como um segundo tempo da sexualidade. A pulsão, que era predominantemente autoerótica na infância, encontra na puberdade o objeto sexual, enquanto a zona genital surge como um novo alvo sexual para a conjunção de todas as pulsões parciais.

Portanto, o processo da adolescência é antes de tudo um acontecimento pubertário, pois, segundo Freud (1905, p. 213), “[...] com a chegada da puberdade, operam-se mudanças destinadas a dar a vida sexual infantil sua forma final normal”. No entanto, esse acontecimento ameaça o eu, submetendo o adolescente a um abalo psíquico que se revela traumático, uma vez que é compreendido como sendo a genitalização do corpo e do psiquismo. Assim, podemos dimensionar que o processo da adolescência terá por função elaborar esse traumatismo.

Esse momento pode também ser entendido como um tempo do despertar da sexualidade, em analogia com a peça teatral *O despertar da primavera* de

Wedekind, de 1891. Segundo Curi (2006, p.13), ao trabalhar no prefácio dessa peça, Lacan certamente contribuiu com seu principal legado sobre esse “[...] momento de movimento da estrutura do sujeito que é a adolescência”. O acordar da sexualidade ocorre com o despertar dos sonhos infantis, evocando enigmas que fazem vacilar a fantasia. Quando tudo deveria contribuir para o encontro sexual, este, no entanto, se revela mais improvável, apontando para a impossibilidade da relação de complementaridade entre os sexos. Lacan (1974, p. 558) demonstra que o encontro com o sexual não é satisfatório, podendo ser até mal-sucedido, concluindo que “[...] ninguém escapa ileso do fato de que a sexualidade faz furo no real”; acrescentando mais adiante que “[...] isto é uma experiência ao alcance de todos”.

De acordo com Pinto (2006, p.26), esse despertar se amplia para outras exigências da vida, convocando o jovem para um trabalho psíquico de decifração, numa tentativa de “[...] ler aquilo que não é mais dado de modo imediatamente familiar, fazendo as crianças perder as referências quase estáveis de que dispunham para lidar com o Outro”.

Os relatos de experiências afetivas sexuais dos participantes do grupo surgiram, em alguns momentos explicitamente e, em outras vezes, nas entrelinhas dos discursos, por meio de histórias que se compunham de fantasias, medos, aventuras e até de situações de risco.

Dentre os participantes do grupo, quatro jovens, Clarice, Miriam, Luiza e Junia mencionaram ter experiências afetivas mais estáveis denominadas por elas como namoro. Elas também comentaram os episódios de controle excessivo do outro e, por vezes, de ciúmes, tanto delas quanto dos parceiros; e ainda as histórias de brigas e traições, evidenciando que esses momentos eram marcados por afetos arrebatadores. Outros dois, Paula e Pedro, relataram já ter namorado, mas por um tempo muito pequeno, preferindo relacionamentos sem compromissos. O rapaz descrevia um comportamento social que ele nomeava de “fazer zoação”, o que lhe gerou um apelido de “meio doidinho”; enquanto a moça falava de encontros fugazes

em festas, que não tinham continuidade: “gostava de ficar com os caras bonitos”. Outra adolescente, Aline, sempre se referia a paqueras ou *ficantes* ocasionais em relatos muito sexualizados, envolvendo-se em disputas com outras colegas e com parceiros que tinham comportamentos de risco, o que lhe valeu o codinome de “doidinha”. Os demais, dois meninos e uma menina, não mencionaram diretamente nenhuma experiência pessoal, mas traziam suas expectativas e fantasias via histórias de irmãos, primos e de amigos mais próximos.

Essa heterogeneidade de vivências relativas ao exercício da sexualidade propiciou uma diversidade de posições, desde posturas que sugeriam uma inibição, um adiamento de se colocar diante da perspectiva do ato (sexual), até histórias de enfrentamento e exposição exagerada, que assujeitavam esses jovens na condição de objeto. Na adolescência, diante da hiância aberta pela sexualidade, atualiza-se a dor da perda de algo que está desde sempre inacessível, o que instiga o jovem a produzir significantes, na tentativa de dar conta dessa angústia que retorna. Segundo Garcia (s/d), propor-se como desejante é propor-se como sujeito dividido, sob qual incide a falta do objeto que miticamente o complementaria, posição distinta daquela em que o jovem se oferece como objeto de satisfação para um outro.

Percebendo o grupo em sua dimensão de *não-todo*, levamos em consideração a posição de cada sujeito, tomados um a um a partir de suas diferenças e, cada um em relação ao outro, sem a pretensão de eleger um ideal homogêneo de comportamento, mas privilegiando a escuta daquilo que, em cada fala, se articulava ao seu desejo.

A temática dos relacionamentos afetivos veio à cena do grupo a partir do 3º encontro, dando sequência à conversa sobre os programas preferidos dos adolescentes: ficar na rua com a turma, ir para a casa dos amigos, ao shopping, a shows de música. Esse movimento em direção a outros jovens para construir novos laços afetivos e sociais, concomitante ao inevitável distanciamento da família,

provocava tanto nos familiares quanto nos adolescentes reações variáveis, desde um controle justificado e, às vezes, excessivo, até confrontos perigosos.

Em estreita conexão com os relacionamentos afetivos surgiram, no 5º encontro, questões em torno da imagem corporal. Como foi dito anteriormente no capítulo da *Discussão dos resultados*, a questão de saber conviver e respeitar as diferenças foi o mote desse encontro. Entretanto, meninos e meninas tinham uma aspiração em comum, ambos queriam ter “mais corpo... menos infantil e mais mulher” para elas e “ser mais alto e mais forte” para eles. Se fosse possível, gostariam de ter um *corpo perfeito*, mesmo reconhecendo que, para atingir esse ideal, seria necessário elidir as diferenças, realizando “vários consertos”.

Essa expectativa nos faz crer que a imagem corporal, que até a infância tinha um contorno coeso, perdeu sua eficácia para ganhar, na adolescência, uma desproporcionalidade que causa perturbações na identificação do sujeito à sua imagem. A percepção é de que a adolescência se traduz como um momento lógico em que se opera para o sujeito uma desconexão entre ser como criança e ser como homem ou mulher, vivenciada na ligação do sujeito com o seu corpo. Para Tubert (1999), este corpo conhecido da primeira infância é perdido e em seu lugar aparece um mal-estar, um sentimento de estranheza, decorrente da perda da imagem narcísica infantil que o revestia. Surge um novo corpo, agora desconhecido, que se torna “[...] fonte de inquietude e, na medida em que remete à sexualidade, interpela e questiona o sujeito” (TUBERT, 1999, p.59).

Os impasses em relação a esse novo corpo ainda não familiar, frequentemente ficam mascarados por meio de ritos, de jogos grupais e condutas ousadas. Ainda se verifica segundo Alberti (1996, p.116), uma tendência a agir, como uma tentativa de solução para o mal-estar decorrente da descoberta de que o corpo se tornou um estranho, um estrangeiro que incomoda. A estranheza inicial do corpo púbere, muitas vezes, dá lugar à angústia diante do olhar do outro, pelo medo de que essa nova imagem possa não agradar.

No grupo, ao serem surpreendidos pela percepção que os outros participantes têm de seu corpo, ficou evidenciada a preocupação com a rejeição da sua imagem pelo semelhante e o medo da perda do amor do Outro. Em relação à busca da forma perfeita, a crença é de que esse conjunto de características, eleito pela cultura de cada época, poderia oferecer uma resposta ao ser, escamoteando o trabalho que cada um deve levar a cabo para sustentar sua imagem, a partir de suas particularidades e seus limites. A ciência e seus avanços ajudam a sustentar essa ilusão, na medida em que tentam driblar os limites da condição humana com suas intervenções.

Um pouco mais adiante, no décimo quarto encontro, dois adolescentes chegaram ao grupo com um *novo visual*, devido a uma modificação no corte de cabelo. Isso foi notado assim que eles chegaram, incitando uma conversa entusiasmada sobre os cuidados com a aparência. É relevante assinalar que, nesse momento, aconteceu uma atitude de mudança, que partia de um rapaz e uma moça que, até então, eram reconhecidamente tímidos. Se, por um lado, foi ressaltado o valor da aparência, por outro, abordamos diferentes formas de conquista daquilo que desejamos.

Esse episódio nos faz refletir que, quando o jovem se depara com a emergência do real pulsional que afeta seu corpo e a imagem narcísica da infância não mais se ajusta como revestimento para esse corpo adolescente, ele buscará respostas com os recursos disponíveis, tanto num plano imaginário quanto simbólico. Esses recursos, muitas vezes, estão referenciados a uma construção identificatória, projetada num remodelamento da imagem do eu que, num plano imaginário, poderia sustentar, ainda que de forma alienada, as relações intersubjetivas. Por outro lado, é possível via circulação e acolhimento da palavra, trabalhar as questões identificatórias que se desdobram na adolescência, buscando relançá-las para além, para a questão de como se sustentar enquanto desejante no encontro com o outro sexo. O próprio conceito de identificação se distingue do idêntico e, partindo da noção de que o sujeito é uma instância simbólica que se constitui no campo da linguagem, marcado pelo Outro, é a diferença, portanto, que está em jogo na identificação.

As questões mais diretamente relacionadas à sexualidade foram abordadas a partir do sexto encontro, inicialmente apresentadas pelo relato de casos familiares, marcados por componentes fantasiosos e incestuosos. Várias dessas narrativas nasciam de outras histórias tomadas de empréstimo para dar vida ao que ainda não podia ser vivido. Logo depois, algumas adolescentes relataram seus namoros, enquanto a maioria comentou suas experiências com ficantes ocasionais e o posicionamento das famílias diante dessas circunstâncias.

Segundo Freud (1905), duas transformações são decisivas na puberdade: a subordinação de todas as outras fontes de excitação sexual ao primado da zona genital e o processo de escolha do objeto. A normalidade da vida sexual só é assegurada pela convergência das duas correntes, a terna e a sensual, dirigidas ao objeto e à meta sexual. Freud destaca ainda que, na puberdade, há o redespertar do complexo de Édipo, renovando os conflitos edipianos e as fantasias incestuosas.

Entretanto, diferentemente de sua primeira manifestação na infância, o redespertar do Édipo traz agora a marca da interdição. É importante lembrar que a tarefa de dominar o complexo de Édipo, proposta por Freud como um trabalho psíquico de todo ser humano, não implica sua eliminação, mas, ao contrário, o torna a base estrutural em que se edificam os vínculos amorosos posteriores. Arlete Garcia, no texto *O Édipo no tempo do adolescer*, recorre às palavras de Lacan em R.S.I. (1975): “[...] atar-se de outra forma, é o que faz o essencial do complexo de Édipo”, para dimensionar o alcance dessa operação que permite ao sujeito enlaçar-se de outro modo, com os mesmos elementos; ou seja, ser capaz de crescer.

Tornar-se homem ou tornar-se mulher implica em se virar com os pedaços, com os restos do enlace do sujeito ao Outro. Com estes restos, o sujeito constrói o que Freud chamou ‘romance familiar’ (GARCIA, 2008, p.61).

Ainda, segundo Garcia (2008), o termo *romance familiar* se justifica porque se trata de realizar construções com traços e restos que, reordenados pelo efeito de desligamento da autoridade dos pais, tomam a forma de ficção.

Freud considera ainda que a fantasia funciona como alavanca do desejo, que pode levar ao encontro com o outro sexo, dominando a escolha de objeto, que recorre ao tempo da sexualidade pré-genital.

É no mundo das idéias, contudo, que a escolha de um objeto é realizada inicialmente, e a vida sexual dos jovens em amadurecimento é quase inteiramente restrita ao terreno das fantasias, isto é a idéias não destinadas a serem concretizadas (FREUD, 1905, p.232).

Assim, somente quando essas fantasias incestuosas são elaboradas e superadas, que se completa uma das mais “[...] significativas e dolorosas realizações psíquicas do período puberal: o desligamento da autoridade dos pais” (FREUD, 1905, p.234). Dessa forma, a escolha do objeto e da posição sexual são exigências que se impõem ao jovem adolescente, entrelaçadas a outras tarefas não menos importantes, como a elaboração do luto dos pais infantis e a (re-)significação da relação com o corpo.

Em outros encontros subsequentes, a temática dos relacionamentos afetivos retornou, ficando mais centrada nas experiências dos adolescentes, que levantaram questões relativas às formas de conquista, às diferenças do comportamento masculino e feminino, aos desencontros amorosos, e às separações e perdas a que estamos sujeitos nesses relacionamentos.

Lacan no texto *Os complexos familiares* (1938), situa na adolescência a emergência dos ideais que, por serem diferentes para rapazes e moças, quando aproximados, mostram-se totalmente descontraídos, perturbadores do encontro com o parceiro sexual. No momento em que cada sexo busca sua iniciação sexual, a partir da conjugação entre o desejo e a possibilidade real do ato, as diferenças e a assimetria entre os modos de sexuação começam a fazer enigmas. A tarefa será, então, retomar o estatuto de corpo simbólico, subjetivando-o com os recursos significantes disponíveis, para saber-se homem ou mulher, independentemente do corpo biológico.

De acordo com Pinto (2006, p.28), as tentativas de conservar os atributos fálicos são variadas: os meninos vão tentar mantê-lo pelo ato, mostrando-se viris, enquanto as meninas tentarão ser o falo, mostrando seu corpo na maneira de se vestir. Entretanto, é preciso estar atento para o engodo de se pretender a posse do falo, já que se trata apenas do significante do desejo, marcado pela falta.

Independentemente dessas estratégias, durante as discussões do grupo, apostou-se na perspectiva de deslocar a temática da sexualidade do eixo da simetria para a dissimetria, que surgia por meio da posição de alteridade ocupada por alguns adolescentes. Diante da impossibilidade de se efetivar uma relação sexual harmônica, como um limite próprio da estrutura do sujeito, resta-nos trabalhar para fazer dos desencontros, separações e perdas, oportunidades para relançarmos nosso desejo, depois de atravessado o luto: “[...] um luto que trata de consumir pela segunda vez a perda, ou seja, o luto por algo sempre perdido” (GARCIA; SARUÉ, s/d).

Podemos então concluir que não há um saber instituído entre um homem e uma mulher, capaz de fazer frente ao enigma do outro sexo, por mais que haja tentativas de respostas, seja por meio do conhecimento formal e, até mesmo, dos avanços da ciência. Segundo Ortega (2002, p.70): “[...] cada sujeito terá de inventar sua própria resposta e deverá aceitar que, depois de tudo, ela será sempre um tanto falha, de tal forma que terá que inventar e criar, uma vez mais.”

6.2 Relações familiares na adolescência

A família pode ser considerada uma instituição humana duplamente universal, uma vez que associa um fato de cultura, edificado pela sociedade, a um fato de natureza, inscrito nas leis da reprodução biológica. Ao longo dos séculos, as transformações próprias da instituição familiar se desenrolaram no cerne dessas duas grandes ordens: biológica e simbólica (RODINESCO, 2003, p. 16).

Tendo como referência o contexto histórico social, aprendemos que, na família ocidental patriarcal, havia uma definição nítida dos papéis: o pai provia o sustento, e a mãe cuidava dos filhos e da casa. Essa configuração, defendida por princípios religiosos e morais, parecia estável até o século XIX, mas passou por uma desarticulação em sua estrutura, quando o lugar do pai, sua maior referência, sofreu abalos em sua posição. Segundo Rodinesco (2003), esse movimento aconteceu a partir do declínio do antigo poder patriarcal, cujo principal teórico foi Freud, “[...] ao revisitar a história do Édipo e de Hamlet, esboçou-se um processo de emancipação que permitiu às mulheres afirmar sua diferença e às crianças serem olhadas como sujeitos” (RODINESCO, 2003, p. 11).

Desde a segunda metade do século XX até os dias atuais, convivemos com mudanças provenientes do advento da pílula anticoncepcional, da redefinição do casamento e da regularização do divórcio, que possibilitaram o surgimento de vários modelos de famílias que passaram a integrar a nova paisagem social – nucleares, recompostas, monoparentais e homoparentais. Assim, na contemporaneidade, a transformação de valores e de comportamentos desencadeou no âmbito familiar a exigência de novos processos de adaptação e uma postura diferenciada, particularmente na maneira de educar os filhos.

No entanto, se, por um lado, a família tem apresentado mudanças em suas configurações no decorrer da história, devemos considerar que ela persiste no lugar

de base da sociedade, devido à existência de uma estrutura que permanece estável e ao fato de que ela é responsável pela estruturação dos sujeitos sob sua responsabilidade. No texto, *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, Lacan afirma que,

[...] entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Embora as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e costumes... sejam com ela disputados por outros grupos sociais, a família prevalece na educação precoce, na repressão dos instintos e na aquisição da língua, legitimamente chamada materna. (LACAN, 1938/2003, p.30)

Esse mesmo autor acentua ainda que a família é responsável pela ordenação dos processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, pela organização das emoções e pela transmissão de estruturas de comportamento, cuja dinâmica vai além dos limites da consciência .

Do ponto de vista estrutural, lidamos com posições, lugares e funções de pai, mãe e filho(s). O funcionamento familiar resulta da combinação dessas posições, ressaltando-se a importância das funções materna e paterna na constituição da subjetividade do filho. Vale lembrar que essas funções não coincidem, necessariamente, com o pai e a mãe biológicos, pois esses conceitos vão além das pessoas que as exercem.

No escrito de Lacan, *Nota sobre a criança* (1969), temos o privilégio de nos deparar com um texto clínico e conciso, que alude ao fracasso das denominadas utopias comunitárias e adverte sobre a função de resíduo exercida e, simultaneamente, mantida pela família conjugal na evolução da sociedade. Coloca em destaque principalmente,

[...] a irreduzibilidade de uma transmissão – que é de outra ordem que não a da vida segundo as satisfações das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo (LACAN, 1969/2003, p.369).

Trata-se, então, de uma transmissão que possibilita a constituição do sujeito em sua relação primordial ao campo do Outro, pela via de um investimento de desejo que, não sendo qualquer um, torna o corpo da criança um corpo imaginário, fazendo dele algo para além de um simples organismo vivo, ao qual bastaria a satisfação das necessidades. Ocupar um lugar no desejo do Outro prepara a entrada da criança na ordem simbólica e propicia sua vinculação à linguagem e à cultura, ao estabelecer seus laços de parentesco. Para que esse desejo porte uma marca singular que particulariza essa criança, reconhecendo sua diferença, faz-se necessário a articulação das funções da mãe e do pai.

Da mãe, na medida em que seus cuidados trazem a marca de um desejo particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas. Do pai, na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo. (LACAN, 1969/2003, p.369)

As questões envolvendo o relacionamento familiar e os conflitos dele decorrentes marcaram presença constante no discurso dos participantes do grupo, desde a ocasião das entrevistas iniciais, perpassando por quase todos os nossos encontros, e ainda prevalecendo como tema de especial relevância no momento das avaliações. Essa constatação vem ratificar o acontecimento que Freud já assinalava no texto *As transformações da puberdade* (1905), de que nesse tempo o jovem está diante de uma difícil e dolorosa realização psíquica:

“[...] o desligamento da autoridade dos pais, um processo que, sozinho, torna possível a oposição, tão importante para o progresso da civilização, entre a nova geração e a velha” (FREUD, 1905, p.213).

De acordo com Guerra e Lima (2009), esse processo de desligamento é da ordem do necessário e está estreitamente vinculado às principais determinantes da puberdade: a maturação genital - consequência das transformações fisiológicas, o redespertar do Édipo e a presença de sua interdição, além do encontro com o outro sexo. Ao articularem-se, franqueiam para o adolescente a passagem do pai ao laço social mais amplo, por meio da escolha de outros referenciais de identificação. Como afirma Freud em *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar* (1914), é nessa fase do desenvolvimento do jovem que advém seu encontro com o mestre.

Estes homens (os mestres)... tornaram-se nossos pais substitutos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância... confrontâmo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o habito de lutar com nossos pais em carne e osso (FREUD, 1914, p.288).

As novas exigências pulsionais que se fazem presentes de forma incisiva na puberdade não permitem mais o recurso utilizado até então pela criança, de lançar mão do Outro parental para fazer frente ao mal-estar que provoca a divisão do sujeito. Desfaz-se a fantasia dos pais onipotentes, já que estes não conseguem satisfazer os anseios e aliviar as angústias de seus filhos adolescentes. No dizer de Freud, esse desapontamento do filho é sustentado pela descoberta de que “[...] o pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres; [o jovem] fica insatisfeito com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar seu lugar na sociedade...” (FREUD, 1914, p. 288). A desidealização parental somada à perspectiva de encontrar outros adolescentes com experiências semelhantes desloca o eixo de referência para os pares que, em geral, constituem os grupos sociais, por onde circulam os adolescentes.

Os relatos sobre os conflitos na convivência familiar foram os que mais se impuseram no grupo, e as queixas mais frequentes dos jovens se referiam ao controle das saídas, amizades e namoros e à falta de compreensão e reconhecimento da sua capacidade de escolha e autonomia. De modo geral, as mães foram o alvo dos comentários, devido a uma maior proximidade, acompanhamento e exigência com relação às atividades cotidianas dos adolescentes, relacionadas à escola, aos cuidados da casa e ao lazer. Foram elas que compareceram às entrevistas iniciais e finais, assinaram os *Termos de Compromisso*, fizeram os contatos telefônicos e compareceram ao grupo, quando angustiadas com alguma situação de confronto.

Como pontua Lesourd (2004), a separação desse ambiente materno, desse primeiro laço de amor é um dos pontos de impossibilidade mais frequentes de serem

encontrados na clínica com adolescentes, uma vez que se constitui um desafio afastar-se do domicílio parental para viver uma vida desejante, renunciando um bem-estar tranquilizante experimentado na infância.

Outras vezes foi percebido, por meio dos relatos dos participantes, que a presença das mães obturava o lugar do pai, que, por sua vez, não tomava a palavra para fazer valer algum limite à mãe e ao filho. Essas situações foram comentadas com maior frequência por dois jovens de famílias de pais separados, embora também ocorresse naquelas onde, na percepção do filho, o casal “não se dava muito bem”. Nessas situações a fragilidade do relacionamento do casal deixava a família ainda mais exposta a constantes relações conflituosas. Segundo Pinto (2006, p.29),

[...] os fantasmas incestuosos da primeira infância retornam e tornam a presença da mãe ainda mais marcante, especialmente em uma época em que os ideais de virilidade masculina estão em queda. Frequentemente essa relação com a mãe se transforma em uma clausura especular, restando ao adolescente apenas a passagem ao ato ou a criação de novas formas de sintoma.

Segundo comenta Alberti (2008), é no momento em que o adolescente começa a distanciar-se dos pais que ele usa da estratégia de criticá-los, a partir do que se conhece da fragilidade deles, para enfraquecê-los. Essa foi uma postura recorrente para vários adolescentes do grupo. Daí ser preciso uma aposta dos pais para suportar sua própria destituição pelos filhos, pois a forma como o Outro parental se posiciona nessa situação pode precipitar condutas impulsivas e atuações dos jovens.

Podemos assim inferir que, no processo de adolecer, não se pode falar apenas de angústia do filho adolescente. Os pais vivem uma sensação de impotência ao perder o poder de decidir pelo filho, que agora escolhe o que acredita ser melhor e ainda percebem por meio do desenvolvimento do filho o seu envelhecimento. Os motivos mais frequentes de ansiedade dos pais dos jovens do grupo foram: a rebeldia do adolescente, os problemas escolares, a labilidade de humor e a impulsividade, o

início da atividade sexual, o risco que a influência dos amigos poderia representar e o ambiente de violência nos locais de circulação dos adolescentes.

Dias (2000) nos alerta que, se na relação com o Outro parental predominam as imposições: *seja assim, faça isso, ou não seja desse modo*, é reforçada a ferocidade do supereu, que na teoria freudiana representa a estrutura herdeira do complexo de Édipo, a partir da introjeção da autoridade do pai. No momento de sua conclusão uma das saídas que a criança vislumbra é afastar-se dos pais, identificando-se ao supereu parental, uma instância imperativa. Na adolescência, quando os pais, imaginariamente já não encarnam mais os ideais, pode ocorrer um curto circuito e surgir como consequência alguma forma de inibição no adolescente, como foi verificado no discurso de Luiza, via sua dificuldade de posicionamento frente à demanda dos pais.

Numa situação oposta, se o Outro parental, operador simbólico e da Lei deixar o adolescente desamparado, isso afetará a transmissão dos valores do pai e da família e poderá levar a escolhas sintomáticas, “[...] nas quais o sujeito retorna à nostalgia da liberdade ilusória infantil, onde era tudo e podia tudo” (DIAS, 2000, p. 127). Uma vivência semelhante era relatada por Maria, que ficava à deriva diante das constantes brigas e disputas familiares em torno dos filhos.

Acreditamos assim que o adolescente precisa dos pais, inclusive para fazer o movimento de separar-se deles. Para tanto, é fundamental que os pais não se afastem do jovem antes. Conforme nos relata Alberti (2002, p. 191),

[...] que os pais não duvidem de sua função junto a seus filhos adolescentes, pois, por mais que estes os contradigam, eles só estão se exercitando nesse novo lugar de filhos que poderão prescindir dos pais porque já os internalizaram. Se os pais crêem que o filho já não os ouve e por isso largam mão dele, se eles cessam de ainda tentar afirmar seu filho com o desejo que sempre os fez sustentá-lo, então o filho já não poderá exercitar-se aí e o primeiro movimento é o de buscar, a qualquer preço, a presença desses pais, normalmente num movimento que se convencionou identificar como o de “chamar a atenção”.

Em outros momentos, quando a questão em pauta no grupo era o desafio de saber conviver e respeitar as diferenças, surgiram histórias de ciúme e rivalidade entre irmãos, particularmente em famílias nas quais a mediação parental se apresentava insuficiente. Lacan, ao trabalhar o *complexo de intrusão*, dentre aqueles que são determinantes na formação do indivíduo, esclarece que o ponto crucial das manifestações de ciúme é que estas, no fundo, representam não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental (LACAN, 1938/2003).

Silveyra, no texto *Complexo de irmãos* (2008), certifica que o lugar do irmão como rival e os ciúmes que advêm dessa experiência, se constitui em arquétipos do laço social, compartilhando da gênese da sociabilidade e do conhecimento humano, na passagem do laço fraternal ao laço social. Se considerarmos que o complexo de Édipo é o ponto de partida desse complexo, na medida em que ordena a sexualidade infantil *perversa polimorfa*, também aqui, estamos diante de um chamamento da função paterna.

Por outro lado, duas adolescentes, Clarice e Miriam, procuravam passar ao grupo uma imagem idealizada dos seus relacionamentos familiares e de si mesmas, evitando expor situações de angústia e conflito. Essa postura contrastava com a posição mais habitual dos demais adolescentes, de narrar atritos frequentes relativos à convivência familiar e causava efeitos de surpresa, incredibilidade e admiração no grupo.

De fato, percebemos que há uma idealização e um desejo de que a família funcione como lugar ideal e harmônico, mas, na realidade constatamos uma impossibilidade, pois a falta ou a incompletude constituinte da subjetividade humana marca também a família, não sendo possível que a mesma alcance a perfeição. O sujeito dividido vai tentar encontrar no laço familiar e na relação com o Outro um ajustamento e uma simetria, saindo à procura de uma resposta para tal divisão no campo social e, mais especificamente, nos grupos (MEIRA, 2003, p.71).

Portanto, não se pode esperar que haja um modelo ideal de família e, sim, *famílias* com seu modo singular de funcionamento. Da mesma forma, não há um saber estabelecido sobre o que é ser bom pai, boa mãe e bom filho, pois sempre pode ocorrer um furo no saber e, por mais que se esforce, não se tem garantias sobre o que realmente se transmite. Ao contrário de sua mistificação como lugar de ideal, é preciso que a família falhe de algum modo, para que nessa brecha o sujeito sustente sua particularidade no laço familiar. Segundo afirma Meira (2003. P. 75),

[...] é no espaço gerado pelos distintos modos possíveis da família falhar que se inscreve a sua possibilidade, já que pais e filhos podem reconhecer suas insuficiências e lidar com elas, criando uma nova posição, outro modo de funcionamento.

Esse espaço foi aberto a partir do décimo segundo encontro do grupo, quando foi possível avançar para além das queixas, e cada um começou a se implicar mais nas questões do relacionamento familiar e a pensar na sua responsabilidade com os acontecimentos. Chegaram então num consenso que se traduziu no dizer: “toda família tem problemas!”, formulando-se em seguida uma pergunta para fazer avançar esse ponto: Então, se é assim, como cada um pode lidar com ‘seu problema’?

Nos encontros seguintes foi possível perceber maior disponibilidade para mudar algumas posições nos relacionamentos familiares, numa tentativa de alcançar um lugar de maior reconhecimento na família. O lugar que o filho ocupa no discurso dos pais e o modo com que o próprio jovem deve se localizar nesse discurso contém a noção de separação e implica uma exterioridade do sujeito em relação ao Outro. Localizar-se, realizar a construção do seu lugar, esta é uma parte fundamental do trabalho da adolescência.

Esse trabalho foi evidenciado no movimento de aproximação e, ao mesmo tempo, de distanciamento realizado por Pedro, em relação à retomada da convivência com seu pai, a partir do décimo oitavo encontro. O seu investimento no jiu-jítsu e seu encontro com o *mestre* dessa luta, o fez retornar ao pai numa outra posição. Isto

nos faz perceber que o rompimento com o pai não se faz sem ele. A transgressão desejável e que se anseia se dará no sentido de um ir além de, num movimento criador, numa abertura ao exercício do desejo, a ser concretizado no pacto social. No momento da entrevista final este adolescente disse que pretende “começar a trabalhar com o pai num serviço de entrega, quer ganhar seu dinheiro, sem ter que ficar pedindo aos pais toda hora”.

Para concluir, temos que considerar que, nas últimas décadas, convivemos com importantes mudanças sociais resultantes da globalização em suas dimensões sócioeconômica e cultural, que têm interferido na dinâmica da família contemporânea. Os efeitos da cultura capitalista demandam uma submissão à lógica de mercado, que provoca a universalização das práticas e costumes sociais, criando obstáculos à singularidade do sujeito. Tudo isso vai se refletir diretamente sobre a família que, por ser responsável por repassar valores e socializar seus membros, vai deparar-se com certa impotência, diante da debilidade da relação vertical entre pais e filhos, o que torna a transmissão da autoridade cada vez mais problemática e a sustentação do laço familiar um grande desafio.

Uma vez mais recorreremos ao texto Lacan, *Nota sobre a criança* (1969), para sublinhar a importância da família que, mesmo em presença de suas atuais configurações, não deve ceder de sua função de transmitir uma constituição subjetiva à criança, desde que fundada num desejo que a particularize.

6.3 A passagem do laço familiar à vida social

A vivência comumente experimentada na adolescência: *de não mais ser criança e ainda não ser adulto*, emerge com toda sua força diante das dificuldades encontradas pelo jovem para posicionar-se na família e, a partir dela, no social, conduzindo a um intervalo temporal indicado pelo *ainda não*, que vai requerer uma moratória do adolescente e da sociedade.

Para Erikson (1976), essa moratória psicossocial consiste em fazer uma pausa no sentido de permitir ao sujeito explorar, desde o seu eu até sua realidade social. Não se trata apenas de incentivar uma espera prolongada, mas de sair à procura de experiências e de alternativas, no sentido de obter algum saber. Logo, a qualidade dos laços sociais que virá atar o sujeito adolescente à vida possibilitará o apaziguamento e, mesmo, a travessia dessa *crise* chamada adolescência.

É importante sublinhar que o termo crise não é entendido aqui como sinônimo de catástrofe ou desajustamento, mas no sentido de momento crucial de mudanças no percurso do desenvolvimento, optando por outra direção, orientada ao social e mobilizada pelos recursos simbólicos disponíveis a cada sujeito.

De acordo com Lesourd (2004), a adolescência é fundamentalmente uma interação entre um sujeito e um determinado momento social, tratando-se, portanto, de um conceito oriundo do campo social e da educação, especialmente a partir das pesquisas sobre delinquência e psicopatia, iniciadas na década de 50, do século passado. Apesar de não ser um conceito procedente da psicanálise, a adolescência se impôs na clínica, a partir de demandas de interlocução com os dois campos citados anteriormente.

Desde Freud (1905), que a psicanálise tem preferido o termo *puberdade* para elucidar o processo de transformação da criança no adulto.

A puberdade é um tempo de construção, por um sujeito dado, das suas respostas pessoais diante da transformação real do seu corpo, construção que se faz apoiando-se nas redes simbólicas que organizam a sociedade na qual ele vive (LESOURD, 2004, p.178).

Do ponto de vista psicanalítico, o conceito de adolescência é compreendido como um momento lógico de uma operação simbólica realizada na estrutura subjetiva do adolescente e, segundo Rassial (1997, p. 187), colocada em movimento pelo “[...] efeito desse golpe de real que seria a puberdade”. Uma vez que a puberdade faz do corpo da criança um corpo semelhante ao do adulto, o adolescente se vê frente ao real do sexo e constata que o ato sexual não lhe dá acessibilidade ao gozo nem à complementaridade da promessa edipiana, que se revela enganadora. O sujeito vai reencontrar apenas o desejo como falta, entendida enquanto falta de reciprocidade entre os sexos.

Consequentemente, podemos dizer que aquilo que está em pauta na adolescência é o tempo da constituição do sujeito do desejo, que só se tornará possível a partir de uma construção psíquica propriamente dita, que viabilizará a passagem do mundo infantil para o do adulto, tempo do exercício da sexualidade e do trabalho (LESOURD, 2004).

Essa construção vai se remeter à representação mental que o sujeito tem do seu próprio corpo, o que nos conduz ao processo inicial da constituição do sujeito no campo do Outro, denominado por Lacan *Estádio do espelho*¹¹. Devido à prematuridade do ser humano, ele só pode alcançar sua forma realizada fora de si, refletida no campo do Outro que, ao modo de um espelho, retorna ao infans sua imagem totalizada, que lhe permite situar o que é e o que não é o eu. Entretanto, na

¹¹ Teorização sobre a formação do eu, apresentada inicialmente no XVI Congresso Internacional da Psicanálise realizado em Zurique, em 17/07/1949 e publicada posteriormente em 1966, como *O estádio do espelho como formador da função do eu*, no livro: *Escritos*.

medida em que se constitui fora, no lugar do Grande Outro, essa imagem caracteriza-se por uma falta, na qual há algo que não se projeta, um ponto de opacidade, um resto. Esse resto tem relação com o desejo do Outro que fica velado, e, portanto, é inacessível para o sujeito, que se divide nessa operação. Tal resto torna-se, simultaneamente, um objeto a ser reencontrado, um ponto de condensação libidinal, ao redor do qual se orientam o desejo e as identificações do sujeito.

Na adolescência, o jovem se vê frente a um novo corpo, desconhecido, que como estranho precisa ser novamente contido e reescrito por significantes, que são chamados a dar sentido ao sujeito, reorganizando suas identificações na tentativa de nomear seu desejo, num deslizamento metonímico. Assim, no primeiro momento da puberdade, o trabalho psíquico exigido seria o de uma reapropriação egóica do corpo, ou seja, sua reconstrução, agora genitalizada, e implicada na relação ao outro sexo e não mais sustentada pelo olhar parental. Esse trabalho levaria ao segundo momento, o da adolescência, quando se faz necessária a construção de novos ideais, pois o Outro, em especial a referência familiar, perdeu sua consistência imaginária. Uma importante operação adolescente se coloca em curso para efetuar a saída da família em direção ao laço social, o que leva o jovem a se confrontar com certos riscos (RASSIAL, 1997).

Daí ser imprescindível dar um tempo ao jovem sujeito para este inscrever novos significantes que venham representá-lo diante o olhar do Outro, marcado pela incompletude. Entretanto, a inscrição do adolescente na sociedade não depende apenas do sujeito, mas da disponibilidade de significantes que o Outro social lhe propõe. É fundamental, então, tentar compreender sob que significantes nossa sociedade acolhe os adolescentes e que tipos de comportamentos esses sujeitos podem construir em resposta a esses significantes.

Desde os primeiros encontros, os participantes trouxeram ao grupo histórias sobre sua convivência social, na escola e com os amigos. Entre seus programas preferidos, destacou-se um significante que foi um ponto comum no discurso de

todos: *sair*; seja para festas, shows de musica, shoppings, casa de amigos ou mesmo para a rua.

Essa evidência nos permite afirmar que o espaço público converte-se em lugar privilegiado onde ocorrem os fenômenos psíquicos da construção da subjetividade, espaço que os adolescentes elegem para viver sua separação da família. Lesourd (2004) comenta que o adolescente é impelido para o exterior, para o que está fora da família, uma vez que esse espaço íntimo se torna ameaçador, porque é povoado pelo desejo incestuoso. Por isso, a presença da vontade de sair em todos os sentidos do termo: sair à noite, sair sozinho, sair com os amigos é uma das maneiras de expressar essa luta contra os perigos da intimidade familiar. Portanto, esse movimento deve ser entendido como construtivo para o jovem, representativo de tudo que ele deve deixar, mas também não é sem riscos, o que em parte justifica os embates familiares.

Ao utilizar-se do espaço social, seja nas instituições como a escola ou até na rua, o adolescente procura chamar o Outro a uma interpelação sobre a sua existência nas redes sociais, buscando uma nomeação diferente da posição infantilizada e normatizadora que a sociedade, muitas vezes, lhe propõe. Nessa direção, a adolescência pode ser compreendida como um efeito de deslocamento significativa, de uma passagem do Outro familiar e privado para o Outro social e público, a fim de fazer o sujeito reencontrar-se no olhar e na nomeação do Outro.

Um fato marcante e até mesmo decisivo nos rumos desse grupo de adolescentes foi a presença de dois jovens, que vivenciavam uma primeira experiência de trabalho formal, na mesma instituição aonde se realizava o grupo. Essa contingência fez uma diferença importante, ao colocar em pauta assuntos e tensões relacionadas ao mundo do trabalho, inéditos para os demais. Compartilhar essa experiência no grupo projetou o olhar dos participantes para um futuro próximo, desejado e, ao mesmo tempo, temido.

Relembramos as palavras de Freud, no texto *O mal-estar na civilização* (1930), ao considerar Eros e Ananke (Amor e Necessidade) os *pais da civilização*, tanto na sua origem, quanto no seu desenvolvimento, associando-as com as duas funções do mundo do adulto, amar e trabalhar. São essas as funções essenciais que mobilizam o *trabalho psíquico* na adolescência, demandando uma reorganização das identificações. Esse esforço de se localizar na ordem simbólica do discurso social se traduz na passagem da referência infantil para a referência adulta, imposta pelo encontro traumático com o sexual na puberdade, que reedita o complexo de Édipo na sua dupla função de interditor e também de promissor.

Mesmo que essa passagem seja mais frequentemente identificada como um tempo de vulnerabilidade para o adolescente, Rassial (1997) observa que este também pode ser,

[...] um momento fecundo de uma operação inventiva em que o sujeito deverá autorizar-se de si mesmo, quer dizer, em várias direções, como, por exemplo, a escolha de um ofício que faça profissão, isto é, que lhe dê um nome, refundar sua identidade sobre o vestígio, defasado, da primeira inscrição (RASSIAL, 1997, p. 42).

O *futuro profissional* foi um dos temas que, juntamente com o *relacionamento familiar* mais interessou ao grupo, sendo discutido em praticamente todos os encontros e, enfatizado com maior intensidade no período que denominamos *Momento de concluir*. Entrelaçado a esse tema surgia, quase sempre, a escola, lugar reconhecido, pelo menos teoricamente, como um espaço privilegiado para mediar o processo de desligamento da família em direção ao campo social. Sem dúvida ela cumpre essa função quando se trata de possibilitar o estabelecimento de vínculos afetivos entre pares, principalmente na adolescência. No entanto, não podemos ter a mesma certeza quando nos referimos à pertinência social do aprendizado que ela oferece e seu alcance articulador com as futuras escolhas de profissão e trabalho dos jovens.

Dois comentários surgidos em momentos distintos do grupo nos instigaram a refletir um pouco mais sobre as limitações da educação atual: “a chatice e a perda de

tempo em aprender alguns conteúdos que não fazem sentido na vida prática, [e em consequência do primeiro,] é difícil levar a escola a sério”.

Ortega (2002), em um artigo intitulado, *Adolescência: entre o possível e o impossível*, ressalta que a utilidade do saber escolar está essencialmente vinculada ao fato de que os jovens compreendam que isso se constituirá num instrumento para suas vidas e não numa acumulação de saber, sem nenhuma relação com seu mundo atual e o porvir. Nesse sentido, a escola deveria evitar a utilização excessiva de recursos, como a norma e a autoridade *autoritária* do professor, pois, na maioria das vezes, eles são praticados em nome da ordem, sem levar em conta os interesses e as particularidades daqueles que se pretende educar. A escola deveria, então, orientar o aluno para um *saber fazer*, como um convite ao saber criativo.

Vale lembrar o sentido etimológico da palavra educação. Segundo Lesourd (2004, p.19), “[...] ela vem do latim *educere*, que significa fazer sair de, tirar de, parir, educar, exaltar”. Em outras palavras, conceber um depois, um futuro para aquele que se educa, quando esse lugar lhe é reconhecido. Considerando, ainda, a possível fragilidade dos referenciais simbólicos dos adolescentes, o suporte de outros adultos, como mestres e professores, seria de grande valia para tentar reconstruí-los, permitindo certos riscos e acolhendo seus efeitos. Dessa forma, instituiriam-se princípios e valores, como leis de intercâmbio social, estabelecendo limites comuns.

Assim, o compromisso com a aprendizagem se produz de outra maneira: é um pacto de geração de idéias e conceitos, onde os lugares entre o professor e aluno são distintos, mas a relação com o saber é igual, porque foi possível uma construção conjunta (ORTEGA, 2002, p. 68).

Quanto ao desafio de se colocar frente a um futuro, seja profissional ou de trabalho, ele surge como uma pulsação que se articula a três esferas: o mundo familiar, o mundo afetivo e subjetivo e o mundo social. Verificamos, muitas vezes, que os adolescentes, mesmo quando já têm uma maturidade corporal, são relançados a um

adiamento para o futuro, por eles mesmos, ou pelos adultos que lhe são próximos, à espera de um mais tarde: *quando você crescer...*, *quando você trabalhar...* Essas atitudes têm por efeito dificultar ou até inibir o acesso dos jovens às suas potencialidades de adulto e tencionar, ainda mais, as relações familiares e sociais.

Para a psicanálise esse desafio está ancorado numa questão mais ampla, que pode ser traduzida assim: como se localizar e fazer valer seu desejo frente às demandas do Outro, uma vez que a pretensão de responder a elas irá fazer o adolescente se defrontar com o impossível que é a inconsistência e a incompletude do Outro, e isto retornará sobre a divisão do próprio sujeito.

Se a passagem do laço familiar à vida social é da ordem do necessário, esse *caminho a percorrer* encontrou desdobramentos variáveis na trajetória do grupo, dependendo das vicissitudes que os participantes dispunham como possíveis respostas. Luiza, uma adolescente muito submetida aos significantes do Outro familiar, ao buscar um lugar e um reconhecimento social, tinha dificuldades de nomear suas escolhas, pois se perdia entre as próprias opções e as da família, não dimensionando com clareza as suas potencialidades. Por outro lado, Paula se apresentava com um discurso descompromissado de “não se haver com isso e deixar para depois”, sem tomar para si a responsabilidade de seus atos e sem maiores investimentos nas suas escolhas. Nesses casos, a perspectiva de um futuro de trabalho aparecia como uma história do sujeito, causando estranhamento e mal-estar.

Segundo Mansano (2003), definir uma profissão abrange muito mais do que uma mera preferência e uma qualificação técnica, pois implica um processo de construção de futuro, que vai, aos poucos, se apropriando do sujeito em questão. Inspirada por Deleuze e Guattari (1976), essa autora reafirma que a vida deve ser pensada como um devir contínuo e permanente e no percurso da escolha profissional, o sujeito

[...] se aproximaria da prática do cartógrafo, colocando-se mais em contato com o próprio desejo, com os movimentos da paisagem subjetiva, bem como com as transformações da paisagem social, podendo então reconhecer-se como agente criador de si e da profissão (MANSANO, 2003, p. 41)

O estabelecimento de um vínculo entre o sujeito e o trabalho será possibilitado, principalmente, pela relação afetiva que vai sendo construída no contato com a profissão, de maneira contextualizada em relação à história de vida, tal como aconteceu com Junia, no decorrer dos encontros do grupo. O mesmo aconteceu com os dois jovens que estavam começando sua experiência de trabalho, quando do início do grupo. A recompensa financeira, aliada ao reconhecimento familiar e social e, ainda, à admiração conquistada no grupo, suscitou um posicionamento decidido quanto à continuidade do trabalho, o que mais uma vez mobilizou as discussões do grupo nessa direção.

É sabido que cada época propõe aos jovens modelos de comportamentos, nos quais cada sujeito vai buscar um lugar de identificação para conquistar sua posição nas redes sociais. Nas sociedades ditas primitivas existiam rituais e iniciações que tinham a função de moldar os jovens nos seus quadros de referência. Atualmente, as incidências da modernidade e dos seus discursos vão contribuir decisivamente na construção da subjetividade do adolescente, como podemos constatar nas atuais configurações do adoecimento psíquico (LESOURD, 2004).

Se não constitui novidade a presença de conflitos adolescentes com o mundo familiar, escolar e social, a sua formatação atual, entretanto, é delineada por dois processos característicos do mundo contemporâneo: a globalização e a ruptura dos ideais. No primeiro, as particularidades de cada um e de seu grupo social submergem frente a um modo padronizado de ser, com a intervenção de ciência e a tecnologia na criação de novos códigos de comportamento e de relações afetivas. O segundo vai comprometer a formação de identidades grupais que se constituem numa rede de apoio social. Sabemos que os ideais são fonte de coesão entre as

pessoas, e que sua função está estreitamente vinculada ao trânsito entre o indivíduo e o coletivo social, função encarnada e facilitada pelo pai (ORTEGA, 2002).

Presenciamos, então, uma contemporaneidade marcada pela cultura do narcisismo, inserida num contexto de exacerbação de si e de desvalorização do 'Outro'. Nessa perspectiva, o sujeito se percebe liberado da força normativa das instituições, tornando-se pouco sensível em relação aos outros e aos projetos pessoais duradouros. Bauman (2001) emprega o termo *pós-modernidade* ao se referir à atualidade e utiliza a metáfora da *liquidez*, para explicar o processo de ruptura com a modernidade, entendido como um processo de liquefação, de derretimento dos sólidos já estabelecidos, no sentido de um rompimento com o passado e a tradição.

Tendo em vista que o homem contemporâneo declinou dos valores simbólicos da modernidade – identidade, reconhecimento e filiação -, é possível perceber que atualmente se vive a cultura do efêmero e dos valores superficiais, não mais centrada nas normas sociais. As consequências dessas mudanças trazem a marca da angústia, explicitada no texto, *Mal-estar na atualidade*, do psicanalista Joel Birman (1999, p.24).

Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e explosão da violência que marcam a atualidade.

A temática da violência social, associada a situações de risco e ao consumo de drogas, embora muito próxima do cotidiano dos adolescentes, esteve presente de forma contundente em um encontro e, nos demais, foi sempre lembrada em comentários isolados. Na avaliação parcial foi citada como um dos temas que mais despertou o interesse dos participantes, vindo logo depois do *relacionamento familiar* e do *futuro profissional*, o que pode denotar por si só um enlaçamento importante.

A violência na adolescência traduz, de modo geral, um desamparo e uma dificuldade no processo de subjetivação; uma dificuldade cuja passagem pelo ato constituiria

uma tentativa de solução, uma busca de tranquilização. Recorrer à ação pode ser compreendido como uma defesa contra a angústia e, ao mesmo tempo, uma via potencial de elaboração do pensamento, por meio do mecanismo de projetar para fora de si os objetos destrutivos.

De acordo com Marty (2006), uma vez que o ato parece tomar o lugar da palavra, tenderíamos a pensar que o recurso à ação traduziria uma impossibilidade de simbolizar e, assim, o agir é percebido como operando uma espécie de abertura no aparelho psíquico, em dificuldades para fazer as elaborações necessárias. Entretanto, um estudo mais cuidadoso da psicopatologia da adolescência permitiu compreender o agir como tentativa de simbolização que, para se efetuar, deveria passar por sua realização.

Para dar significação à sua existência, o jovem busca posicionar-se em relação ao mundo, mas, nesse percurso, muitas vezes, se vê frustrado em seu ato, devido ao seu adiamento para o futuro demandado pelos adultos. Recorre, então, a dimensões equivocadas do agir, enquanto tentativas de procurar o reconhecimento do Outro, através do *acting out*¹², ou mesmo, em tentativas desastrosas de existir na *passagem ao ato*¹³.

O que falta ao adolescente é a possibilidade de pôr em ação o trabalho da ligação, esse trabalho psíquico que tece permanentemente o fio do sentimento de continuidade da existência, a partir dos primeiros tempos da infância... Na adolescência, uma vez que o trabalho de ligação está faltando, está em sofrimento,... as experiências pubertárias permanecem sem interpretação, o processo da adolescência enguiça quanto à sua função de elaboração da "violência" pubertária. Porquanto o pubertário é violento: é violento de uma violência que lhe é inerente como a própria violência, em si mesma, é inerente a toda vida, a tudo aquilo que é vida e

¹² O *acting-out* é um termo referente à clínica psicanalítica e indica uma atuação que se apresenta mais como uma saída do que uma escolha do sujeito, diante da impossibilidade de dizer algo relativo ao desejo e à angústia que este incita.

¹³ Na *passagem ao ato*, o sujeito produz uma ação na qual ele se exclui inteiramente, precipitando-se como um objeto *fora da cena*. Embora seja entendido como um recurso (último) para o sujeito desvencilhar-se do gozo insuportável, não é definitivamente uma solução, uma vez que não se sustenta no laço social.

está vivo. O pubertário é violento por aquilo que traz de novidade, a princípio insana e ameaçadora, às vezes capaz de provocar tamanho desequilíbrio, uma ruptura tão grande na estabilidade da organização da vida psíquica, que o sujeito luta por sua sobrevivência e reage a isso com violência (MARTY, 2006, p.122).

Daí advém a importância de percebermos as sutilezas do tornar-se adulto nas vivências do ser adolescente e dar credibilidade às suas tentativas de produzir significação em alguma direção, com tudo que essa travessia comporta de incerteza.

6. 4 O percurso do trabalho de grupo

A importância dos grupos na adolescência

A adolescência é uma resposta do sujeito ao impacto provocado pela puberdade que, ao se instalar, ocasiona efeitos de estranheza, devido a intensas modificações que se iniciam no corpo e, a partir daí, se estendem e transformam a relação do sujeito com seus laços familiares, afetivos e sociais. De acordo com Rassial (1999), devido à modificação da imagem do corpo e ao desmoronamento da consistência imaginária do Outro parental, a identificação especular vacila na adolescência, devendo ser reformulada a partir de uma nova posição, em que o Outro e os objetos ganham um novo valor psíquico.

Um processo de reconstrução das identificações é colocado em pauta, uma vez que este proporciona as condições para a instauração de um elo social na sua acepção imaginária e simbólica. Rassial (1999) afirma ainda que essa reconstrução esteja mais próxima de um trabalho de *desmontagem identificatória*, que é colocado em movimento. Para tanto, é necessária outra apropriação dos objetos, pois, enquanto o primeiro processo identificatório levava a criança a ser referida à mãe, enquanto o Outro no *estádio do espelho*¹⁴ e aos pais como o Outro do complexo de Édipo, no segundo relativo à adolescência, o sujeito está imaginariamente ligado ao Outro sexo.

Podemos dizer que os processos de identificação na adolescência oscilam entre um luto das imagens da infância e uma precipitação e, até mesmo, uma exaltação em direção a tudo que surge e que pode servir de eixo de identificação para fundar algum saber. Segundo Ortega (2002), as novas formas de relação do adolescente tomarão traços de outras pessoas, o que geralmente não ocorre por simples identificações, mas em processos bastante complexos, com semelhantes ou adultos

¹⁴ Ver nota de rodapé na página 110.

que cumpram a função de sustentação frente ao novo que surge na puberdade. Entretanto, em determinadas situações, para responder à incerteza adolescente surgem encarnações provisórias e totalitárias que valem, sobretudo, para contestar tanto os ideais infantis quanto os ideais dos adultos.

Esse rearranjo das identificações também pode ser justificado pelo abalo narcísico sofrido no trabalho de separação dos pais, objetos do amor infantil, que culmina numa desidealização parental. O adolescente deverá reconstruir esse narcisismo, apesar da dúvida que paira sobre o valor de seu eu e, ainda, sobre a atração que este pode provocar no outro. Daí a importância de buscar renovar os laços sociais para restaurar seu narcisismo, seja com outros adultos ou com grupos de pares, por meio de uma nova imagem valorizada desse eu, que lhe é restituída por aqueles que o cercam.

Na composição dessa nova imagem, de acordo com Lesourd (2004), a aparência dos jovens e a roupa em especial participam ativamente da reconstrução do eu, na medida em que demarcam o pertencimento do sujeito a um grupo e permite o reconhecimento entre os pares. Esse visual deve ser percebido como uma extensão e uma afirmação do eu do sujeito, muitas vezes, diferenciado do mundo dos adultos, especialmente, de seus pais e identificado com seus semelhantes. Essa mesma lógica vale também para uma grande variedade de objetos consumíveis – celular, MP3, CD's, games -, que são revestidos de grande importância para os adolescentes e se convertem em centro das relações de trocas e signos do valor do sujeito. Esses e outros tantos objetos se tornam suportes da reconstrução da identidade do sujeito e, como uma extensão deles mesmos, os representam diante da sociedade, enquanto códigos de filiação aos grupos.

A abordagem psicanalítica de Aberastury e Knobel (1981) corrobora essa posição ao identificar entre as características da adolescência uma tendência grupal, que justificaria a formação de grupos homogêneos, que é compreendida como um

comportamento defensivo, trazendo uniformidade e segurança. Cada membro espelha-se e se identifica com o outro, pois o fato de ser aceito e pertencer ao grupo possibilita ao adolescente um posicionamento social. A dependência em relação ao grupo de pares significa, por outro lado, a transferência da dependência infantil que o jovem mantinha em relação ao grupo familiar. Esses grupos teriam a função de produzir um novo espaço diferenciado do lugar cotidiano e familiar, o qual o adolescente pode perceber como esvaziado de significação.

O grupo também possibilitaria ao adolescente externar e experimentar ações de enfrentamento e violência, uma vez que a responsabilidade e a culpa ficam diluídas entre seus membros. De modo geral, os comportamentos agressivos em grupo costumam ser transitórios e ajudam o adolescente a conhecer e dominar a potencialidade de suas fantasias destrutivas. O líder do grupo, muitas vezes, substitui a autoridade paterna e, se o adolescente deixa de se submeter ao pai para submeter-se ao líder do grupo, também exercita com ambos a possibilidade da confrontação e do desafio (ABERASTURY E KNOBEL, 1981).

Rassial (1999, p.58) enfatiza um duplo aspecto da adolescência que merece consideração, ser simultaneamente tempo limite e período de transição. Tal como,

[...] um limite entre dois estatutos, um regendo a criança que brinca e aprende, outro o adulto que trabalha e participa da reprodução de espécie; um período de indecisão subjetiva e de incerteza social, durante o qual a família e as instituições exigem, segundo as circunstâncias, que o sujeito se reconheça como criança ou como adulto.

Momento paradoxal, visto que aponta para uma demanda que é feita pelo social – que não seja mais criança, que se situe na partilha dos sexos –, mas que, ao mesmo tempo, marca uma falta de reconhecimento no espaço social. Ao dificultar o acesso do adolescente a um código social, o Outro deixa esse sujeito, já fragilizado, à deriva, ou mesmo confrontado a imperativos sociais. Diante desse entre-lugar ou até

mesmo fora-de-lugar, o adolescente vai buscar abrigo, identidade e reconhecimento no seu semelhante, assim como nas formações de grupo entre eles.

O trabalho com grupos de adolescentes

Como explicitado anteriormente, o processo de adolecer pode ser dimensionado como um tempo necessário, no intuito de nomear e ordenar o surgimento da puberdade, criando formas de responder a isso que irrompe tão abruptamente, que as palavras, muitas vezes, falham em atribuir-lhe alguma significação. Assim sendo, torna-se fundamental disponibilizar ao adolescente alguns dispositivos de subjetivação para ajudá-lo a transpor essa passagem à vida social, pois o exercício de sua capacidade elaborativa vai ser decisivo na ultrapassagem e conclusão desse real que a puberdade instaurou.

Devemos pensar na prática societária que hoje conviria oferecer ao adolescente, para que nela ele depositasse parte do esforço no qual se desgasta. Deveria ser algo onde ele depositasse apenas o esforço, mas não a responsabilidade pelo trabalho (RUFFINO, 1993, p. 57).

Entretanto, concordando com denominação de Debord (1997) de *sociedade do espetáculo*, caracterizada pela atuação narcísica e performática do sujeito frente ao Outro, é possível dizer que hoje se vive uma diminuição do espaço para reflexão sobre si e sobre o mundo. Esse seria um dos efeitos da cultura do nosso tempo que valoriza o individualismo, o consumo e a busca pelo bem-estar imediato. Para outro autor contemporâneo, Dufour (2005), as autoridades instituídas perderam a legitimidade simbólica para regular e corrigir os rumos tomados pelas práticas individuais. Consequentemente, o sujeito pós-moderno se percebe livre, porém sozinho, e é desse lugar que ele deve responder ao impossível que é fundar-se, tendo em vista o contundente desamparo atual (LINO, 2009).

Tal como acrescenta Lesourd (2004), a constatação de que hoje a sociedade se esquiva da responsabilidade de nomear os lugares nos quais os adolescentes poderiam ser reconhecidos, faz com que a tarefa de se inscrever no discurso social

passa a ser realizada individualmente e, não, coletivamente. Diante da efemeridade dos laços sociais na atualidade, é fundamental observar as *brechas* ou *lacunas* que se apresentam ao jovem como enigmas para decifração do Outro social. Portanto, faz-se necessária a contextualização das mudanças advindas da contemporaneidade e o reconhecimento do seu impacto sobre os adolescentes, no sentido de melhor acolher suas demandas e contribuir para que estes visualizem suas potencialidades.

Marty (2006) também concorda que, para ultrapassar as limitações provenientes do real da puberdade, das dificuldades de simbolização e do uso da ação como medida compensatória, será preciso fazer dessa passagem adolescente uma narrativa, enquanto perspectiva de reconstrução do sujeito. O tempo de dizer poderá vir a substituir o tempo da ação, desde que a palavra sustente as ligações associativas que vão reconstituir a trama em torno da qual se vai retomar uma história.

Fazendo uma analogia da premissa de Marty (2006) e a proposta de trabalho com grupo de adolescentes em estudo nesta pesquisa, sugerimos que a história dessa narrativa pode se tornar objeto da ligação transferencial no grupo, pois o movimento de falar de si a um outro restituiria ao jovem a capacidade de reencontrar afetos ligados ao momento traumático da puberdade. Ao formularem interrogações e, ao mesmo tempo, colocar em questão o outro, os adolescentes abririam espaços para praticar uma experiência discursiva, na qual poderiam ensaiar diferentes possibilidades de fala.

Isso pôde ser experimentado num determinado momento do grupo, quando um participante fez um comentário a respeito de um comportamento de risco vivido por uma adolescente: “ela é capaz de pular na lagoa, sem saber nadar, só porque os outros pulam”. Em seguida, os demais argumentaram que “a gente tem que pensar e refletir antes de agir”, o que fez com que a jovem escutasse e se colocasse em trabalho: “... é, eu vou tentar”.

É consenso, entre os autores já citados, a importância do espaço de grupo nesse reencontro do adolescente com o Outro, na medida em que esse grupo favoreceria a busca de novas inscrições sociais, criando espaços próprios de fala e de suportes de identificação transitórios, imprescindíveis na construção de um lugar no mundo adulto. Segundo Ruffino (1993), nesse percurso o jovem poderá encontrar os grupos sociais, religiosos, de expressão artística e cultural, que podem se constituir em acessos privilegiados, ao propiciar efeitos significantes que irão contribuir para a formação do adulto porvir. Será por essa via que também se justifica o trabalho com grupos de adolescentes, que terá como objetivo instrumentalizá-los para que possam re-descobrir um saber sobre si mesmo e, dessa forma, construir possibilidades de escolhas e de um vir-a-ser.

O percurso do grupo

Apostamos no grupo enquanto um dispositivo facilitador de um trabalho que não se esgotava no próprio grupo, mas que possibilitava, no entanto, uma trajetória subjetiva que foi singular para cada adolescente. Dessa forma, recorreremos aos pressupostos psicanalíticos, em especial, à transferência, no sentido de que pudesse operar aberturas, circulação de sentidos e endereçamentos de discurso, permitindo assim a realização de uma operação subjetiva, sem que isso significasse um trabalho psicanalítico propriamente dito. A escuta oferecida no grupo permitia ao adolescente se fazer ouvir, assim como apontar para as vicissitudes do ser adolescente na contemporaneidade.

No seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Lacan ancora a definição de transferência na função do sujeito suposto saber, que emerge quando o que é falado retorna ao sujeito com uma nova significação, de acordo com os princípios próprios da linguagem. Assim, a transferência surge como produto desse endereçamento. A condução do trabalho no grupo pressupõe que o coordenador possa sustentar essa função de suposto saber, ao garantir um lugar de alteridade, em que as falas possam ser endereçadas, situando os sujeitos diante desse Outro para produzir um saber em nome próprio. O coordenador deve,

portanto, evitar a precipitação de se identificar com o sujeito suposto saber, ao fornecer respostas e significados que promoveriam um saber concluído, ao qual os adolescentes poderiam se submeter e se identificar imaginariamente.

Ao acompanhar e analisar a trajetória do grupo de adolescentes autorizamos-nos fazer uma correlação da construção da lógica coletiva expressa por Lacan (1945) no escrito *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*, com as escansões do trabalho ocorrido no grupo. De modo equivalente, Ruffino (1993) argumenta que a adolescência pode ser pensada como uma operação psíquica, marcada por uma temporalidade lógica que, segundo Lacan, caracteriza-se por uma construção subjetiva, independentemente de sua duração cronológica. Essa operação é demarcada pela travessia de três tempos que, por analogia, nos servirá de bússola para acompanhar a passagem da puberdade à adolescência, assim como o percurso do grupo.

O primeiro tempo, denominado *Instante de ver*, apresenta algo inesperado diante da visão do sujeito que leva a uma insuficiência subjetiva, da qual a sideração é a resposta imediata. Esse momento é instaurado pela puberdade, sob a forma de um enigma produzido a partir das transformações do corpo, fonte de novas exigências, as quais o jovem não sabe responder. Segundo Ruffino (2005, s/n.), “[...] é o tempo do dito mutismo e acanhamento do adolescente, que ainda vive muito perto do tempo de sua puberdade e está às voltas com a experiência do findar de sua infância”.

Esse *Instante de ver* se desdobrou nos primeiros seis encontros do grupo e foi designado como o tempo do “Grupo sob os efeitos do olhar do outro – momento de reconhecer-se e ser reconhecido”. O dizer mais significativo desse momento foi escrito por uma das adolescentes no primeiro encontro e explicitava certa sideração e um não saber: “A adolescência é viver num mundo cheio de setas, onde é difícil saber aonde ir”.

Esse tempo foi marcado pela busca de traços identificatórios, de reconhecimento imaginário e de sustentação da aposta de que os enlaces pudessem acontecer entre os participantes. Partimos inicialmente da homogeneidade, descoberta nos temas comuns que despertavam o interesse do grupo e, não, da heterogeneidade, que foi sendo delineada aos poucos, de acordo com posicionamentos pessoais que demarcavam alguma diferença. O grupo cumpria a função de suporte, tanto para a separação do Outro parental, quanto para a passagem ao laço social, pois esse se mostrou ser um movimento contínuo de reconstrução identificatória. É importante assinalar que as grandes questões da adolescência, a exemplo da sexualidade, foram surgindo espontaneamente, desde que o grupo passou a ser reconhecido e autorizado como “um espaço para trocar ideias”, conforme o dizer de um dos participantes.

Assim, avançamos para um segundo momento, designado *Tempo para compreender*. Trata-se de uma operação subjetiva mediata, a transcorrer por algum tempo, ultrapassando a situação inicial, por meio de uma antecipação imaginária. Tal momento pode ser entendido como o tempo do exercício mesmo da adolescência, tempo de interrogações e de produção significativa, para se reposicionar frente ao Outro e buscar seu reconhecimento. Recorremos novamente à elaboração de Ruffino (2005, s/n), que pontua que, nesse tempo, o adolescente começa a ensaiar suas respostas em experiências grupais entre seus pares, nas quais ele descobre que

[...] há algo de *quase* compartilhável em sua experiência solitária e que parte da tarefa que a ele se impõe pode ser realizada de modo coletivo, em uma coletividade seleta de pares com certas significantes afinidades.

Esse *Tempo para compreender* foi nomeado “Acolhimento e elaboração das vicissitudes de cada um no grupo”, e transcorreu do sétimo ao décimo sétimo encontro. A saída de duas adolescentes foi considerada uma perda importante e trouxe consigo a vivência da incompletude e da desidealização, uma vez que elas ocupavam um lugar de ideal de beleza e de sucesso no imaginário do grupo. Essa circunstância evocou, entre os participantes, fantasias e relatos de mortes, perdas,

separações e desencontros, relacionados tanto ao âmbito familiar quanto referentes ao espaço afetivo. Tornou-se também perceptível no grupo o surgimento da dimensão contingente do mal-estar, ao mesmo tempo em que se produzia algum trabalho de elaboração do luto, pois foi possível apreender que, diante de situações das quais não se tem controle, restava-nos a rememoração.

No decorrer dos encontros, diante da demanda de fazer existir o grupo enquanto *unidade fechada*, o coordenador se posicionava em outro lugar que não era o esperado, convidando cada sujeito a marcar sua inscrição no grupo. Nesse sentido, os adolescentes poderiam se deparar com um bem-sucedido *desencontro* no grupo, a partir desse desencontro, resgatar aquilo que lhe era próprio e que o determinava. Foi surpreendente notar, por exemplo, que, por trás do aparente estilo adolescente debochado e gozador, muitas vezes presente no grupo, havia uma demanda de se saber posicionar enquanto sujeito *desejante*. Nesse sentido, o grupo funcionava apoiado nas diferenças e, mesmo que em alguns momentos ocorressem fantasias grupais, a forma pela qual cada membro do grupo lidava com elas tinha a ver com sua própria história. Verificava-se, assim, que o grupo não era igual à somatória de seus elementos, pois o lugar no qual cada um se colocava e colocava o outro permitia restituir, por sua vez, o outro e a si mesmo em diferentes posições face ao desejo (SIGAL, 1989).

Retomando a análise de Meira (2003) sobre o risco da idealização do grupo familiar, desde que tomado como um espaço encerrado em si mesmo, analogamente podemos inferir que também o grupo de adolescentes deve ser trabalhado como um conjunto aberto, uma coleção de singularidades, cada membro tomado um a um. Assim, para que a particularidade de cada sujeito possa ser sustentada no laço grupal, será importante permitir que o grupo possa falhar – nas ausências, nos esquecimentos, nas brincadeiras -, ao contrário de sua mistificação como lugar ideal. Por meio dessas falhas tornou-se possível, para o grupo, reconhecer suas insuficiências e lidar com elas, inscrevendo um novo modo de funcionamento.

Aos poucos, os adolescentes iam reconhecendo o grupo como um lugar de reflexão e conquistando espaços para questionar o que o outro trazia de *sintomático* em sua fala, permitindo-se intervenções que portavam efeitos de interpretação. Como os coordenadores não tinham a função de interpretar, competia-lhes favorecer os efeitos de interpretação vindos dos participantes, fazendo valer, para cada um e para o coletivo do grupo, algo de novo presente nessas interpretações.

Da mesma forma, a função de líder não competia à coordenação, sendo permutada entre os participantes, de acordo com as circunstâncias vividas pelo grupo, pois não se tratava de um lugar natural ou mesmo fixado a priori. Segundo Holck (2007), o coordenador do grupo se sustentaria por uma transferência que dava ao grupo a possibilidade de produzir, de metaforizar, para que alguma coisa diferente pudesse surgir. Desse modo, o coordenador procurava evitar os fenômenos de identificação à figura de um líder, buscando desarticular os efeitos imaginários no grupo.

O terceiro tempo, nomeado *Momento de concluir*, vem indicar que esse ponto é o bastante, no sentido de chegar a uma finalização, ainda que o trabalho iniciado no segundo tempo não tenha terminado. Não se trata de afirmar que houve uma conclusão da adolescência, mas de colocar um ponto de basta, que tenha por função ordenar o simbólico frente ao real, possibilitando uma inscrição significativa. Trata-se de atingir uma resolução possível da adolescência e de enodar um redimensionamento do trauma inicial relativo ao encontro com o real do sexo e seus desdobramentos. Os questionamentos colocados em movimento pelo processo de adolecer conduziram a algumas respostas e propuseram novas questões, com as quais o jovem continuará a se debater num futuro próximo.

Esse *Momento de concluir* foi designado “Tempo de decisão e posicionamento social” e transcorreu em oito encontros, no 1º semestre de 2008. Esse momento teve seu início após um intervalo de dois meses, que coincidiu com o final de ano e as férias escolares, tempo significativo para a ocorrência de mudanças; algumas

planejadas e desejadas pelos adolescentes, tais como transferências de escola, e outras fortuitas, como mudanças familiares.

Para os participantes que perseveraram em alcançá-lo, esse foi um momento em que ocorreu um maior envolvimento deles no cenário social. Pôde-se perceber ainda que o trajeto percorrido no grupo até aqui abriu caminhos de subjetivação e possibilitou novos enlaçamentos de convivência social. Notamos *a posteriori* que o manejo da transferência permitiu que as questões emergentes no grupo não fossem obturadas ou julgadas a partir de um saber prévio, mas, ao contrário, puderam ser desdobradas e, muitas vezes, respondidas pelo próprio grupo, via construção de um saber compartilhado.

As oportunidades de trabalho buscadas por alguns dos membros do grupo nos dão mostras desse avanço. A decisão de Junia de aventurar-se num primeiro emprego, seguindo uma trajetória de trabalho familiar, causou admiração. No entanto, essa escolha, de alguma forma, já estava antecipada nas entrelinhas de seus comentários escritos na avaliação parcial: “deixei de ser um pouco vergonhosa, converso mais, estou mais atuante”. Outros dois adolescentes, Rafael e Tiago, que já trabalhavam desde o começo do grupo e concluíram essa experiência no início do ano seguinte, estavam decididos a buscar um novo trabalho, quando retornaram ao grupo. Ao viabilizar esse projeto, eles compartilharam com o grupo essa novidade, apesar de ficarem impossibilitados de frequentar o grupo.

As questões relativas ao término do 2º grau, à escolha profissional, à continuidade dos estudos e / ou à inserção no mercado de trabalho envolveram a maioria dos adolescentes nesse momento e precipitaram discussões importantes que tomaram a cena do grupo. Como efeito, foi observado no discurso dos participantes maior responsabilização por suas escolhas e, concomitantemente, um esforço para distanciar-se daquilo que se supunha ser a demanda do Outro. Paralelamente a essas elaborações foi notado um reposicionamento deles frente à família, tornando possível a nomeação de diferenças. Dessa forma, já se vislumbrava a conclusão do

trabalho no grupo, uma vez que se constatava a perspectiva de prescindir desse espaço, para que cada participante pudesse se lançar em outras iniciativas.

É importante ressaltar que não se trata de supor nem de idealizar que isso deva acontecer para todos juntos e da mesma maneira e, sim, um de cada vez, segundo um tempo para compreender e para concluir que é particular para cada sujeito. Segundo Recalcati (2003, p.310), sua experiência de trabalho com grupos monossintomáticos lhe permite afirmar que “[...] do grupo sempre se sai de um em um”. Esse processo ocorre de forma *não todos juntos* e produz um corte nos processos identificatórios vigentes no grupo, favorecendo a passagem do ponto, nomeado por Recalcati de *idêntico*, à possibilidade do *equivoco*.

Vale lembrar ainda o termo *turbilhão*, metáfora utilizada por Lacan para caracterizar o *cartel* e que, segundo Garcia (1993), se refere à movimentação semelhante aos redemoinhos de vento. Tomamos de empréstimo essa noção, por entendermos que ela também pode ser aplicada nessa situação vivida pelo grupo, uma vez que traz implícita a ideia de movimento. Um movimento tal que, ao favorecer o surgimento de questões novas, impulsiona e remete a outras ações, permitindo efeitos de descompletude tanto no cartel quanto no grupo e, conseqüentemente, provocando efeitos subjetivos nos seus participantes.

Portanto, esse momento do grupo evidenciava que ele não mais seria necessário, desde que havia cumprido sua função, que à semelhança do dispositivo de *cartel*, funcionava como uma *dobradiça*¹⁵, um eixo que possibilitava movimentos de abertura e de fechamento, franqueando a passagem dos adolescentes ao laço social, a partir da produção de um *savoir-faire*.

¹⁵ Expressão contida no pronunciamento de Lacan, por ocasião das discussões das Jornadas sobre Cartéis da Escola Freudiana de Paris, em abril/1975. Publicada em *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, nº 18, 1976. Transcrição da *Revista da Escola Letra Freudiana: Documentos para uma Escola*, ano 1, n. 0, p.67, Rio de Janeiro, s/d.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é um *tempo de despertar* que convoca o jovem a fazer um trabalho psíquico, diante do desligamento dos pais da infância, do encontro e da escolha sexual e, ainda, da incerteza do futuro profissional. Este trabalho tem a dimensão de uma travessia, uma passagem de um círculo social restrito e primário - a família -, para um universo social mais amplo. Portanto, pode apresentar pontos frouxos de ancoragem, uma vez que o adolescente perde a mestria do seu corpo, o que faz vacilar seus referenciais identificatórios, comprometendo sua posição subjetiva e sua capacidade de elaboração.

Esse tempo de transição marca um entre-lugar, em que não se é mais criança e ainda não se é adulto, o que se traduz numa posição delicada, tanto de fragilidade diante das injunções familiares e sociais, quanto de abertura para mudanças de posicionamento subjetivo. Mais do que em qualquer outra idade, a adolescência expressa as tendências e as contradições da sociedade e da cultura, devido à sua maior exposição e sensibilidade às questões da contemporaneidade. Com a renúncia dos antigos ideais, o progresso da ciência e seus novos objetos tecnológicos parecem promover o imperativo de usufruir do consumo, impedindo o acesso ao desejo. Desse modo, o adolescente tornou-se um paradigma da perda da eficácia simbólica na pós-modernidade, denunciando com seus atos e sintomas os impasses que nossa cultura enfrenta para sustentar simbolicamente as passagens da vida.

Estamos igualmente, adolescentes e sociedade, diante de um mal-estar que a psicanálise demonstra ter uma presença constante na relação do homem com a civilização. Na tentativa de resolução do desprazer gerado pela adaptação à cultura, os sujeitos produzem sintomas que se endereçam ao Outro, em busca de significação. Essa lógica também funciona para os adolescentes que, por meio de comportamentos bizarros, relações adictas com objetos e substâncias tóxicas e,

ainda, adoecimentos, demandam uma escuta diferenciada para suas angústias. Assim, a adolescência atual, nos convoca ao trabalho a partir de *desafios*, significante que se coloca como imperativo, tanto para o campo psicanalítico, quanto para o campo da saúde e, é particularmente instigante, nos espaços institucionais. Quando esses desafios são vividos na clínica convertem-se no motor de diferentes vertentes, seja de pesquisa, de construção teórica ou de modalidade terapêutica.

Nesse sentido, percebemos que nossa inserção no Setor de Saúde do Adolescente (HC/UFMG) e, especificamente, o trabalho com grupos de adolescentes, foi decisivo para o desenvolvimento desta pesquisa. Já a eleição do referencial psicanalítico que fundamenta este estudo aconteceu em função de acreditar no posicionamento ético da psicanálise, presente desde os primeiros trabalhos de Freud, que consiste em tratar o saber como uma construção *sempre em aberto*, implicando uma crítica permanente às suas próprias formulações. Diferentemente das outras ciências humanas que visam uma objetividade e a formulação de uma lógica universal, estabelecida pela ideia de um sujeito do conhecimento, a psicanálise funda-se a partir do singular de cada um, pela noção de inconsciente como o que vem recobrir um saber inacessível ao sujeito.

Recorremos, então, ao Dicionário Houaiss (2001) e nos deparamos com essas definições.

Desafio: ato de provocar alguém, chamamento para qualquer modalidade de jogo, ato de incitar alguém para que faça algo, situação ou grande problema a ser vencido ou superado... modalidade poética escrita por um poeta ou cantador em forma de disputa fictícia entre ele próprio e um adversário...

Foi surpreendente encontrar nessas significações a conotação de um ato que produz um chamamento, uma provocação ao Outro, no sentido de fazer algo para superar uma situação-problema. Como modalidade poética traz uma perspectiva ainda mais atraente: trata-se de inventar algo que não havia antes, a partir de um *adversário* que incita a uma disputa pela palavra.

A trajetória desse trabalho com esse grupo de adolescentes se configurou como um grande desafio que, desde seu começo, portava um paradoxo: fazer um grupo para escutar os sujeitos e fazer emergir o sujeito no grupo. Das leituras teóricas empreendidas no início vieram as primeiras indicações de que essa investigação mereceria ser sustentada. Ficou evidenciado que a problemática das relações humanas foi uma preocupação constante nas obras de Freud e continuou depois dele, em diferentes abordagens no campo psicanalítico.

A primeira indicação que temos da psicanálise é que o coletivo não se sustenta no todo. Numa direção diferente da máxima da Gestalt, que afirma que *o todo é mais do que a soma das partes*, afirmamos que *não há todo na soma das partes* (FIGUEIREDO, 2005, p.45).

Nossa aposta ao trabalhar no grupo de adolescentes seguiu nessa direção e, para tanto, sustentou um enlaçamento entre os integrantes do grupo sem ter a pretensão de torná-lo fechado, permitindo aberturas para que algo ou alguém pudesse descompletar essa pretensão de ser e fazer um todo no grupo. Nesse sentido, foi possível acolher as faltas, os lapsos e, até mesmo, as perdas que se fizeram presentes no percurso do grupo.

O trabalho da coordenação procurou sustentar no grupo um espaço de circulação da palavra dos adolescentes em torno das questões que eles próprios escolheram indagar, buscando a reconstrução de significantes identificatórios que viabilizasse novos enlaçamentos sociais. Nessa direção, as discussões mais frequentes abordavam os impasses que eles experimentavam na família, nos relacionamentos afetivos e nas escolhas relativas ao futuro profissional.

A literatura especializada sinaliza que os adolescentes são, geralmente, intolerantes com as diferenças e adotam entre si e nos grupos que frequentam uma postura marcada pela homogeneidade, expressa no comportamento e na imagem, com o intuito de assinalar sua distinção em relação aos adultos, em especial, os pais. Num primeiro momento, verificamos que o grupo em estudo se estruturava a partir da

identificação especular de um ao outro. Os participantes buscavam esse reconhecimento com o propósito de minimizar os *vacilos* de cada um na construção dessa imagem devotada ao seu semelhante. Constatamos então que, se o grupo por si só, é um lugar que tende a produzir identificações e a alargar imaginariamente seus efeitos, o trabalho de quem está na condução do grupo será encaminhado para esvaziar esses processos de identificatórios.

Num segundo momento percebemos que os participantes já se autorizavam a sustentar uma aproximação com o desejo, por meio de falas que expunham suas diferenças e expandiam suas posições subjetivas para o campo do Outro. É importante destacar que, se isso não vigorou para todos, ficou, entretanto, evidente em alguns. Aprendemos, assim, que o percurso de cada um no grupo é único e que essa distinção deve ser garantida e sustentada no grupo. Esta, sem dúvida, se tornou a principal função de quem ocupava o lugar da coordenação. Cada encontro acontecia em torno de uma tensão entre o grupo e o sujeito, considerada como inerente à estrutura desse dispositivo e expressa num movimento de perdas e ganhos, que evidenciava a necessidade de um trabalho de elaboração.

No terceiro tempo do grupo essas perdas ficaram mais evidentes com as interrupções de alguns adolescentes, que fizeram outras escolhas dirigidas ao campo do trabalho e que, por sua vez, incompatibilizavam a frequência deles no grupo. Apesar do mal-estar suscitado nos demais participantes, tais acontecimentos fizeram o grupo dar um passo a mais, ao suportar o desafio de conviver com a falta desses jovens. Acreditamos que essa sustentação só foi possível pela presença de uma *transferência de trabalho*¹⁶, que pode operar e tomar lugar dos efeitos imaginários que, apesar de marcarem presença, não prevaleceram. Nesse momento a coordenação foi convocada a fazer algo, mas se absteve a escutar o

¹⁶ A *transferência de trabalho* é uma expressão de Lacan para definir as relações entre pares no cartel, que seria o tipo de grupo desejável para o estudo da psicanálise e a formação do psicanalista na Escola. Ver na *Proposição de 9 de outubro de 1967* e na *Carta de dissolução*, textos contidos no livro de Lacan *Outros Escritos* (2003).

desejo que surgia nas entrelinhas dessa demanda. A partir daí, os adolescentes produziram um saber que lhes permitiram situar-se melhor em relação à apropriação de novos enlaçamentos familiares e sociais.

O grupo foi concluído pouco tempo depois, no vigésimo quinto encontro, planejado para ser uma “despedida diferente” segundo o dizer de um dos participantes, e contou com a presença da maioria dos adolescentes, inclusive, daqueles que já haviam se desligado do grupo.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Maurício. *Adolescência normal*. 3ª Ed. Trad. Suzana M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

AFONSO, L. (Org.) *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. Belo Horizonte: Edições do campo social, LABGRUPO, 2002.

_____. (Org.) *Oficinas em dinâmica de grupo na área da Saúde*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2003.

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1996

_____. *O adolescente e seu pathos*. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002, p. 183-202. Disponível em < www.scielo.br/scielo >. Acesso em 22 jun. 2009.

_____. *O adolescente e o outro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

AMARAL, T. M.; MIRANDA, S. M.; MUCCI, N. E. Apresentação do Setor de Saúde do Adolescente (Unidade Funcional Pediátrica do Hospital das Clínicas / UFMG), 2009.

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BAREMBLITT, Gregório (Org.). *Grupos: teoria e técnica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

BARROS, R. R. *Sobre grupos*. Anais do 4º Encontro Americano – XVI Encontro Internacional do Campo Freudiano: A clínica analítica hoje: o sintoma e o laço social, 2009.

BAUMAN, Z. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Estatuto da criança e do adolescente*. Lei Federal n. 8069/90. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.

BENTO, M. *Grupos terapêuticos em instituição de saúde: a relação entre a intersubjetividade e o intrapsíquico na Psicanálise*. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo.

BION, W. R. *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. 2. ed. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago / São Paulo: Ed. da USP, 1975.

BIRMAN, J. *Mal estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CALLIGARIS, C. *A Adolescência*. São Paulo, Publifolha, 2000.

CORSO, D. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. *Clínica da adolescência*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre; Ano 10, n. 23, p.18-30, dez. 2002.

COTET, S. Estrutura e romance familiar na adolescência. In: RIBEIRO, Heloisa Caldas e POLLO, Vera (Orgs.) *Adolescência: o despertar / Kalimeros*. EPB, Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1996.

CRUZ, T. J. Adolescente, família e o profissional de saúde. *Adolescência & Saúde* (Órgão oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente NESA/UERJ). Rio de Janeiro, v. 4, n.3, jun. 2007.

CURI, T. C. G. B. (Org.) *Entre atos e laços: adolescência e psicanálise*. Belo Horizonte: Edição dos Autores, 2006.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; *Crítica e clínica* (1993). Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DIAS, S. A inquietante estranheza do corpo e o diagnóstico na adolescência. *Revista de Psicologia da USP*. São Paulo, v.11, n.1, 2000, p.119-135. Disponível em < www.scielo.br/scielo >. Acesso em 10 de maio 2009.

Documentos para uma Escola (Parte IV: A função dos cartéis). *Revista da Letra Freudiana: escola, psicanálise e transmissão*. (Circulação interna) Ano 1, nº 0, [s.d.]

DUFOUR, D. R. *A arte de reduzir cabeças: sobre a servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.VII, p.118. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Romances familiares (1909). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IX p. 243. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1980.

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XIII, p.281. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Luto e Melancolia (1917). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v.XIII, p.281. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Bate-se numa criança (1919). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVII. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII p. 79. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. Dois verbetes para enciclopédia (1922). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI p.81. Rio de Janeiro, Imago, 1980.

FIGUEIREDO, A. C. Uma proposta da psicanálise para o trabalho em equipe na atenção psicossocial. *Revista Mental*. Barbacena, v. 3, n. 5, p. 44-55; nov. 2005.

GARCIA, A. O Édipo no tempo do adolescer. In: *Édipo, não tão complexo* / Revista da Escola Letra Freudiana, p. 59-67. V.27, n. 39. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana: 7 Letras, 2008.

GARCIA, A.; SARUÉ, Sofia. A adolescência e o tornar-se desejante. *Direção da cura: psicanálise com criança e adolescente* / Revista da Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro, v.10, n. 9, p. 75-83.

GARCIA, Célio. “Lógica do coletivo” x “psicologia de grupos”, ou cartel contra grupite. *Revista Curinga*, n. 1, p.7-9, dez. 1993.

GIRARDI, L. Jr. *Pierre Bourdieu: questões de sociologia e comunicação*. São Paulo: AnnaBlume: FAPESP, 2007.

GONÇALVES, D. M. F. O tempo lógico e a duração da sessão analítica. *Heterity 7*. Psychoanalytic Revue, s/d.

GRINBERG, L., LANGER, M., e RODRIGUE, E. *Psicoterapia de grupo: enfoque psicanalítico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

GUERRA, A. M. C.; LIMA, N. L. Puberdade e trauma: o crime como laço social precário. In: Anais do XIII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA E SOCIOLOGIA CLÍNICA, Belo Horizonte, 2009.

HOLCK, A. L. R. L.; VIEIRA, M. A. Ação lacaniana e o Digai Maré. *Revista Correio* (EPB), n. 58, 2007.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. 2001.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: < www.ibge.gov.br.> Acesso em 10 out. 2009.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: *Outros escritos*, p.29-90. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada (1945). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar; 1998.

_____. A psiquiatria inglesa e a guerra (1947). In: *Outros escritos*, p.106-126. Rio de Janeiro; Zahar, 2003.

_____. Ato de fundação (1964). In: *Outros Escritos*, p. 235-247. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu (1966). In: *Escritos*, p.96-103. Rio de Janeiro: Zahar; 1998.

_____. Nota sobre a criança (1969) In: *Outros escritos*, p.369-370. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. O aturdido (1973) In: *Outros escritos*, p.449-497. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. Prefácio a O despertar da primavera (1974). In: *Outros escritos*, p.557-559. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *O Seminário*, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-54). Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *O Seminário*, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-64). Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *O Seminário*, livro 22: R.S.I (1974-75). Inédito, lição de 15/04/1975.

LACADÉE, P. *O risco da adolescência*. Estado de Minas, 16 jun. 2007. Caderno Pensar. Belo Horizonte: 2007.

_____. A autoridade da língua. Trad. Kátia Mariás e Márcia Mezêncio. *Revista La Petite Girafe*. Paris: Algalma, n. 23, p. 7-15, 2006.

LAURENT, E. Lo real y el grupo. In: CUCAGNA, A. R. (Org.) *Ecos y matices en psicoanálisis aplicado: clínica de la psicosis, la fobia, el FPS y el pequeño grupo*. Buenos Aires: Grama, 2005.

LESOURD, S. *A construção adolescente no laço social*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LEWIN, K. *Problemas de dinâmica de grupo*. Trad. Miriam Moreira Leite. São Paulo: Cultrix, 1988.

LINO, M. V. A contemporaneidade e seu impacto nas relações familiares. *Revista IGT na Rede*, v.6, n.10, p. 11-13, 2009. Disponível em <www.igt.psc.br/ojs> Acesso em: 22 nov. 2009.

MARTY, F. Adolescência, violência e sociedade. *Ágora: Revista de Psicanálise*. Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.119-31, jan/jun 2006.

MANSANO, S. R. V. *Vida e profissão: cartografando trajetórias*. São Paulo: Summus, 2003.

MEIRA, Y. M. (Org.). *O porão da família; ensaios de psicanálise*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOREIRA, M. I. C. Psicologia da adolescência - Contribuições para um estado da arte. *Interações*. São Paulo, v. 5, nº 10, p. 25-51, Jul./dez. 2000

ORTEGA, P. Adolescência: entre o possível e o impossível. *Íconos: Revista de Ciências Sociais*, p. 66-70, nº 13, março/2002. Facultad Latinoamericana de Ciências Sociales. Quito, Ecuador. Disponível em <redalyc.uaemex.mx> Acesso em 21 nov. 2009.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 7. Ed. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PINTO, J. M. Adolescência: o despertar o sonho da “monossexualidade” infantil. In: CURI, Thereza Christina G. B. (Org.) *Entre atos e laços: adolescência e psicanálise*. Belo Horizonte: Edição dos Autores, p. 26-29, 2006.

RAPPAPORT, C. R. (Coord.) *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993.

RASSIAL, J. J. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

_____. *O adolescente e o psicanalista*. Trad. Lêda M. F. Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RECALCATI, M. *Uma aplicação da psicanálise à clínica do grupo: o homogêneo e o aleatório*. *Mental*, n.10, 2002.

_____. *Clínica del vacío: anorexias, dependências, psicosis*. Trad. M^a Soledad Rodríguez Val. Madrid: Síntesis, 2003.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, Clara R. (Coord.) *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU. 1993, p. 25-57.

_____. Mundo moderno e cena juvenil. In: *Simpósio Internacional do Adolescente*, São Paulo, 2005. Disponível em: <www.proceedings.scielo.br/scielo>. Acesso em: 20 jan. 2010.

Saúde Integral de Adolescentes e Jovens – Orientações para Organização de Serviços de Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.

SIGAL, A. M. Psicanálise, grupos, instituições. *Revista Percurso*. n. 2, 1/1989.

SILVEYRA, M. L. Complexo de irmãos. In: *Édipo, não tão complexo* / Revista da Escola Letra Freudiana, p. 29-38. v. 27, n. 39. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana: 7 Letras, 2008.

SOLLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

TUBERT, S. O enigma da adolescência: enunciação e crise narcisista. In: *A adolescência e a modernidade I*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1999.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia clínico-qualitativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*; 39 (3): p.507-14, 2005.

WAISELFISZ, J. J. Relatório de Desenvolvimento Juvenil 2007. I Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), Instituto Sangari, Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Impresso no Brasil, 2007.

WEINBERG, C. (Org.). *Geração delivery: adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá Editora, 2001.

AUTORES CONSULTADOS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. J. PINHEIRO, L. C., LIMA, F. S. e MATINELLI, C. C. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ABRAMOVAY, M. e CASTRO M. G. (Coords.) *Juventude, juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006.

AFONSO, L. (Org.) *Oficinas em dinâmica de grupo na área da Saúde*. Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2003.

ARAÚJO, A. O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos jovens. Dissertação (mestrado) UFMG. Fac. de Medicina. Belo Horizonte, 2007.

BACKES, C. Patricinha ou largada: as identificações na adolescência. In: *Clínica da adolescência*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Ano X, nº 23, p. 41-47, dez. 2002.

BRUZZI, T. C. In: *Transfinitos – Colóquio: a escrita na psicanálise*. Vol. 2 Adolescência: uma passagem para a escrita. Belo Horizonte: Autêntica / Aleph, 2007.

CARDOSO, M. R. (Org.) *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Nau Editora. Rio de Janeiro, 2001.

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Orgs.) *Adolescência*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex-UFMG, 2002.

CASTRO L. R. *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.

COUTINHO, L. G.; ROCHA, A. P. R. Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. *Revista de Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v.19, n. 2, Dec. 2007. Disponível em < www.scielo.br/scielo >. Acesso em: 14 nov. 2009.

CUCAGNA, A. R. (Org.) *Ecos y matices en psicoanálisis aplicado: clínica de la psicosis, la fobia, el FPS y el pequeño grupo*. 1ª ed. Buenos Aires: Grama ediciones, 2005.

DOLTO, F. *A Causa dos Adolescentes*. Trad. Orlando dos Reis. Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2004.

DRUBSCKY, C. A. *Até que ponto o narcisismo pode ser datado? Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier*. Tese (Doutorado em Psicologia). PUC - Rio. Rio de Janeiro, 2008.

FREDA, H. O adolescente Freudiano. In: RIBEIRO, Heloisa Caldas e POLLO, Vera (Orgs.). *Adolescência: o despertar / Kalimeros*. EPB, Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1996.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HARTMANN, A. Adolescência: retazos de escritura. In: *Adolescência: una ocasión para el psicoanálisis*. Buenos Aires, Miño y D'ávila, 2000.

KEHL, Maria Rita (org.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

LAJONQUIÉRRE. *De Piaget a Freud. A (psico) pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 1992

LEVISK, D. L. *Adolescência: Reflexões Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MAUAS, L. La accion lacaniana em acto. In: CUCAGNA, A. R. (Org.) *Ecos y matices en psicoanálisis aplicado: clínica de la psicosis, la fobia, el FPS y el pequeño grupo*. Buenos Aires: Grama, 2005.

OSORIO, Luis Carlos. *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

PENNA, Lícia M. D. *Psicanálise e Universidade – há transmissão sem clínica?* Belo Horizonte: Autêntica / FUMEC, 2003.

PORGE, E. *Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Campo Matêmico, 1994.

SAITO, M. I. ; SILVA, L. E. V. (Orgs.). *Adolescência: prevenção e risco*. São Paulo: Atheneu, 2001.

SAMSON, F. Os pauzinhos da identificação. In: *Transfinitos – Colóquio: a escrita na psicanálise*. Vol.2. Belo Horizonte: Autêntica / Aleph, 2007.

SPINK, M. J. Contornos do risco na modernidade reflexiva: contribuições da psicologia social. In: *Psicologia e Sociedade*, v. 12, nº1/2, p.156-173, 2000.

TARDITS, A. O Édipo, do complexo ao mito. In: *Édipo, não tão complexo / Revista da Escola Letra Freudiana*, p. 17-28. Ano XXVII, n. 39. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana: 7 Letras, 2008.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. S. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, v. 14, n.2, p. 133-147, Jul./Dez. 2002.

TURATO, E. R. Introdução à metodologia clínico-qualitativa: definição e principais características. In: *Revista Portuguesa de Psicossomática*, v. 2, nº1, p.93-108, jan/jun 2000.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

APÊNDICE A

TEXTO INFORMATIVO SOBRE O ESTUDO:

“O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente”

Pesquisadora: Valéria Santos Brasil – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde / Saúde da Criança e do Adolescente / Setor de Saúde do Adolescente

Orientador: Professor Roberto Assis Ferreira - Departamento de Pediatria / Setor de Saúde do Adolescente

Colaboradora: Márcia Rocha - Psicóloga e aluna da disciplina optativa do Departamento de Pediatria: Medicina do Adolescente

O objetivo principal desta pesquisa será investigar os efeitos de um atendimento em grupo com adolescentes, ao oferecer um espaço coletivo que possibilite a constituição de dispositivos simbólicos, que irão contribuir na construção do processo identificatório da adolescência.

Será formado um grupo de jovens com apoio do Setor de Saúde do Adolescente / Hospital das Clínicas / UFMG, sustentado pela proposta metodológica da pesquisa-ação, utilizando como marcos teóricos a teoria psicanalítica e os fundamentos dos grupos operativos. O grupo será constituído com, no mínimo oito e, no máximo, doze adolescentes, de ambos os sexos, com idades variando, preferencialmente, entre 14 e 18 anos. Esses jovens serão selecionados entre aqueles encaminhados ao Setor de Saúde do Adolescente, pelos demais serviços e setores do Ambulatório Bias Fortes e do Hospital das Clínicas, que prestam atendimento à população jovem.

Serão incluídos no grupo, adolescentes que estejam vivenciando dificuldades psicoemocionais que trazem obstáculos ao percurso da adolescência, independentemente de um diagnóstico clínico. As restrições para a inclusão no grupo se referem aos portadores de deficiência mental moderada, de hiperatividade grave, ou de transtornos psiquiátricos, que dificultem a sua participação em grupo.

Os encontros do grupo acontecerão uma vez por semana, às quartas-feiras, à tarde, de 14 as 16h, na sala 617, do 6º andar do Ambulatório Bias Fortes.

As entrevistas para a composição do grupo já se iniciaram.

Para encaminhamentos e maiores esclarecimentos, entrar em contato com Valéria, pelo telefone: 31. 9979-0475.

Belo Horizonte, março de 2007

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM ADOLESCENTES DO ESTUDO:

“O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente”

I – DADOS GERAIS:

Nome: _____

Idade: _____ Data de nascimento: _____ Sexo: _____

Naturalidade: _____

Residência: _____ Nº _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone residencial: _____ Celular: _____

II – ESCOLARIDADE:

Escola: _____

Série: _____ Grau: _____ Turno: _____

Pessoa de referência na escola: _____

III – DADOS FAMILIARES:

Nome do pai: _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Nome da mãe: _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Nome / Idade de irmãos: _____

Quem mora na casa do adolescente: _____

Quem contribui na renda familiar: _____

IV – QUAL O INTERESSE / DEMANDA EM PARTICIPAR DO GRUPO? (da família / do adolescente / da escola)

V – MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO / PROFISSIONAL RESPONSÁVEL:

VI – SITUAÇÃO DE SAÚDE: (tratamentos realizados e em curso / Instituição)

VII – HISTÓRIA / DINÂMICA FAMILIAR (hábitos cotidianos / responsabilidades domésticas)

VIII – SITUAÇÃO ESCOLAR: (desempenho escolar / relacionamento c/colegas e professores)

IX – RELACIONAMENTOS SOCIAIS (amizades / relacionamentos afetivos)

X– ATIVIDADES DE LAZER (lugares frequentados / atividades preferidas / grupos sociais / prática religiosa / prática de esportes)

XI – VOCÊ TEM (OU JÁ TEVE) ALGUMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO?

XII – OUTRAS OBSERVAÇÕES:

Entrevistador: _____

Data: _____

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS E/OU RESPONSÁVEIS PELOS PARTICIPANTES DO ESTUDO:

“O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente”

Prezados pais ou responsáveis,

Obrigada pelo interesse nesta pesquisa. O objetivo deste estudo é avaliar as contribuições de um atendimento em grupo com adolescentes, no sentido de possibilitar uma passagem mais saudável pelo processo da adolescência. Os resultados deste estudo poderão ajudar pesquisadores e profissionais que trabalham com adolescentes, no desenvolvimento de estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa faixa etária, que se encontra em posição de risco na sociedade atual.

Procedimentos

Todo jovem que participar deste estudo será encaminhado por algum profissional ligado ao Setor de Saúde do Adolescente, localizado no 6º andar do Ambulatório Bias Fortes do Hospital das Clínicas (UFMG), que se situa na região central de Belo Horizonte.

Inicialmente será realizada uma entrevista individual com o adolescente, quando serão coletados seus dados e esclarecida a proposta de trabalho. Posteriormente, será constituído um grupo com, no mínimo oito e, no máximo, doze adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 14 a 18 anos, que irá reunir-se uma vez na semana, durante aproximadamente 1h e 30min. O grupo será organizado de acordo com o horário disponível dos participantes, respeitando-se o turno escolar.

Quanto ao funcionamento do grupo, utilizaremos de dinâmicas verbais e atividades para facilitar a interação do grupo e a discussão sobre a adolescência. A variedade dos temas propostos será decorrente do envolvimento dos adolescentes, gerando um funcionamento bastante dinâmico. Está prevista uma média de 24 encontros por um período máximo de 12 meses. Para participar deste estudo, o adolescente deverá ter uma frequência mínima de 60% de comparecimento aos encontros do grupo.

Os encontros do grupo acontecerão na sala 617 do 6º andar do Ambulatório Bias Fortes do Hospital das Clínicas (UFMG), em datas e horários a serem combinados e marcados com antecedência. Após a finalização dos encontros do grupo, o jovem será entrevistado novamente, como no início do estudo. Essa entrevista pretende avaliar os avanços alcançados por cada participante e pelo grupo.

Riscos

Há um pequeno risco de que algumas situações conflituosas possam ser acentuadas, durante o tempo de frequência ao grupo, uma vez que o período da adolescência é caracterizado por uma vulnerabilidade decorrente da complexidade das relações afetivas, familiares e sociais. Entretanto, esse risco poderá ser tornar mínimo, desde que vocês e seu (sua) filho (a) estejam orientados sobre importância de lidar com esses conflitos mais prontamente. Há ainda a possibilidade de ser oferecido ao (à) seu (sua) filho (a) um suporte de tratamento, por meio de atendimentos clínicos especializados, quando houver indicação.

Benefícios

Os jovens participantes do grupo poderão ser diretamente beneficiados ao se incluir neste estudo, pois nossa experiência indica que a participação em um grupo de adolescentes representa a possibilidade de convivência com outros jovens que vivenciam o processo de adolecer, oferecendo não só o apoio necessário para fazer essa transição, mas, sobretudo, a perspectiva de avançar na construção do processo identificatório, tão importante nesse momento. Se esses resultados forem alcançados, outros adolescentes também poderão ser beneficiados, pois os profissionais que atendem esses jovens poderão utilizar as informações desse estudo para criar estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa população.

Confidenciabilidade dos dados

Para garantir que as informações deste estudo sejam confidenciais, o adolescente receberá um codinome de identificação ao entrar no estudo, e seu nome não será revelado em nenhuma situação. Se a informação originada deste estudo for publicada em revista ou evento científico, o adolescente não será identificado, pois será sempre representado por um codinome.

Recusa ou abandono

A participação de seu (sua) filho (a) neste estudo é inteiramente voluntária, e você (s) é (são) livre (s) para concordar ou não com a sua participação. Caso desejado, o jovem poderá abandonar o estudo a qualquer momento. Depois de ter lido as informações acima, se for de sua vontade permitir que seu (sua) filho (a) participe, por favor, preencha o consentimento abaixo.

Consentimento

Declaro que li e entendi as informações contidas acima. Todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e recebi uma cópia desse formulário de consentimento. Dou minha permissão para que meu (minha) filho (a) participe deste estudo.

Assinatura do (s) pai (s) ou responsáveis

Testemunha

Pesquisador responsável

Belo Horizonte, / / 2007

Coordenadores do Projeto:

- Profª Valéria Santos Brasil – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde / Saúde da Criança e do Adolescente do Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31) 3409-4790.
- Prof. Roberto Assis Ferreira – Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31) 3409-9772.

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG): Avenida Antônio Carlos, 6627.
Bairro Pampulha, CEP: 31270-901. Belo Horizonte, MG.
Prédio Unidade Administrativa II (2º andar). Telefone: (31) 3409-4592.

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PARTICIPANTES DO ESTUDO:

“O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente”

Prezado participante,

Obrigada pelo interesse nesta pesquisa. O objetivo deste estudo é avaliar as contribuições de um atendimento em grupo com adolescentes, no sentido de possibilitar uma passagem mais saudável pelo processo da adolescência. Os resultados deste estudo poderão ajudar pesquisadores e profissionais que trabalham com adolescentes, no desenvolvimento de estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa faixa etária, que se encontra em posição de risco na sociedade atual.

Procedimentos

Para participar deste estudo você deverá ser encaminhado por algum profissional ligado ao Setor de Saúde do Adolescente, localizado no 6º andar do Ambulatório Bias Fortes, do Hospital das Clínicas (UFMG), que se situa na região central de Belo Horizonte.

Inicialmente será realizada uma entrevista individual, quando serão colhidos seus dados e esclarecido a proposta de trabalho em grupo. Posteriormente, será constituído um grupo com, no mínimo oito e, no máximo, doze adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 14 a 18 anos, que irá reunir-se uma vez na semana, durante aproximadamente 1h e 30min. O grupo será organizado de acordo com o horário disponível dos participantes, respeitando-se o turno escolar.

Quanto ao funcionamento do grupo, utilizaremos de dinâmicas verbais e atividades para facilitar a interação do grupo e a discussão sobre a adolescência. A variedade dos temas propostos será decorrente do envolvimento dos adolescentes, gerando um funcionamento bastante dinâmico. Está prevista uma média de 24 encontros por um período máximo de 12 meses. Para efetivar sua participação deste estudo, você deverá ter uma frequência mínima de 60% de comparecimento aos encontros do grupo.

Os encontros do grupo acontecerão na sala 617 do 6º andar do Ambulatório Bias Fortes do Hospital das Clínicas (UFMG), em datas e horários a serem combinados e marcados com antecedência. Após a finalização dos encontros do grupo, você será entrevistado novamente, como no início do estudo. Essa entrevista pretende avaliar os avanços alcançados por cada participante e pelo grupo.

Riscos

Há um pequeno risco de que algumas situações conflituosas possam ser acentuadas, durante o tempo de sua frequência ao grupo, uma vez que, o período da adolescência é caracterizado por uma vulnerabilidade decorrente da complexidade das relações afetivas, familiares e sociais. Entretanto, esse risco poderá ser tornar mínimo, desde que você e sua família estejam orientados sobre importância de lidar com esses conflitos mais prontamente. Há ainda a possibilidade de ser oferecido a você um suporte de tratamento, por meio de atendimentos clínicos especializados, quando houver indicação.

Benefícios

Você poderá ser diretamente beneficiado ao se incluir neste estudo, pois nossa experiência indica que a participação em um grupo de adolescentes representa a possibilidade de convivência com outros jovens que vivenciam o processo de adolecer, oferecendo não só o apoio necessário para fazer essa transição, mas, sobretudo, a perspectiva de avançar na construção do processo identificatório, tão importante nesse momento. Se esses resultados forem alcançados, outros adolescentes também poderão ser beneficiados, pois os profissionais que atendem esses jovens poderão utilizar as informações deste estudo para criar estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa faixa etária.

Confidenciabilidade dos dados

Para garantir que as informações deste estudo sejam confidenciais, você receberá um codinome de identificação ao entrar no estudo e seu nome não será revelado em nenhuma situação. Se a informação originada desse estudo for publicada em revista ou evento científico, você não será identificado, pois será sempre representado por um codinome.

Recusa ou abandono

Sua participação nesse estudo é voluntária, e você é livre para concordar ou não em participar. Você poderá ainda abandonar o estudo a qualquer momento que desejar. Depois de ter lido as informações acima, se for de sua vontade participar assine abaixo.

Consentimento

Li e entendi as informações, minhas dúvidas foram esclarecidas e recebi uma cópia desse formulário de consentimento. Aceito participar deste estudo.

Assinatura do participante

Testemunha

Pesquisador responsável

Belo Horizonte, ____/ ____/ 2006

Coordenadores do Projeto:

- Profª Valéria Santos Brasil – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde / Saúde da Criança e do Adolescente do Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31)3409-4790.
- Prof. Roberto Assis Ferreira – Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31)3409-9772.

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG): Avenida Antônio Carlos, 6627.

Bairro Pampulha, CEP: 31270-901. Belo Horizonte, MG.

Prédio Unidade Administrativa II (2º andar). Telefone: (31) 3409-4592.

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO DO SETOR DE SAÚDE DO ADOLESCENTE PARA O ESTUDO:

“O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente”

Prezada Diretora da Comissão Coordenadora do Setor de Saúde do Adolescente,

Obrigada pelo interesse de apoiar este estudo que se refere à pesquisa de tese de doutorado dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde / Saúde da Criança e do Adolescente, especificamente voltado ao campo da adolescência.

A constituição de um grupo de adolescentes no espaço ambulatorial para ser objeto desta pesquisa será sustentada pela proposta metodológica qualitativa da pesquisa-ação. A proposta deste estudo é avaliar as contribuições de um atendimento em grupo com adolescentes, no sentido de facilitar a construção do processo identificatório da adolescência. Tal projeto buscará examinar, a partir da experiência grupal, as circunstâncias que contribuem para a travessia da adolescência, incentivando a procura de saídas criativas para os impasses gerados pelo apelo pubertário e social. Propiciará ainda a discussão de temas correlatos à construção do processo identificatório da adolescência, tais como sexualidade, relacionamento familiar, escolha profissional, enfrentamento da lei e atos transgressores.

Os resultados deste estudo poderão ajudar pesquisadores e profissionais que trabalham com adolescentes, no desenvolvimento de estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa faixa etária, que se encontra em posição de risco na sociedade atual.

Procedimentos

Os adolescentes convidados a participar deste grupo de pesquisa serão selecionados entre aqueles encaminhados por profissionais de diversas clínicas do Ambulatório Bias Fortes ao Setor de Saúde do Adolescente, desde que seja percebido que os mesmos apresentem dificuldades *psicoemocionais*, que estejam obstaculizando o percurso do processo identificatório, próprio da adolescência. As restrições para a inclusão se referem aos portadores de deficiência mental moderada, de hiperatividade grave, ou de outros transtornos psiquiátricos, que dificultem a participação dos mesmos em grupo.

Inicialmente será realizada uma entrevista individual, quando faremos uma coleta de dados e será esclarecida a proposta de trabalho em grupo. Posteriormente, será constituído um grupo com, no mínimo oito e, no máximo, doze adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 14 a 18 anos, que irá reunir-se uma vez na semana, durante aproximadamente 1h e 30min. O grupo será organizado de acordo com o horário disponível dos participantes, respeitando-se o turno escolar.

Quanto ao funcionamento do grupo, utilizaremos de dinâmicas verbais e atividades para facilitar a interação do grupo e a discussão sobre a adolescência. A variedade dos temas propostos será decorrente do envolvimento dos adolescentes, gerando um funcionamento bastante dinâmico. Está previsto uma média de 24 encontros, por um período máximo de 12 meses. Para efetivar a participação nesse estudo, o adolescente deverá ter uma frequência mínima de 60% de comparecimento aos encontros do grupo. Tanto as entrevistas quanto os encontros do grupo acontecerão no 6º andar do Ambulatório Bias Fortes, local onde já são realizadas as atividades de grupo do Setor de Saúde do Adolescente; em datas e horários a serem combinados e marcados com antecedência.

Riscos

Há um pequeno risco de que algumas situações conflituosas possam ser acentuadas durante o tempo de frequência ao grupo, uma vez que o período da adolescência é caracterizado por uma vulnerabilidade decorrente da complexidade das relações afetivas, familiares e sociais. Entretanto, esse risco poderá ser minimizado, desde que o jovem e sua família estejam orientados sobre importância de lidar com esses conflitos mais prontamente. Há ainda a possibilidade de ser oferecido um suporte de tratamento, por meio de atendimentos clínicos especializados, quando houver indicação.

Benefícios

O adolescente poderá ser diretamente beneficiado ao se incluir neste estudo, pois nossa experiência indica que a participação em um grupo de adolescentes representa a possibilidade de convivência com outros jovens que vivenciam o processo de adolescer, oferecendo não só o apoio necessário para fazer essa transição, mas, sobretudo, a perspectiva de avançar na construção do processo identificatório, crucial nesse momento. Se esses resultados forem alcançados, outros adolescentes também poderão ser beneficiados, pois os profissionais que atendem esses jovens poderão utilizar as informações deste estudo para criar estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa população.

Confidenciabilidade dos dados

Para garantir que as informações deste estudo sejam confidenciais, cada jovem receberá um codinome de identificação e sua identidade não será revelada em nenhuma situação. Se a informação originada deste estudo for publicada em revista ou evento científico, o adolescente não será identificado, pois será sempre representado por um codinome.

Consentimento

A parceria do Setor de Saúde do Adolescente com o projeto de pesquisa: “O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente” é de grande relevância para o avanço de estudos relativos à promoção e cuidado à saúde dessa população, que se encontra em posição de risco na sociedade atual.

Sou, portanto, favorável à participação do referido Setor neste estudo.

Diretora da Comissão Coordenadora do Setor de Saúde do Adolescente

Dra. Solange de Melo Miranda

Pesquisadora responsável

Belo Horizonte, 12 de dezembro de 2006

Coordenadores do Projeto:

- Prof. Roberto Assis Ferreira – Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31) 3248-9772
- Profª. Valéria Santos Brasil – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde / Saúde da Criança e do Adolescente do Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31) 3499-4790

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG): Avenida Antônio Carlos, 6627.
Bairro Pampulha, CEP: 31270-901. Belo Horizonte, MG.
Prédio Unidade Administrativa II (2º andar), Telefone: (31) 3499-4592

APÊNDICE F

TERMO DE CONSENTIMENTO DO AMBULATÓRIO BIAS FORTES PARA O ESTUDO:

“O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente”

Prezada Gerente da Unidade Funcional Bias fortes – Borges da Costa / Hospital das Clínicas:

Obrigada pelo interesse de apoiar este estudo que se refere à pesquisa de tese de doutorado dentro do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde / Saúde da Criança e do Adolescente, especificamente voltado ao campo da adolescência.

A constituição de um grupo de adolescentes no espaço ambulatorial para ser objeto desta pesquisa será sustentada pela proposta metodológica qualitativa da pesquisa-ação. A proposta deste estudo é avaliar as contribuições de um atendimento em grupo com adolescentes, no sentido de facilitar a construção do processo identificatório da adolescência. Tal projeto buscará examinar, a partir da experiência grupal, as circunstâncias que contribuem para a travessia da adolescência, incentivando a procura de saídas criativas para os impasses gerados pelo apelo pubertário e social. Propiciará ainda a discussão de temas correlatos à construção do processo identificatório da adolescência, tais como sexualidade, relacionamento familiar, escolha profissional, enfrentamento da lei e atos transgressores.

Os resultados deste estudo poderão ajudar pesquisadores e profissionais que trabalham com adolescentes, no desenvolvimento de estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa faixa etária, que se encontra em posição de risco na sociedade atual.

Procedimentos

Os adolescentes convidados a participar deste grupo de pesquisa serão selecionados entre aqueles encaminhados por profissionais de diversas clínicas do Ambulatório Bias Fortes ao Setor de Saúde do Adolescente, desde que seja percebido que os mesmos apresentem dificuldades *psicoemocionais*, que estejam obstaculizando o percurso do processo identificatório, próprio da adolescência.

Inicialmente será realizada uma entrevista individual, quando faremos uma coleta de dados e será esclarecida a proposta de trabalho em grupo. Posteriormente, será constituído um grupo com, no mínimo, oito e, no máximo, doze adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 14 a 18 anos, que irá reunir-se uma vez na semana, durante aproximadamente 1h e 30min. O grupo será organizado de acordo com o horário disponível dos participantes, respeitando-se o turno escolar.

Está prevista uma média de 24 encontros, por um período máximo de 12 meses. Tanto as entrevistas quanto os encontros do grupo acontecerão no 6º andar do Ambulatório Bias Fortes, local onde já são realizadas as atividades de grupo do Setor de Saúde do Adolescente; em datas e horários a serem combinados e marcados com antecedência.

Quanto aos recursos necessários para o desenvolvimento das atividades com o grupo de adolescentes, os mesmos serão fornecidos pelo Setor de Saúde do Adolescente / HC, de acordo com sua disponibilidade; ou ainda pelo pesquisador. Trata-se, em sua maioria, de material de rotina já utilizado por esse Setor nos atendimentos em grupo, para desenvolver atividades de desenho, pintura, colagem, reciclagem e jogos.

Riscos Há um pequeno risco de que algumas situações conflituosas possam ser acentuadas, durante o tempo de frequência ao grupo, uma vez que, o período da adolescência é caracterizado por uma vulnerabilidade decorrente da complexidade das

relações afetivas, familiares e sociais. Entretanto, esse risco poderá ser minimizado, desde que o jovem e sua família estejam orientados sobre importância de lidar com esses conflitos mais prontamente. Há ainda a possibilidade de ser oferecido um suporte de tratamento, por meio de atendimentos clínicos especializados, quando houver indicação.

Benefícios O adolescente poderá ser diretamente beneficiado ao se incluir neste estudo, pois nossa experiência indica que a participação em um grupo de adolescentes representa a possibilidade de convivência com outros jovens que vivenciam o processo de adolescer, oferecendo não só o apoio necessário para fazer essa transição, mas, sobretudo, a perspectiva de avançar na construção do processo identificatório, crucial nesse momento. Se esses resultados forem alcançados, outros adolescentes também poderão ser beneficiados, pois os profissionais que atendem esses jovens poderão utilizar as informações deste estudo para criar estratégias de promoção e cuidado à saúde dessa faixa etária.

Confidenciabilidade dos dados Para garantir que as informações deste estudo sejam confidenciais, cada jovem receberá um codinome de identificação e sua identidade não será revelado em nenhuma situação. Se a informação originada deste estudo for publicada em revista ou evento científico, o adolescente não será identificado, pois será sempre representado por um codinome.

Consentimento A parceria do Ambulatório Bias Fortes com o projeto de pesquisa: “O trabalho com grupo de adolescentes no contexto ambulatorial: a construção de um espaço de circulação, acolhimento e elaboração da palavra do adolescente” é de grande relevância para o avanço de estudos relativos à promoção e cuidado à saúde dessa população, que se encontra em posição de risco na sociedade atual.

Sou, portanto, favorável à participação do referida instituição neste estudo.

Sra. Aparecida Kênia Bizinotto Thomaz

Gerente da U.F. Bias – Borges da Costa / Hospital das Clínicas

Pesquisadora responsável

Belo Horizonte, 12 de dezembro de 2006.

Coordenadores do Projeto:

- Prof. Roberto Assis Ferreira – Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31) 3409-9772
- Prof^a. Valéria Santos Brasil – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde / Saúde da Criança e do Adolescente do Departamento de Pediatria / Faculdade de Medicina (UFMG). Telefone: (31) 3409-4790

Comitê de Ética em Pesquisa (COEP/UFMG): Avenida Antônio Carlos, 6627
Bairro Pampulha, CEP: 31270-901. Belo Horizonte, MG
Prédio Unidade Administrativa II (2º andar), Telefone: (31) 3409-4592

APÊNDICE G

Questionário de avaliação parcial do Grupo de Adolescentes

1. Você está satisfeito por fazer parte deste grupo?

- () Muito satisfeito
 () Razoavelmente satisfeito
 () Pouco satisfeito
 () Nada satisfeito
 () Outro comentário _____

2. Você está satisfeito com a sua participação neste grupo?

- () Muito satisfeito
 () Razoavelmente satisfeito
 () Pouco satisfeito
 () Nada satisfeito
 () Outro comentário _____

3. O grupo tem contribuído para fazer você refletir sobre seu momento de vida atual?

- () Muito
 () Razoavelmente
 () Pouco
 () Nada
 () Outro comentário _____

4. Você tem alguma dificuldade para participar deste grupo?

- () sim _____
 () não
 () estou em dúvida _____

5. Depois que começou a frequentar o grupo, você notou alguma mudança no seu jeito de pensar sobre?

- | | | |
|-----------------------------|----------------|---------|
| A escola | () sim: _____ | () não |
| Os amigos | () sim: _____ | () não |
| A família | () sim: _____ | () não |
| Os relacionamentos afetivos | () sim: _____ | () não |

6. Depois que começou a frequentar o grupo, você notou alguma mudança no seu comportamento?

Na escola () sim: _____ () não

Com amigos () sim: _____ () não

Na família () sim: _____ () não

Nos relacionamentos afetivos () sim: _____ () não

7. Sua família comentou sobre alguma mudança ocorrida com você, depois que começou a frequentar o grupo?

() sim: _____ () não

7.1. E quanto aos seus amigos?

() sim: _____ () não

8. Quais dos temas discutidos até hoje mais lhe interessaram? Citar no máximo três.

() Escola

() Relacionamento familiar

() futuro profissional

() relacionamentos afetivos (namoro, ficar)

() sexualidade

() situações de risco e drogas

() Outro: citar _____

9. Quais dos temas acima discutidos você gostaria de aprofundar mais nos próximos encontros? Citar no máximo três

10. Você tem sugestões de outros temas para serem discutidos nos próximos encontros?

Análise dos resultados do “Questionário de avaliação parcial do Grupo de Adolescentes”

Conforme já havíamos proposto anteriormente ao grupo, este questionário foi respondido após a finalização do décimo sétimo encontro, que aconteceu no dia doze de dezembro. Inicialmente foi feita a leitura das perguntas, seguida de alguns esclarecimentos demandados pelos participantes. Todos os cinco adolescentes presentes se dispuseram responder, sem necessidade de identificação. Os demais três participantes do grupo responderam a esse questionário em encontros individuais, agendados posteriormente.

Tal questionário foi composto de dez perguntas, as oito primeiras fechadas (embora houvesse espaço para comentários e/ou justificativas), e as duas últimas abertas. Sua estrutura foi planejada considerando três eixos temáticos. O primeiro estava relacionado ao modo de participação de cada um no grupo (questões 1,2 e 4), o segundo se referia às possibilidades de reflexão e mudanças proporcionadas pela participação no grupo (questões 3,5,6 e 7) e o último fazia menção ao temas discutidos no grupo que despertaram maior interesse (questões 8,9 e 10).

Iniciamos o *primeiro eixo* com duas perguntas, respectivamente: “Você está satisfeito por fazer parte deste grupo?” e “Você está satisfeito com a sua participação neste grupo?” Todos os adolescentes assinalaram que estavam “muito satisfeitos”, possibilitando inferir que a experiência de pertencer ao grupo estava sendo bastante satisfatória e que o envolvimento no grupo foi muito bom. Com relação à quarta pergunta: “Você tem alguma dificuldade para participar deste grupo?”, todos eles afirmaram que “não”. Essa resposta indicava que o espaço de participação estava franqueado a todos, independentemente da maneira com que cada um se inseria nele.

O *segundo eixo* se guiava pela proposta de detectar os efeitos e as possíveis contribuições que a participação no grupo propiciava aos adolescentes. Na terceira pergunta investigamos se: “O grupo tem contribuído para fazer você refletir sobre seu momento de vida atual”? Seis deles responderam “muito” e dois “razoavelmente”. Podemos considerar que, para a maioria, foi bastante efetiva a contribuição do grupo, no sentido de possibilitar pensar sobre as circunstâncias de sua vida atual.

As duas perguntas seguintes tiveram o objetivo de detectar quais as áreas do convívio dos adolescentes que ficaram mais sensibilizadas à reflexão e às prováveis mudanças de comportamento. Na quinta pergunta, “Depois que começou a frequentar o grupo, você notou alguma mudança no seu jeito de pensar sobre a escola, os amigos, a família e os relacionamentos afetivos?” Uma pessoa não respondeu a essa questão.

A *família* recebeu o maior índice de respostas positivas, de seis em sete adolescentes. Foram registrados os seguintes comentários: “Comecei a escutar mais; percebi que existem muitos problemas, mas estes podem ser resolvidos; mudando a convivência; procurando conversar mais”. Somente um adolescente respondeu que “não” foi possível perceber transformações na sua percepção de família. De fato, essa temática foi privilegiada nas discussões do grupo, produzindo reflexões importantes sobre o posicionamento desses jovens no relacionamento familiar.

Em seguida apareceram as mudanças relacionadas aos *amigos*, com quatro respostas afirmativas, e as justificativas foram: “são pessoas que se preocupam mais com você; estou prendendo a respeitá-los; como posso relacionar melhor com eles”. As outras três respostas foram negativas. Vale lembrar que a demanda inicial comum a todos os adolescentes se referia ao desejo de conhecer pessoas diferentes, fazer novos amigos e conversar sobre assuntos da adolescência. Já a *escola* recebeu o maior número de respostas negativas, cinco em sete, ou seja, as

discussões em torno desse tema no grupo não provocaram mudanças significativas na maneira de pensar sobre o espaço escolar.

Na sexta questão perguntamos, “Depois que começou a freqüentar o grupo, você notou alguma mudança no seu comportamento: na escola; com os amigos, na família, nos relacionamentos afetivos? Novamente, uma pessoa não respondeu a essa questão.

O convívio *com os amigos* recebeu o maior número de respostas positivas, cinco em sete adolescentes afirmaram que houve mudanças no comportamento entre eles e os amigos, expressas assim: “aproveito mais a companhia deles; melhorou a convivência”. Quatro pessoas afirmaram que a participação no grupo provocou mudanças no comportamento junto à família, justificadas com os comentários: “estou me relacionando mais; estou ensinando e aprendendo; tive um amadurecimento na minha maneira de ‘ver’ a minha família”. Tanto com relação a possíveis mudanças de comportamento *na escola* quanto *nos relacionamentos afetivos*, quatro adolescentes responderam que não observaram alterações e três foram afirmativos.

Quando comparamos as respostas dadas à 5ª e à 6ª perguntas, podemos reconhecer que o grupo construiu um espaço de escuta e compartilhamento das questões trazidas pelos adolescentes, independentemente da diversidade de posições encontradas, e tal abertura propiciou maior reflexão sobre as possibilidades de ação.

A 7ª questão foi dividida em duas partes; na primeira foi perguntado, “Sua família comentou sobre alguma mudança ocorrida com você, depois que começou a freqüentar o grupo?”, e na segunda parte: “E quanto aos seus amigos,... (idem)”. Dois adolescentes não responderam essa questão.

Quanto à primeira parte, das seis respostas obtidas, três respostas foram negativas e três positivas; acompanhadas dos seguintes comentários: “aprendi a escutar mais as pessoas”, “deixei de ser um pouco vergonhosa” e “falaram que (o grupo) é bom para mim”. Encontramos aqui uma aparente contradição entre a maneira como o adolescente se pensa e se comporta em família e a expectativa familiar com relação à convivência com esse jovem. É frequente depararmo-nos com desencontros e conflitos, a partir de demandas familiares não correspondidas, uma vez que também cabe aos pais a tarefa de distanciar-se do filho e do ideal que ele sustentava.

Com relação à segunda parte, recebemos quatro respostas negativas e duas positivas, justificadas assim: “eles falaram que eu estou mais atuante quando vou apresentar trabalho” e “Eles acharam bom eu estar participando”. Não sabemos dizer até que ponto eles haviam comentado sobre a participação no grupo com seus amigos.

O *terceiro eixo* buscava destacar entre os temas discutidos durante os encontros do grupo, aqueles que mais atraíam a atenção dos adolescentes. Na 8ª questão, foi perguntado, “Quais dos temas discutidos até hoje mais lhe interessaram? Os temas que despertaram maior interesse do grupo foram: “relacionamento familiar” e “futuro profissional”, que alcançaram seis menções cada um, num total de 24 respostas. Em seguida, “situações de risco e drogas” obteve cinco citações e “relacionamentos afetivos” recebeu três. Os demais temas: “sexualidade” e “escola” obtiveram duas menções cada um. Todos deram sua opinião.

Quando indagamos na 9ª questão: “Quais dos temas acima discutidos você gostaria de aprofundar mais nos próximos encontros?”, novamente o “relacionamento familiar” foi o mais mencionado, com quatro referências num total de onze respostas, seguido pelo “futuro profissional”, com duas respostas. As demais opções: “situações de risco e drogas”, “relacionamentos afetivos”, “sexualidade”, “amizade” e “todos se possível”, obtiveram uma citação. Não foi mencionado o tema “escola” e duas pessoas não responderam. Fica, mais uma vez, confirmada que a discussão

em torno dos relacionamentos familiares obteve um destaque privilegiado no grupo, servindo de guia para os demais temas, que ganharam expressão a partir daí. Na seqüência aparece o “futuro profissional”, como um horizonte a se alargar para esses adolescentes, indicando, desde já, o que virá ser a prioridade do grupo no retorno dos encontros.

Na última pergunta (10ª) indagamos: “Você tem sugestões de outros temas para serem discutidos nos próximos encontros?” Somente três adolescentes registraram suas opiniões: “Amizades, modo de vida”; “Música” e “Arte, atividades esportivas”. Um deles respondeu que: “qualquer um está bom”, enquanto outro escreveu que “não tinha sugestão”. Três pessoas não responderam. Foram poucas as propostas, sugerindo que o conteúdo dos temas em si não é tão relevante quanto à maneira com que eles são abordados, ao permitir uma flexibilidade e abertura dos mesmos.

APÊNDICE H

Questionário de avaliação final do Grupo de Adolescentes

1. Você gostou de participar desse grupo?

- () Sim, muito
 () Sim, razoavelmente
 () Sim, pouco
 () Não

Comente sua escolha _____

2. Você considera que seu envolvimento com o grupo foi:

- () Muito bom
 () Razoável
 () Ruim
 () Não me envolvi

Comente sua escolha _____

3. O grupo contribuiu para que você refletisse sobre seu momento de vida atual?

- () Muito
 () Razoavelmente
 () Pouco
 () Nada

Comente sua escolha _____

4. Em determinado(s) momento(s), você sentiu alguma dificuldade em participar desse grupo?

- () sim () não () não sei

Comente sua escolha _____

5. Ao final do grupo, você percebeu alguma mudança no seu jeito de pensar sobre?

Sua escola () sim, qual? _____ () não () não sei

Seus amigos () sim, qual? _____ () não () não sei

Sua família () sim, qual? _____ () não () não sei

Sua convivência social () sim, qual? _____ () não () não sei

Seus relacionamentos afetivos () sim, qual? _____ () não () não sei

6. Ao final do grupo, você percebeu alguma mudança no seu jeito de agir?

Na sua escola () sim, qual? _____ () não () não sei

Com seus amigos () sim, qual? _____ () não () não sei

Na sua família () sim, qual? _____ () não () não sei

Na sua convivência social () sim, qual? _____ () não () não sei

Nos seus relacionamentos afetivos () sim, qual? _____ () não () não sei

7. Ao final do grupo, sua família percebeu alguma mudança em você?

() sim () não () não sei

Quem? _____ O quê? _____

7. 1. E seus amigos ou colegas perceberam alguma mudança em você?

() sim () não () não sei

Quem? _____ O quê? _____

8. Quais temas discutidos mais interessaram a você? Escolher no máximo três.

() Vida escolar

() Relacionamento familiar

() Escolha profissional

() Relacionamentos afetivos (namoro, ficar)

() Sexualidade

() Violência

() Uso de drogas

() Trabalho

() Convivência social

() Lazer

() Outros: citar _____

9. O que você gostaria de comentar sobre o trabalho das coordenadoras do grupo?

10. O que você acha que foi mais importante nesta experiência de conviver com esse grupo?

Análise dos resultados do “Questionário de avaliação final do Grupo de Adolescentes”

Ao término dos encontros do grupo, acontecido em 16 de abril de 2008, convidamos os adolescentes para comparecer a uma entrevista individual. Essas entrevistas foram realizadas por um dos coordenadores do grupo, de forma aberta, priorizando escutar as contribuições e os efeitos que a participação no grupo pôde trazer aos adolescentes. Ao final dessas entrevistas, eles se dispuseram a responder ao questionário do APÊNDICE H, que continha a mesma estrutura daquele da *Avaliação Parcial* realizada anteriormente, com algumas adequações, considerando sua aplicação após a conclusão do grupo. Seis dos oito participantes do grupo responderam a esse questionário.

Em relação aos três eixos temáticos já mencionados anteriormente, recordamos que o primeiro se refere ao modo de envolvimento de cada um no grupo (questões 1,2 e 4) e, o segundo, às possibilidades de reflexão e mudanças proporcionadas pela participação no grupo (questões 3,5,6 e 7). Já no terceiro eixo (questões 8,9 e 10), somente a oitava pergunta faz menção aos temas de interesse discutidos pelo grupo, pois as duas seguintes foram questões abertas, sobre o trabalho das coordenadoras do grupo e sobre a experiência de convivência no grupo.

O *primeiro eixo* correspondia à qualidade da participação dos adolescentes no grupo. A primeira pergunta: “Você gostou de participar deste grupo?” obteve a resposta: “sim, muito” de todos os adolescentes. Os comentários registrados foram os seguintes: “[...] tinha pessoas legais”; “[...] aprendi a conversar melhor”; “[...] aprendi a escutar mais o que as pessoas têm a te falar”; “[...] acho que melhorei um pouco”; “[...] conheci pessoas diferentes, pude discutir questões sobre a fase que estou vivendo que é a adolescência, e compartilhar essas questões de forma muito ‘gostosa’”.

A segunda pergunta: “Você considera que seu envolvimento com o grupo foi?” também obteve unanimidade na resposta: “sim, muito bom”. As justificativas mencionadas foram: “[...] aprendi a fazer amizade”; “[...] participei bastante das conversas”; “[...] me envolvi na história de cada um do grupo”; “[...] fiz amizades com todos, e agora consigo falar em grupo”; “[...] todos que participaram do grupo são muito legais... fiz novas amizades”.

Na quarta questão foi perguntado se, “Em determinado(s) momento(s), você sentiu alguma dificuldade em participar deste grupo?” e todos eles afirmaram que “não”. Os comentários registrados foram: “[...] não tive, pois falei o que pensava, aceitei e gostei de opiniões dadas, para como eu poderia melhorar algumas coisas que estavam acontecendo em minha vida” e “[...] gostei de todos os encontros que tivemos, foram muitos legais”.

Todos os participantes reafirmaram, como na avaliação parcial, que a experiência de pertencer ao grupo foi muito gratificante, apontando que tinha acontecido um aprendizado, que pôde ser compartilhado *de forma muito gostosa*. Este foi um ganho importante, uma vez que pode ter sido um efeito da condução do grupo que sustentou a liberdade de expressão e o espaço singular de cada um. Outro aspecto relevante foi constatar a efetivação de novos laços de amizade, uma expectativa presente desde as entrevistas iniciais, destacada por todos os adolescentes.

O *segundo eixo* buscava reconhecer as possíveis contribuições e efeitos da participação dos adolescentes no grupo. A terceira pergunta, “O grupo contribuiu para que você refletisse sobre seu momento de vida atual?”, obteve a resposta “muito” de três adolescentes, acompanhadas dos comentários a seguir, “[...] contribuiu para pensar mais sobre a vida e não fazer escolhas e coisas erradas”; “[...] todas as questões discutidas foram questões muito importantes,... algumas coisas que ainda não vivi e nem quero viver e outras”.

Duas pessoas fizeram a opção por “razoavelmente”, e uma delas justificou assim: “o que era aconselhado a fazer, às vezes tentei seguir”. Somente uma respondeu “pouco” e comentou: “pois eu tenho pouca paciência”. As respostas dessa questão diferiram da avaliação anterior, pois agora a metade dos participantes considerou que o grupo contribuiu “muito” no sentido de possibilitar pensar sobre suas circunstâncias de vida nesse momento, enquanto a outra metade se dividiu entre a opção “razoavelmente” e “pouco”, apontando para a complexidade de se alcançar aquilo que se pretende.

Na quinta pergunta, procuramos desenhar as possíveis mudanças em áreas específicas do relacionamento dos adolescentes: “Ao final do grupo, você percebeu alguma mudança no seu jeito de pensar sobre: sua escola; seus amigos; sua família; seus relacionamentos afetivos e sua convivência social?” Esta última área foi acrescentada nessa avaliação final. Além das opções de resposta “sim” e “não”, foi adicionada a alternativa “não sei”, para registrar possíveis dúvidas.

Os seis adolescentes responderam essa questão. Assim como na avaliação parcial, a *família* recebeu o maior número de respostas afirmativas, de cinco em seis adolescentes, e os seguintes comentários: “ter mais paciência”; “compreendê-los”; “ter mais paciência com os pais”. Um adolescente optou pela alternativa “não sei”. Nenhum deles respondeu negativamente quanto à percepção de alguma modificação na maneira de pensar sobre sua família, o que nos faz acreditar que foi realizada uma reflexão produtiva sobre os relacionamentos familiares. Curiosamente, dois adolescentes citaram a qualidade de ter paciência com os pais, característica que é mais frequentemente exigida da postura parental diante da chamada ‘crise da adolescência’. Podemos então pensar que, se há uma crise, ela certamente afeta também os pais.

Quanto às modificações “no jeito de pensar” com relação: “aos amigos; à escola e à convivência social”, cada um desses campos recebeu quatro respostas “sim”, uma

negativa e outra na alternativa “não sei”. A seguir os comentários afirmativos referentes a cada área.

Aos amigos: “saber ouvir mais”; “saber quem é realmente amigo”; “pensar no modo com que eu os tratava”; “saber escolher meus amigos, prá não cair numa enrascada”.

À escola: “ela é mais importante do que eu pensava”; “aprendi a conviver melhor com os outros”; “aprendi a pensar mais em mim, prá não me dar mal, porque a maioria faz e acontece e eu não tenho que ser igual a eles.”

À convivência social: “fiquei mais aberta aos outros”; “[...] participar mais das atividades”; “[...] nos trabalhos em grupo falo mais sobre os assuntos”; “não pensar tanto no que os outros vão falar, apesar de que ainda me preocupo um pouco com isso”.

Podemos deduzir que houve uma produção de saber, que é da ordem de um aprendizado que não se ensina, mas que se transmite, quando se trabalha sob transferência. Com relação às prováveis mudanças “no jeito de pensar” relacionadas *aos relacionamentos afetivos*, metade dos adolescentes respondeu afirmativamente, justificando assim: “saber escolher o que eu quero”; “sempre me valorizar para que os outros me valorizarem também”. Os demais marcaram a opção “não sei”, provavelmente pelo fato de que não tiveram ainda experiências mais estáveis.

A sexta pergunta dá continuidade ao questionamento anterior, agora com ênfase nas possíveis alterações no comportamento, “Ao final do grupo, você percebeu alguma mudança no seu jeito de agir: na sua escola; com seus amigos; na sua família; nos seus relacionamentos afetivos e na sua convivência social?” Todos responderam essa questão.

O item “na sua família” foi avaliado da mesma maneira que na pergunta anterior, com cinco respostas afirmativas, e uma “não sei”. As justificativas registradas foram:

“[...] respeitar mais uns aos outros”; “[...] procurei me envolver mais com minha família”; “[...] tentei conviver mais com eles, arrisquei mais”; “[...] alguns conselhos que eu ouvi de como melhorar o meu relacionamento com minha família” e “[...] família, a gente só tem uma”.

Estes comentários nos permitem pensar que o trabalho de desligamento dos pais sublinhado por Freud não implica necessariamente uma separação, mas uma mudança de posição que possibilita um novo olhar e uma nova subjetivação desse Outro.

Os itens “na sua escola” e “na sua convivência social” receberam cada um três respostas afirmativas, com os seguintes comentários relativos ao primeiro: “presto mais atenção nas aulas”; “participo das atividades em grupo” e “parei de brincar um pouco e levo as coisas mais a sério”. O segundo item foi acompanhado das seguintes justificativas: “interagir mais”; “conversar mais com as pessoas” e “não dar muita importância pro que os outros pensam”. As demais respostas relativas “à escola” foram negativas. Quanto às outras opções marcadas no item “na sua convivência social” uma foi negativa e duas “não sei”.

O item “com seus amigos” obteve duas respostas afirmativas: “interagir de forma diferente” e “dar valor aos amigos e fazer mais”, três negativas e uma “não sei”. Mais uma vez, o item: “nos seus relacionamentos afetivos” recebeu o menor índice de resposta afirmativa, somente uma: “dar mais opinião nas coisas”. As outras respostas, duas negativas e três “não sei”, parecem referendar o comentário feito anteriormente.

A 7ª questão foi respondida por todos e da mesma forma tanto na primeira parte: “Sua família comentou sobre alguma mudança ocorrida com você, depois que começou a frequentar o grupo?”, quanto na segunda: “e quanto aos seus amigos,... (idem)”. Quatro adolescentes marcaram a opção “não sei”. Somente uma jovem

respondeu “sim”, justificando que: “estava interagindo mais”. A outra respondeu negativamente, comentando que “minha mãe diz que do jeito que eu estou em casa, com ela e com toda minha família, o grupo não adiantou para mim”. Para a segunda parte justificou da seguinte forma: “eu não comentava muito do grupo para meus amigos”. Novamente nos deparamos com respostas que sugerem um desencontro entre as expectativas familiares e o comportamento do adolescente.

A oitava pergunta: “Quais dos temas discutidos mais lhe interessaram? também foi respondida por todos. Mais uma vez prevaleceram como temas de maior relevância para o grupo: “o futuro profissional” e “o relacionamento familiar”, que alcançaram seis e quatro citações respectivamente, de um total de 18 respostas. Entretanto, nesse segundo momento “o futuro profissional” alcançou maior destaque, conforme pode ser constatado nos últimos encontros do grupo. Em seguida, com duas citações surgiram: “relacionamentos afetivos”, “uso de drogas” e “trabalho”. Os temas: “sexualidade” e “convivência social” obtiveram uma resposta. Não foram mencionados os seguintes temas listados: “vida escolar; violência e lazer”.

A Nona questão, “O que você gostaria de comentar sobre o trabalho das coordenadoras do grupo?”, obteve as seguintes respostas:

“Confiei muito nelas prá falar tudo que eu queria”; “[...] elas fazem você ver o que é melhor não só prá você, mas para toda uma sociedade”; “[...] elas se tornaram uma espécie de “melhores amigas”, estando ali para nos escutar e nos aconselhar a fazer a melhor opção”; “[...] elas têm uma paciência com a gente e nos ensinam muita coisa para nós crescermos e sermos alguém na vida”; “[...] o trabalho das coordenadoras ajudou os integrantes do grupo, porque nos fez pensar sobre as coisas que estavam acontecendo com a gente”.

Alinhavando os significantes de cada um, é possível ler que os participantes do grupo concluíram que foi realizado um paciente trabalho de escuta, que suscitou

confiança e amizade e, principalmente, os colocou em trabalho de elaboração para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

A décima pergunta, “O que você acha que foi o mais importante nessa experiência de conviver com esse grupo?”, recebeu os comentários abaixo:

“Compartilhar experiências com os amigos do grupo e poder discuti-las, colocando cada um o seu ponto de vista...”;

“[...] aprender a lidar com as pessoas, saber respeitar o espaço de cada um; [...] aprender a conviver com a sociedade...; [...] saber o que é certo ou errado... foi isso que eu aprendi e estou praticando...”;

“O mais importante foi conhecer outras pessoas e o ponto de vista delas. Também gostei de saber coisas que antes não sabia e aprender com todo mundo que participou do grupo”;

“Este grupo me fez pensar e avaliar as minhas atitudes em família, pois em todos os lugares e todas as pessoas possuem problemas”;

“As pessoas têm um jeito diferente de pensar e com isso vamos aprendendo com cada um uma coisa diferente, isso nos ajuda a crescer para vencer”.

Nessa síntese escrita pelos adolescentes sobre a experiência de convivência nesse grupo, ficou demonstrada a importância de se garantir no grupo o espaço e o ponto de vista de cada um, que se somou num aprendizado múltiplo e diferenciado.